

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA
E O SENTIDO DA VIDA NO PENSAMENTO
DE VIKTOR EMIL FRANKL**

CLAUDIO LUIS NUNES

SÃO PAULO, 2014

CLAUDIO LUIS NUNES

**A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA
E O SENTIDO DA VIDA NO PENSAMENTO
DE VIKTOR EMIL FRANKL**

Dissertação apresentada à Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Orientador: Dr. Prof. Antônio Maspoli de Araújo Gomes.

SÃO PAULO, 2014

CLAUDIO LUIS NUNES

**A experiência religiosa e o sentido da vida
no pensamento de Viktor Emil Frankl**

Dissertação apresentada à Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio Máspoli de Araújo Gomes
Professor Orientador

Profa. Dra. Suzana Ramos Coutinho Bornholdt
1ª Professora Avaliadora

Profa. Dra. Patrícia Pazinato
2ª Professora Avaliadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, criador e sustentador da minha vida. A Ele toda honra, glória e louvor!

Agradeço à minha querida esposa Rosana Fonseca Nunes, fiel companheira e incentivadora dos meus estudos. Aos meus queridos filhos Amanda e Tiago. Ao meu pai Ary Nunes Francisco e à minha inesquecível e saudosa mãe Elisa Glória Malho Nunes que estaria muito feliz por mais essa conquista na minha vida.

Agradeço a Igreja Presbiteriana de Miguel Pereira e aos amigos e irmãos que me ajudaram nas viagens de carro até Vassouras ou à rodovia Presidente Dutra. Ao amigo Paulo Gustavo França (EUA) pela ajuda no abstract.

Agradeço ao amigo e orientador, Dr. Antônio Maspoli de Araújo Gomes, sempre presente. Ao professor Dr. Rodrigo Franklin de Souza, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. À Dra. Suzana Ramos Coutinho Bornholdt, pelas contribuições em metodologia e suas análises. À Dra. Patrícia Pazinato, por suas análises e contribuições. Aos professores do Programa de Pós-Graduação de Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo.

A todos meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

NUNES, Claudio L. *A experiência religiosa e o sentido da vida no pensamento de Viktor Emil Frankl*. Dissertação de Mestrado, São Paulo, Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo, 2013.

O pensamento de Viktor Emil Frankl quanto ao sentido da vida é relevante e atual, porque existe um clamor universal por esse sentido, que é escutado principalmente nas áreas urbanas onde estão concentradas as grandes massas. Parece que quanto mais a população se aglomera, quanto maior a globalização mundial avança, mais este grito por socorro é escutado. Esse grito por um sentido para vida está presente desde os mais jovens até os mais velhos e em todas as classes sociais. O mundo tem passado por transformações e nota-se nos indivíduos da sociedade contemporânea a presença de um “vácuo existencial”; a sensação de falta de sentido, de vazio interior.

Partindo desta constatação, esta pesquisa objetivou demonstrar que é possível encontrar sentido para a vida, tendo como pressuposto fundamental a descoberta do sentido da vida por cada pessoa e o uso da força cognoscitiva da mente individual.

É somente com este pressuposto que se compreende o motivo pelo qual Frankl se dedicou ao assunto sentido da vida destacando a fé, a religiosidade e a logoterapia como resposta para a questão do sentido que tem como finalidade abrir o horizonte do ser humano, mostrando a ele que, para todos aqueles que ainda conseguem se entusiasmar com alguma coisa, ainda haveria muito a fazer – um número bastante grande de tarefas espera por eles. Portanto, há sentido suficiente.

Palavras-chave: VIKTOR FRANKL, SENTIDO DA VIDA, LOGOTERAPIA.

ABSTRACT

NUNES, Claudio L. *The religious experience and the meaning of life according to the thought (philosophy) of Viktor Emil Frankl*. Master's thesis, S. Paulo, Universidade Presbiteriana Mckenzie de S. Paulo, 2013.

Viktor Emil Frankl's thought (philosophy) concerning the meaning of life is relevant and pertinent, because there is still a universal clamor for this meaning, which is heard especially in urban areas where the masses are concentrated. It looks as though the larger the concentration of people, the greater the globalization of the world advances, the louder this cry for help is heard. This cry for a meaningful life is present both in the young as well as in older adults in all social classes. The world has lived through transformations and an "existential vacuum" is visible in the individual of today's society; the sensation of the lack of meaning, an interior emptiness.

Beginning with this observation, this research has as its objective to demonstrate that it is possible to find meaning to life, having as a fundamental presupposition the discovery of the meaning of life by each person and the use of the cognitive power of the individual mind.

It is only through this presupposition that it is possible to understand the reason why Frankl dedicated himself to the topic of the meaning of life emphasizing the role of faith, religiosity and logotherapy as the answer for the question about the meaning [of life] that has as its objective to widen the horizon of the human being, thus showing that, to all who can still be enthusiastic about something, there could still be much to do – a significant number of tasks awaits them. Therefore, there is enough meaning.

Keywords: VIKTOR FRANKL, MEANING OF LIFE, LOGOTHERAPY.

Seção	
Página	
RESUMO	
.....	v
ABSTRACT.....	vi
INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO 1 – O CONCEITO DE RELIGIÃO EM VIKTOR FRANKL	11
1.1 VIKTOR FRANKL.....	12
1.2 A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA DE VIKTOR FRANKL.....	19
1.3 O CONCEITO DE RELIGIÃO EM VIKTOR FRANKL.....	27
CAPÍTULO 2 – A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E O SENTIDO DA VIDA.....	37
2.1 EM BUSCA DE UM SENTIDO PARA A VIDA.....	37
2.2 O SENTIDO DA VIDA.....	46
2.3 A NECESSIDADE HUMANA DA BUSCA DE SENTIDO PARA A VIDA...	56
CAPÍTULO 3 – O SENTIDO DA VIDA NA LOGOTERAPIA DE VIKTOR FRANKL	
.....	65
3.1 CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA LOGOTERAPIA.....	65
3.2 A LOGOTERAPIA NA CONTEMPORANEIDADE.....	75
3.3 LOGOTERAPIA E SENTIDO DA VIDA.....	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	96

INTRODUÇÃO

É cada vez mais perceptível a falta de sentido da vida na sociedade atual. Muitas pessoas estão vivendo um vazio existencial, tentando encontrar sentido para suas vidas. Alguns estão levando suas vidas à sombra do pensamento de Heidegger (1982) que dizia: “somos ‘lançados’ no mundo, sem escolha pessoal, sem conhecimento prévio deste mundo que está aí diante de nós e estará aí depois de nós. Não sabemos a que fim fomos lançados na existência”. Esse pensamento retrata a angústia da alma. Entretanto, é justamente esse desconhecimento que torna a condição “lançada” da existência humana mais enfática e palpável. A existência é uma questão de assumir ou não a própria vida.

A grande maioria da população vive um totalitarismo ou um conformismo. O consumismo tem aumentado dia após dia e a banalização do sexo cada vez presente na sociedade. Toda estrutura familiar, educativa e religiosa que duraram dois mil anos para serem aprendidas e aprimoradas estão caindo sob os nossos olhos, influenciados pela televisão e pela internet. Parece que a humanidade está retornando à sua forma mais primitiva, uma sociedade sem tradições, sem limites.

É neste contexto que o presente trabalho pretende investigar a experiência religiosa e o sentido da vida no pensamento de Viktor Frankl. Este trabalho pretende avaliar a relação entre a experiência religiosa e o sentido da vida em Viktor Frankl e identificar a contribuição de Viktor Frankl para a sociedade contemporânea. Este tema é bem abrangente e pertence ao campo do conhecimento da Psicologia Social, da Religião, da Sociologia, da Filosofia, da Teologia, do Humanismo, da Psicoterapia Existencial e da Logoterapia.

Viktor Frankl era judeu, psiquiatra, professor de Neurologia e Psiquiatria e professor de Logoterapia. É o fundador da Logoterapia, muitas vezes chamada de “terceira escola vienense de psicoterapia” (as duas primeiras são da Psicanálise de Freud e a da Psicologia Individual de Adler). Frankl tinha, com a Logoterapia, o objetivo de construir um padrão firme na vida de seus pacientes, com sentido e responsabilidade.

Através da revisão bibliográfica de Viktor Frankl foi possível discorrer sobre sua relevante contribuição ao sentido da vida do ser humano. O trabalho procurou investigar a vida e a obra de Viktor Frankl que é o principal objeto de análise da presente pesquisa. Percorrendo o legado de Frankl percebemos sua grande contribuição para os questionamentos da humanidade no tocante ao sentido da vida.

O primeiro capítulo tem como propósito apresentar o conceito de religião em Viktor Frankl. A primeira seção pesquisa sobre quem é Viktor Frankl. Sua vida pessoal, familiar, profissional, sua experiência nos campos de concentração nazista. A segunda seção trata da experiência religiosa de Viktor Frankl. E a terceira seção fala sobre o conceito de religião em Viktor Frankl.

O segundo capítulo do trabalho tem como propósito apresentar a experiência religiosa e o sentido da vida. Na primeira seção, o trabalho visa mostrar, segundo a análise de Frankl, a humanidade em busca de um sentido para a vida. A segunda seção trata do sentido da vida, onde Frankl diz que não existe um sentido único para a humanidade. Cada pessoa tem seu próprio sentido, em um determinado momento da sua vida. A terceira seção desse capítulo trata da necessidade humana da busca de sentido para a vida. Todo ser humano precisa encontrar o seu sentido e, segundo Frankl, não se deve incitar sentido às pessoas, mas deixar que cada pessoa encontre, naturalmente, sua razão, seu sentido para viver.

O terceiro capítulo trata do sentido da vida na Logoterapia de Viktor Frankl. A primeira seção trata dos conceitos fundamentais da Logoterapia, onde Frankl mostra os vários sentidos que a vida pode ter na vida dos seres humanos. A segunda seção apresenta a Logoterapia na contemporaneidade. Uma interessante abordagem sobre o sentido da vida na Logoterapia de Frankl. Na logoterapia, o Dr. Frankl, procura abrir o horizonte do ser humano, mostrando a ele que, para todos aqueles que ainda conseguem se entusiasmar com alguma coisa, ainda haveria muito a fazer – um número bastante grande de tarefas espera por eles. Portanto, há sentido suficiente. A terceira seção encerra com a Logoterapia e sentido da vida, onde vemos o Dr. Frankl trazendo fortes argumentos em favor da preservação da vida através do sentido que ela tem.

Que o presente trabalho possa servir para fomentar novas reflexões, novas formas de compreensão da questão religiosa e do sentido da vida para os leitores. Viktor Frankl deixou um legado muito importante no auxílio ao ser humano em descobrir o seu próprio sentido para a vida.

Capítulo 1 – O CONCEITO DE RELIGIÃO EM VIKTOR FRANKL

Desde o início dos tempos alguns mistérios do universo atormentam a humanidade. Alguns destes mistérios questionados são: Deus existe? De onde viemos? O que acontece após a morte? A alma existe? Há vida fora da Terra? E, qual é o sentido da vida? Novas descobertas e novas respostas da ciência a cada dia são reveladas pela mídia, mas grande parte destas questões, mesmo sendo utilizado o método científico proposto por Galileu Galilei no século 16, ainda não foi possível desvendar estes mistérios. “Um grito não escutado por um sentido para a vida” (FRANKL, 2005, P.13) continua ecoando na humanidade enquanto aguarda a resposta.

O mundo tem passado por transformações e, nota-se nos indivíduos da sociedade contemporânea a presença do chamado vácuo existencial; a sensação de falta de sentido, de vazio interior. Frankl declara:

Ora, mas é justamente a vontade de sentido que é amplamente frustrada atualmente. Com uma medida crescente apodera-se do homem de hoje um sentimento de ausência de sentido, que entra em cena normalmente junto com um sentimento de “vazio interior” – trata-se do “*vácuo existencial*” que foi descrito e designado por mim enquanto tal. Esse “*vácuo existencial*” manifesta-se principalmente sob a forma do tédio e da indiferença. Neste contexto, enquanto o tédio significa uma perda de interesse – interesse pelo mundo -, a indiferença designa uma falta de iniciativa – a falta da iniciativa de transformar algo no mundo, de melhorar algo! (FRANKL, 2012, p. 282).

Percebe-se, numa grande quantidade de pessoas, o sentimento de futilidade e a frustração existencial. Essa neurose em massa e falta de sentido deve-se porque, diferentemente do homem de tempos passados, hoje ele não é mais constrangido pelas tradições e por valores tradicionais e universais que lhes diziam o que fazer. Então, sem saber o que ele *tem* que fazer ou o que ele *deveria* fazer, algumas vezes parece não saber mais o que ele basicamente *deseja* fazer. Como consequência disso, ou ele entra num *conformismo* simplesmente desejando fazer o que as outras pessoas estão fazendo; ou num *totalitarismo*, isto é, apenas faz aquilo que as outras pessoas querem que ele

faça. Esta é a origem do vácuo existencial.

Com a queda das tradições no campo da religião e de um modo geral, nota-se que os jovens são os mais atingidos por esta perda de valores tradicionais. Mas, o Dr. Frankl, sempre assegurou que uma razão de ser pode ser encontrada em todas as pessoas, tanto em religiosos quanto nos que não tem religião, embora diga que é mais fácil encontrar sentido na vida de uma pessoa religiosa.

Neste primeiro capítulo da pesquisa, o pesquisador investigou sobre o conceito de religião de Viktor Frankl. sobre a vida de Viktor Frankl e pôs em foco a experiência religiosa de Viktor Frankl e a religião.

1.1 – Viktor Frankl

Viktor Emil Frankl nasceu em 26 de março de 1905, em Viena capital da Áustria. Filho de Elsa e Gabriel Frankl. Tinha dois irmãos: Walter e Estella Frankl. Seu pai era funcionário público chegando a ser diretor do Ministério de Assuntos Sociais em Viena. “De modo geral, meu pai era religioso, mas nunca abriu mão de ter seus pensamentos críticos. Por pouco ele teria sido o primeiro judeu liberal eminente na Áustria, ou um representante daquilo que mais tarde seria chamado nos Estados Unidos de ‘judaísmo reformado’” (FRANKL, 2010, p. 22). Viktor foi um homem inteligente, corajoso e que revelou um grande amor ao ser humano. Ele dedicou grande parte da sua vida ao sentido da existência humana.

Desde a sua adolescência Frankl se inclinava na busca para o sentido da vida e para a psicanálise. Ele recorda:

Existe, portanto, no homem, uma vontade de sentido; [...] Recordo-me agora de um episódio que me aconteceu quando eu tinha treze anos. Um dia meu professor de ciências passeava entre os bancos da classe e ensinava aos alunos, que no fundo no fundo, a vida não era senão um processo de combustão, um processo de oxidação. Eu levantei-me e sem pedir permissão, como era ainda costume, lancei-lhe a pergunta: “Que sentido tem então a vida?” Naturalmente, ele não podia responder-me porque era um reducionista. (FRANKL, 2005, p. 31).

Frankl era contemporâneo de Sigmund Freud. Viviam na mesma cidade, mas não tinham se encontrado pessoalmente. Com quinze anos de idade, Frankl passou a se corresponder com Freud. Em 1921 escreveu seu primeiro trabalho e fez sua primeira conferência sobre o sentido da vida. Somente em 1925 se encontrou pessoalmente com Freud. “Não apenas me correspondi com Freud, como também certa vez o encontrei por acaso. Nessa época, não estava mais no ensino médio, mas na Faculdade de Medicina” (FRANKL, 2010, p.55). Duas escolas vienenses clássicas da psicoterapia estavam em destaque: a psicologia de Freud e a psicologia individual de Alfred Adler. Frankl analisa as duas escolas e identifica sua própria teoria:

Ora, enquanto uma teoria motivacional girar em torno da “vontade de prazer” – como quer que possamos renomear a partir de agora o princípio do prazer no sentido de Freud -, ou, então em torno da aspiração por superioridade no sentido de Adler, tratar-se-á de uma típica psicologia profunda. Em contrapartida, uma “psicologia elevada” também inseriria em sua imagem do homem aquelas aspirações que precisariam ser assentadas “para além do princípio do prazer” e da vontade de poder, E entre essas aspirações, a busca do homem por sentido precisa ser colocada com certeza em primeiro lugar. (FRANKL, 2012, p. 281).

Frankl, ao contrário do que disse Adler, leva em conta a autotranscendência da existência. “Frankl foi professor de Neurologia e Psiquiatria na Universidade de Viena, além de lecionar nos Estados Unidos, tanto em Harvard quanto nas universidades em Dallas e Pittsburgh” (FRANKL, 2010, p. 159). Mas não foram os estudos que lhe revelaram todo o legado sobre o sentido da vida. Ele observou seu próprio comportamento e o comportamento das demais pessoas em situações-limites do campo de extermínio nazista em Auschwitz durante a Segunda Guerra Mundial.

Ele pode distinguir três fases nas reações psicológicas do prisioneiro ante a vida no campo de concentração: a fase da recepção no campo, a fase da vida em si no campo de concentração e a fase após soltura, ou melhor, da libertação do campo. (FRANKL, 2008, p. 22). Milhares de pessoas passaram

pelo campo de concentração, muitas delas morreram e muitas outras emergiram dele carregadas de amargura e de rancor. Mas, Frankl saiu de Theresienstadt trazendo consigo uma das mais belas mensagens de esperança que a ciência da alma pode contribuir para os homens do século XX e séculos posteriores.

Frankl casou-se em dezembro de 1941 com Tilly Grosser, mas ela morreu em 1945. Frankl, (2010, p. 108) lembra: “Em agosto de 1945, soube que Tilly tinha morrido em Bergen-Belsen. E que morreu depois da libertação pelas tropas inglesas.” Casou-se segunda vez em 1947 com Eleonore Katharina. Teve uma filha chamada Gabriele, que casou-se com Franz Vesely (Professor de Física na Universidade de Viena). Tiveram dois filhos Katharina e Alexander, netos de Frankl.

No período da Segunda Guerra Mundial, em setembro de 1942, por serem judeus, Viktor, sua mulher grávida e família, foram deportados pelos nazistas para diferentes campos de concentração, tendo ele recebido a tatuagem de prisioneiro nº 119.104. Frankl (2008, p.18) comenta: “Não é sem orgulho que digo não ter sido mais que um prisioneiro “comum”, nada fui senão o simples nº 119.104.” Ele foi libertado ao fim da guerra. Entre 1942 e 1945, Frankl passou por vários campos de concentração, Dachau, Theresienstadt e Auschwitz, sendo estes dois últimos considerados os piores (FRANKL, 2008, p.49). Ele descreveu a recepção no campo de concentração:

O trem começa a manobrar frente a uma grande estação. De repente, do amontoado de gente esperando ansiosamente no vagão surge um grito: “Olha a tabuleta: Auschwitz!” Naquele momento não houve coração que não se abalasse. Todos sabiam o que significava Auschwitz. Esse nome suscitava imagens confusas mas horripilantes de câmaras de gás, fornos crematórios e execuções em massa. O trem avança lentamente, como que hesitando, como se quisesse dar aos poucos a má notícia à sua desgraçada carga humana: Auschwitz. (FRANKL, 2008, pp. 22-23)

Frankl, como prisioneiro, trabalhou a maior parte do tempo em escavações e na construção de ferrovias. O que proporcionou a Frankl sair do campo de concentração com vida foi que ele decidiu firmemente que entraria nele

e não deixaria que seu espírito se abatesse pelos alçózes do seu corpo e que manteria a integridade da sua alma. Em meio às adversidades no campo de concentração, Frankl mantinha seu pensamento na sua mulher agarrado a uma fantasia incrivelmente viva, que jamais conhecera antes na vida normal. “Converso com minha esposa. Ouço-a responder, vejo-a sorrindo, vejo seu olhar como que a exigir e a animar ao mesmo tempo; e – tanto faz se é real ou não a sua presença [...]” (FRANKL, 2008, p. 55).

Em Auschwitz ele observou que dentre todos os prisioneiros os que melhor conservavam o autodomínio e a sanidade eram aqueles que tinham um objetivo: sobreviver. Esta obrigação podia ser para com uma fé religiosa onde o prisioneiro crente que acreditava no julgamento divino, superava as adversidades do momento. Podia ser para com uma causa social, cultural ou política: afrontas, humilhações e tormentos tornavam-se partes ou etapas no caminho da vitória. Podia ser também, para com um ser humano, objeto de amor e cuidados: a esperança de reencontrar parentes que estavam fora do campo. Qualquer que fosse a missão a ser cumprida, demudava a situação, inspirando um sentido ao sem sentido do presente. A vontade do homem de encontrar um sentido para a vida “é a propulsão motivacional da existência” (CAMON, 1984, p. 19).

O segredo da força de alguns homens, concluiu Frankl, era o sentido da vida. Mas, aqueles privados de uma razão para suportar o sofrimento externo, eram perseguidos interiormente por um tirano mais aleivoso que Adolf Hitler - a sensação de viver uma vida fútil, sem significado. Frankl descreve o sentimento diurnal que ousa impor-se interiormente nos prisioneiros:

Após o primeiro estágio de choque, o prisioneiro passa para o segundo estágio, a fase de relativa apatia. A pessoa aos poucos vai morrendo interiormente. [...] Surge, sobretudo, indizível saudade de seus familiares. Uma saudade tão ardente, que só resta uma sensação: a de se consumir. (FRANKL, 2008, p. 35).

Mas, apesar da constante ameaça dessa apatia, Frankl tinha motivos para viver: sua fé, sua vocação e a esperança de encontrar sua esposa e seus familiares. Num lugar onde milhares de prisioneiros perderam tudo,

entregando os pontos espiritual e humanamente, Frankl recuperou sua vida e adquiriu uma enorme experiência a ser compartilhada.

A observação psicológica dos reclusos, no campo de concentração, revelou que somente sucumbe às influências do ambiente no campo, em sua evolução de caráter, aquele que entregou os pontos espiritual e humanamente. Mas somente entregava os pontos aqueles que não tinham mais em que se segurar interiormente! (FRANKL, 2008, p. 93).

Frankl foi liberto ao fim da guerra. Após a libertação, infelizmente, não reencontrou sua esposa Tilly, pois ela morreu de esgotamento simultaneamente à libertação do campo de Bergen-Belsen. Viktor também perdeu seus pais e seu irmão no holocausto nazista. Sobre o efeito resultante desses fatos Frankl (2008, p.114) relata: “Literalmente, desaprendemos o sentimento de alegria. Será necessário aprender de novo a alegrar-se”.

Ele não reencontrou sua esposa nem seus familiares, mas reencontrou sua profissão. De 1946 a 1970 ele foi diretor da Policlínica Neurológica de Viena. Essa dedicação inicial do seu trabalho na Policlínica foi resultado do conhecimento que tinha quanto aos perigos psicológicos que corriam os prisioneiros após a libertação do campo de concentração. Frankl (2008, p.116) afirma: “Uma pessoa que esteve sob a incrível tensão psicológica de um campo de concentração [...] mesmo após a libertação, naturalmente está ameaçada por certos perigos psicológicos”. Isto motivou Frankl a continuar em sua profissão e tarefa:

Essa desilusão, que esperava grande parte dos prisioneiros, foi, para muitos deles, uma experiência difícil de superar – e era difícil mesmo para um psicoterapeuta enfrentá-la no tratamento do paciente. Essa observação, no entanto, não deveria desanimar o psicoterapeuta. Ao contrário, a dificuldade deve resultar em estímulo, pois constitui desafio e tarefa. (FRANKL, 2008, p. 119).

Além do seu trabalho na Policlínica, Frankl foi professor visitante na Universidade de Harvard e nas universidades em Pittsburgh, San Diego e

Dallas. A Universidade Internacional na Califórnia instalou uma cadeira especial para logoterapia - esta foi a escola psicoterapêutica fundada por Frankl, muitas vezes chamada de Terceira Escola Vienense (após a psicanálise de Freud e da psicologia individual de Adler). Sobre sua própria teoria, a logoterapia, Frankl (2008, p. 123) explica: “Na logoterapia o paciente pode ficar sentado normalmente, mas precisa ouvir certas coisas que, às vezes, são muito desagradáveis de se ouvir”.

A logoterapia, ou, como tem sido chamada por alguns autores, a “Terceira Escola Vienense de Psicoterapia”, concentra-se no sentido da existência humana, bem como na busca da pessoa por esse sentido. Para a logoterapia, a busca de sentido na vida da pessoa é a principal força motivadora no ser humano. (FRANKL, 2008, p. 124).

A Logoterapia chegou até mesmo ao papa. Frankl foi convidado para uma audiência especial com o papa Paulo VI no Vaticano. Ele conta:

Quero aqui dar mais detalhes sobre minha audiência com o papa. Minha mulher me acompanhou, e ambos ficamos profundamente impressionados. Paulo VI nos cumprimentou em alemão e continuou em italiano, com um religioso servindo de tradutor. O papa reconheceu a importância da Logoterapia não só para a Igreja católica, mas para toda a humanidade. Mas ele também reconheceu meu comportamento no campo de concentração, embora, francamente falando, eu não sei a que ele se referia concretamente.

Quando nos despedimos, caminhando em direção à saída, ele recomeçou subitamente a falar em alemão e disse para mim, o neurologista judeu de Viena, literalmente:

- Por favor, reze por mim! (FRANK, 2010, p. 149).

Frankl sempre se manteve focado no sentido da vida e na força cognoscitiva da mente individual; investiu na sua teoria e foi bem sucedido. Ele recebeu 29 doutoramentos *honoris causa* de universidades em todas as partes do mundo. A Associação Psiquiátrica Americana concedeu-lhe o Prêmio Oskar

Pfister. Frankl lecionou ainda nas universidades de Harvard, Stanford, Dallas e Pittsburgh. Foram publicados 151 livros sobre Frankl e sua obra por outros autores. Seus 39 livros foram publicados em 38 línguas – incluindo japonês, chinês e russo. “A edição americana de *Man’s search for meaning* vendeu mais de nove milhões de exemplares. Segundo a Biblioteca do Congresso, em Washington, trata-se de ‘um dos dez livros mais influentes dos Estados Unidos’” (FRANKL, 2010, p. 159).

“A U.S. International University na Califórnia criou, especialmente para ele, uma cátedra de Logoterapia. A Áustria o distinguiu com sua mais alta honraria, destinada a conquistas no campo da ciência. A Academia Austríaca das Ciências elegeu-o membro honorário” (FRANKL, 2010, p. 159).

Além de títulos, livros e artigos, Frankl fez inúmeras conferências as quais lhe davam muito prazer. As muitas viagens de conferências, para as quais recebeu convite de mais de 200 universidades, levaram Frankl a muitos países de todos os continentes, inclusive ao Brasil, onde esteve em 1984. Sua última conferência na Universidade de Viena aconteceu no ano de 1995.

Sobre o envelhecer, Frankl não reclamava por envelhecer. Para ele o envelhecimento não o incomodava, pois ele estava convencido de que amadurecia na mesma medida em que envelhecia. Ele comenta:

No fim das contas, envelhecer é um aspecto da transitoriedade da existência humana, mas essa transitoriedade é, na verdade, o único grande incentivo à responsabilidade, ao reconhecimento da responsabilidade como traço básico e essencial da existência humana. Por isso pode ser adequado repetir, junto a esse esboço autobiográfico, a máxima da Logoterapia que formulei certo dia em sonho e estenografei logo ao acordar, publicando-a em *Psicoterapia e sentido da vida*: Viva como se já estivesse vivendo pela segunda vez, e como se na primeira vez você tivesse agido tão errado como está prestes a agir agora. (FRANKL, 2010, p. 147).

Frankl faleceu de parada cardíaca em 02 setembro de 1997, em Viena, aos 92 anos. Pouco antes de falecer publicou *Man's Search for Ultimate Meaning and Recollections: An Autobiography*.

Conclui-se, portanto, que Viktor Emil Frankl deixou-nos um legado de amor à vida e esperança para o ser humano. Para ele enquanto existisse vida e vontade haveria a luz da esperança.

O próximo capítulo apresentará um estudo do conceito da religiosidade de Viktor Frankl.

1.2 – A experiência religiosa de Viktor Frankl

“A psicologia profunda segue o ser humano até as profundezas de seus instintos, mas muito pouco às profundezas do seu espírito”. Viktor Frankl

Neste capítulo sobre o conceito de religião em Viktor Frankl, viu-se na seção anterior sobre sua vida e sua obra. Nesta seção, o tema é a religiosidade de Frankl. Trata-se de “uma espécie de fé inconsciente e de um inconsciente transcendental que inclui a dimensão religiosa” (FRANKL, 2007, p.7). Viktor Frankl fundou a Logoterapia ou Terceira Escola Vienense de Psicoterapia. A Logoterapia busca compreender, numa abordagem fenomenológica, existencialista, humanista e teísta, a existência através dos fenômenos humanos, identificando sua dimensão noética ou dimensão espiritual que, no seu dinamismo próprio, pode chegar a despertar a vivência de uma religiosidade.

A logoterapia faz uma análise existencial do indivíduo. Segundo Frankl (2007, p.6): “[...] ela reconhece na pessoa a “dimensão noológica” situada além do psicofísico, numa visão mais ampla que inclui o espiritual, entendida não apenas como dimensão religiosa, mas valorativa, intelectual e artística”. No capítulo 3 desta pesquisa será evidenciada a Logoterapia.

Frankl aplica o conceito de inconsciente, encontrando em seu conteúdo, além da impulsividade inconsciente, uma espiritualidade inconsciente. Frankl (2007, p.19) diz que “o inconsciente não se compõe unicamente de elementos instintivos, mas também espirituais”.

Anteriormente, através da chamada logoterapia – considerada uma “psicoterapia a partir do espiritual”- já havíamos tentado introduzir na prática médica o espiritual, como um âmbito essencialmente diferente e independente da esfera psicológica *stricto sensu*, constituindo um

complemento necessário à psicoterapia tradicional. Agora surge a necessidade de incluir o espiritual no inconsciente, o que precisamente chamamos de inconsciente espiritual. (FRANKL, 2007, p. 19).

Com isso, Frankl (2007, p.6) “afasta toda intelectualização e racionalização unilaterais sobre a essência do ser humano, que reconhecem-no somente a partir da razão. Ele vê no ser humano uma unidade na totalidade que inclui: corpo, psiquismo e espírito (*noos*)”.

Frankl (2007, p.57) diz que: “ser humano significa ser consciente e responsável, ou, em outras palavras, a síntese ou ‘potenciação’ de ambos na consciência da responsabilidade, no estar consciente de ter responsabilidade”. “Ele via o espiritual dentro do inconsciente, algo como um *logos* inconsciente. Dentro do ser humano existe uma espiritualidade inconsciente, pertencente ao eu, onde, na profundidade inconsciente, são tomadas as grandes decisões existencialmente autênticas” (FRANKL, 2007, p. 57). Além da consciência da responsabilidade, ou responsabilidade consciente, deve existir algo como uma responsabilidade inconsciente.

Frankl introduziu na prática terapêutica uma psicologia a partir do espiritual, incluindo a dimensão da religiosidade no inconsciente humano. Desde a clássica interpretação dos sonhos com base no método de associação livre, introduzido na ciência por Freud, Frankl também utilizou essas possibilidades. “Descobriu a religiosidade em estado latente no interior do sujeito, muitas vezes só revelada através da análise dos sonhos, inclusive de pessoas irreligiosas” (FRANKL, 2007, p. 6). “Os sonhos se originam da consciência, ou seja, do mais íntimo do inconsciente espiritual” (FRANKL, 2007, p. 40).

Frankl (2007, p. 43) observou um fato de muita importância com relação a religiosidade das pessoas: “a constatação de que o religioso, às vezes, é camuflado com pudor”. O pudor é um comportamento absolutamente natural e, não pode ser interpretado sempre como uma inibição neurótica. O pudor, inclusive no amor, exerce uma função protetora. Consiste em evitar que algo se torne mero objeto, um objeto para os espectadores. O amor tem aversão a ser observado. Quanto à religiosidade das pessoas, Frankl afirma que “o ser humano teme que algo que lhe é sagrado seja profanado” (Frankl, 2007, p. 44). E, ainda

mais, digno de nota, ele observou que “pessoas facilmente se dispõem a falar de sua vida sexual, até dos detalhes mais íntimos, mesmo perversos, mostram “inibições” quando se toca na experiência religiosa íntima” (FRANKL, 2007, pp.45-46).

Depois do que foi dito sobre o caráter verdadeiramente “íntimo” da religiosidade autêntica, não nos causará mais espanto saber da possibilidade de uma tal “repressão” da religiosidade, de seu ocultamento psicológico diante do eu consciente. Também não nos surpreenderá encontrar, às vezes, sonhos flagrantemente religiosos até em pessoas manifestamente irreligiosas, pois agora conhecemos as razões profundas e essenciais ao ser das quais surge não apenas uma libido inconsciente e reprimida, mas também uma *religio* igualmente inconsciente e reprimida. Pelo exposto torna-se claro, porém, que, enquanto a primeira faz parte do inconsciente instintivo, a segunda pertence essencialmente ao inconsciente espiritual. (FRANKL, 2007, p. 47).

Jung compreendia que “a ausência de religião seria um dos fatores dos transtornos psíquicos” (Jung 1958, p.32), mas Frankl não vê desse modo. Para ele, “o ser humano irreligioso é aquele que aceita sua consciência na sua facticidade psicológica, [...] deteve-se antes do tempo no seu caminho em busca de sentido, já que não foi além de sua consciência, não perguntou além dela” (FRANKL, 2007, p. 52). Ele não vai adiante porque não quer perder o chão firme sob seus pés, pois o verdadeiro pico não está visível para ele, está oculto e ele não quer se arriscar. Somente uma pessoa religiosa assume esse risco.

O ser humano tem a possibilidade básica da decisão negativa ou positiva quanto a religiosidade. “A liberdade para tal decisão é uma liberdade desejada e criada por Deus; a pessoa é a tal ponto livre que [...] pode se decidir contra seu próprio Criador, que pode inclusive renegar Deus” (FRANKL, 2007, P.52).

Dentro dessa liberdade de espírito e de decisão, Frankl (1973) menciona a falta de preocupação do homem religioso quanto ao sentido para o fim, pois este teria a Providência Divina como resposta. O homem religioso seria alguém que tem como interlocutor seu Deus, “é aquele que, ao atender ao falado,

experimenta a vivência de alguém que lhe fala” (FRANKL, 1973, p.97). É alguém que acredita na salvação e na vinda de um Messias, o qual proporciona paz de espírito e diminui o temor quanto a morte.

Voltando ao inconsciente espiritual, a essa tendência inconsciente para Deus, Frankl chamou de estado inconsciente de relação com Deus ou presença ignorada de Deus. Não é a divinização do inconsciente, nem uma afirmação panteísta ou ocultista, nem a afirmação teológica de que Deus vive no inconsciente, mas uma espécie de fé inconsciente e de um “inconsciente transcendental” que inclui a dimensão religiosa. “A análise existencial descobriu, dentro da espiritualidade inconsciente do ser humano, algo como uma religiosidade inconsciente no sentido de um relacionamento inconsciente com Deus” (FRANKL, 2007, p.58). Seria uma relação com o transcendente que é imanente no ser humano, embora muitas vezes permaneça latente.

Sempre houve no ser humano uma tendência inconsciente em direção a Deus, sempre existiu uma ligação intencional, embora inconsciente, com Deus. Essa fé inconsciente da pessoa está englobada e incluída no inconsciente transcendente. A formulação de um Deus inconsciente não significa que Deus, em si mesmo e por si mesmo, seja inconsciente; ao contrário, quer dizer que, às vezes, “Deus permanece inconsciente para nós, que nossa relação com ele pode ser inconsciente, ou reprimida, e, assim, oculta para nós mesmos” (FRANKL, 2007, p. 58). Um paciente de Frankl declarou: “Os homens são claramente ligados à natureza e a Deus, embora não saibam disso”.

Frankl mencionou que no livro dos Salmos fala-se de um “Deus oculto” e também fez referência ao termo “ao Deus desconhecido” inscrito em um altar vazio no Areópago em Atenas.

De pé, então, no meio do Areópago, Paulo falou:
- “Cidadãos atenienses! Vejo que, sob todos os aspectos, sois os mais religiosos dos homens. Pois percorrendo a vossa cidade e observando os vossos monumentos sagrados, encontrei até um altar com a inscrição: ‘Ao Deus desconhecido’. Ora bem, o que adorais sem conhecer, isto venho eu anunciar-vos”(BÍBLIA, N.T., Atos, 17, 22-23, p.1934).

A formulação de um “Deus inconsciente” significaria então a relação oculta da pessoa com Deus. Devem-se evitar três possíveis interpretações errôneas dessa formulação. Em primeiro lugar, ela não poderia ser interpretada num sentido panteístico. O inconsciente, ou até o id, por exemplo, não é divino. O inconsciente é também espiritual e engloba em si a religiosidade, mas jamais poderia ele próprio ser rodeado com o nimbo de divino. Em segundo lugar, ela não poderia ser interpretada num sentido ocultista. O inconsciente não é onisciente e não sabe mais do que o eu. O id não conhece mais do que o “eu”. Não se pode atribuir ao inconsciente nenhum atributo divino, neste caso, o atributo da onisciência. E, em terceiro lugar, nunca se pode afirmar “que o inconsciente não somente não é divino, nem onisciente, mas, acima de tudo, ao constituir uma relação inconsciente com Deus, não é ‘id-ificado’” (FRANKL, 2007, p. 60).

Frankl acreditava que Jung cometeu um grande erro nessa questão. Para Frankl, Jung errou desviando a religiosidade inconsciente para a região do id, e, com isto, deu ao Deus inconsciente uma localização falsa. “Jung deslocou a religiosidade inconsciente para o id, atribuiu-a ao id. No sentido que Jung lhe deu, o eu não era responsável pelo elemento religioso, esse não era da competência do eu; o religioso não pertencia à responsabilidade e decisão do eu” (FRANKL, 2007, pp. 60-61).

De acordo com Jung, “há ‘algo’ na pessoa, um ‘id’ que é religioso, mas não é que o ‘eu’ seja religioso; o ‘id’ a impulsiona em direção a Deus; neste caso, porém, não é a pessoa quem se decide por Deus”. Segundo Jung, a religiosidade inconsciente está ligada a arquétipos religiosos, a elementos do inconsciente arcaico ou coletivo. A religiosidade inconsciente pouco tem a ver com uma decisão pessoal do ser humano; representa um evento coletivo, típico no ser humano.

Nós, porém acreditamos que a religiosidade nunca poderia se originar num inconsciente coletivo, justamente porque pertence às decisões pessoais, às decisões mais pessoais e próprias do eu, decisões essas que podem, de fato, ser inconscientes, mas nem por isso precisam fazer parte da esfera dos impulsos do id. (FRANKL, 2007, p. 61).

H. Bazinger, da escola de Jung, diz: “Podemos falar de um *impulso religioso* como falamos de um impulso sexual ou agressivo” (Bazinger, 1947, pp. 281-282, grifo do autor). Frankl discorda perguntando: “que religião seria essa, para qual sou impelido tal como para o sexo? Não daríamos um centavo por uma religiosidade que devemos a um ‘impulso religioso’”(Frankl, 2007, p. 61). Segundo Frankl, a verdadeira religião tem caráter de decisão e não de impulso. A religiosidade deixa de sê-la quando predomina o caráter de impulso. Ou ela é existencial ou não é nada.

Para Freud e para Jung, o inconsciente e também o inconsciente religioso, continua sendo algo que determina a pessoa, diferenciando do que Frankl afirma. Para ele a religiosidade inconsciente e, de modo geral, todo inconsciente espiritual constituem um ser inconsciente que decide e não um ser impelido do inconsciente. Para ele, “o inconsciente espiritual e, sobretudo, a religiosidade inconsciente, ou seja, o inconsciente transcendente, não são um inconsciente determinante, mas existente” (FRANKL, 2007, p. 62). Como tal, em todo caso pertence à existência espiritual (inconsciente) e não à facticidade psicofísica.

Jung entende por arquétipos “uma qualidade ou condição estrutural própria da psique que, por sua vez está ligada de alguma forma ao cérebro” (JUNG, 1990, p. 55). Dessa forma, a religiosidade se transforma numa questão do psicofísico humano, quando, na realidade, seria uma questão do portador desse psicofísico, ou seja, da pessoa espiritual. Frankl explica:

Para Jung, os arquétipos religiosos, são meras imagens impessoais de um inconsciente coletivo, que são simplesmente encontradas, praticamente prontas, no inconsciente individual – justamente como fatos psicológicos, como partes da facticidade psicofísica; e, a partir daí, invadem arbitrariamente, quando não forçosamente, nossa pessoa, como se estivessem passando por cima dela. Nós, porém, achamos que a religiosidade inconsciente provém do centro do ser humano, da própria pessoa (e, neste sentido, verdadeiramente “existe”), a não ser que permaneça latente na profundidade da pessoa, justamente no

inconsciente espiritual, como religiosidade reprimida (FRANKL, 2007, p. 62).

Para Frankl, a religiosidade no ser humano não é inata. Ela não pode ser inata por não estar presa ao biológico. Mas, ele não nega que toda religiosidade sempre segue certas linhas e esquemas preestabelecidos; porém, tais esquemas não são formados pelos supostos arquétipos inatos e herdados, mas pelas correspondentes formas confessionais já existentes que são preenchidas pela religiosidade. Tais configurações, de fato, existem, porém essas imagens religiosas primitivas não constituem arquétipos não aparentes em nós e não são transmitidas por vias biológicas, mas “representam imagens recebidas por tradição de nosso respectivo ambiente religioso-cultural. Esse mundo de imagens, portanto, não é inato em nós; somos nós que nascemos dentro dele” (FRANKL, 2007, p. 63).

Frankl entende que o ser humano já encontra algo para onde canalizar sua religiosidade, algo de fato preexistente do qual se apodera de maneira existencial. Ele não considera que as imagens primitivas prontas, como as orações dos nossos pais, os ritos das nossas igrejas, as revelações dos nossos profetas e os exemplos dos nossos pais, são arquétipos.

Segundo Frankl, ninguém precisa inventar Deus, pois há tradições suficientes à nossa disposição; então, ninguém já o traz consigo sob forma de arquétipos inatos. A religiosidade genuína, básica, não tem nada a ver com religiosidade arcaica, primitiva. Muitas vezes, constatamos em algumas pessoas que a religiosidade primordialmente existente e posteriormente reprimida, é ingênua; ingênua no sentido de uma fé do tipo infantil. “Sendo a religiosidade inconsciente reprimida, só podemos esperar que onde ela voltar à superfície aparecerá ligada a vivências infantis” (FRANKL, 2007, p. 63).

Ao buscar a análise existencial tal religiosidade mantida reprimida traz à tona, muitas vezes, uma fé inconsciente que, no sentido mais próprio, pode ser chamada de infantil. Porém, por mais que seja infantil e ingênua, de forma alguma é primitiva e arcaica no significado que Jung lhe atribui, diz Frankl. “Nos resultados da sua análise imparcial nada encontramos daquela mitologia arcaizante com que se vê na interpretação da escola de Jung” (FRANKL, 2007,

pp. 63-64). Tais vivências religiosas inconscientes, na forma como se manifestam, coincidem com imagens muito antigas e apreciadas da época da infância.

Frankl não nega que o ser humano já encontre algo para onde canalizar sua religiosidade, algo preexistente do qual se apodera de maneira existencial. Donald R. Dyer cita Jung, que já falava da ideia da religião ser uma função psicológica da mente:

Jung reconheceu como verdadeira a necessidade espiritual que anseia pela completude e aceitou imagens de completude sendo oferecidas pelo inconsciente, saindo das profundezas de sua natureza psíquica, independentemente da mente consciente (DYER, 2003, p. 14).

A religiosidade no ser humano está entre as duas áreas de interesse que suplanta todas as outras, mesmo em condições de extrema privação, como Frankl experimentou no campo de concentração. Ele relatou que somente a política e a religião tornavam-se assuntos relevantes para quem estava na condição de prisioneiro. No campo de concentração, todos os prisioneiros discutiam política quase sem parar. Mas diante de uma realidade fria e dura, viam suas esperanças de um breve final da guerra desfeitas e isso gerava uma verdadeira “guerra de nervos” e alguns acabavam caindo em desespero definitivo. “Justamente os otimistas incuráveis entre nós eram os que mais nos enervavam” (FRANKL, 2010, p. 51).

O interesse religioso dos prisioneiros, quando surgia era o mais ardente que se podia imaginar. Os prisioneiros recém-chegados ao campo de concentração se surpreendiam com a vitalidade e profundidade do sentimento religioso. “O mais impressionante neste sentido devem ter sido as preces e os cultos improvisados, no canto de algum barracão ou num vagão de gado escuro e fechado, no qual éramos trazidos de volta após o trabalho em uma obra mais distante, cansados, famintos e passando frio em nossos trapos molhados” (FRANKL 2010, p. 51).

Conclui-se, portanto, que a religiosidade está no inconsciente do ser humano e que essa religiosidade deve ser despertada naturalmente. No próximo capítulo veremos a religião em Viktor Frankl.

1.3. O conceito de religião em Viktor Frankl.

Na seção anterior vimos a religiosidade de Viktor Frankl ou o inconsciente transcendental. Nesta seção está em foco a religião em Viktor Frankl.

A religião tornou-se tema de interesse de vários ramos das ciências, inclusive a Psicologia, que, ao estudar o homem, não indaga sua opção religiosa, propondo-se apenas a compreendê-lo. A Psicologia começou a estudar a religião por volta do século XX, quando as ciências da religião (sociológicas, antropológicas, psicológicas, entre outras) começaram a prosperar, e a Psicologia científica se consolidou como saber científico. Alguns autores manifestam uma visão negativa da religiosidade, por exemplo, no âmbito da saúde mental, como a concepção psicanalítica de Freud (1974, p.57), que considera a atitude religiosa uma patologia ou transtorno neurótico. Segundo o autor, “[...] a religião seria a neurose obsessiva universal da humanidade; tal como a neurose obsessiva da criança, ela surgiu do complexo de Édipo, do relacionamento com o pai”. Assim, Freud reduz o fenômeno religioso a um epifenômeno do complexo de Édipo. Ele considerou a religião como a sublimação dos impulsos sexuais, denominando-a de “neurose obsessiva da humanidade”.

Frankl, porém, entende a religião como um fenômeno humano a ser considerado pela psicologia, afinando-se com o pensamento de Carl Gustav Jung, Henry Bergson, Mircea Eliade, Rudolf Otto, Max Scheler e outros. Muitos desses escritores estudaram a religião não a partir de pontos filosóficos ou racionais, mas seguindo a significação dos símbolos e a experiência individual. Para eles, essa experiência religiosa imediata só poderia ser pressentida e percebida através dos sentimentos. Citando o pensamento de alguns escritores no tocante à religião, para Eliade (2001), por exemplo, a religião está “oculta” nas trevas do inconsciente do homem, o que significa que as possibilidades de vivenciar uma experiência religiosa estão presentes nele mesmo. “Ao dizer que o sagrado repousa ‘oculto’ no inconsciente, o autor quer mostrar que a religião é uma expressão natural e corrente da alma humana que pode até ser camuflada, mutilada, degradada, mas que o homem jamais poderá extirpar de si mesmo” (GOMES, 2012, p. 106).

Para Eliade, o indivíduo, de forma geral:

Conserva os vestígios do comportamento do homem religioso. Faça o que fizer, é um herdeiro. Não pode abolir definitivamente seu passado, porque ele próprio é produto desse passado. É constituído por uma série de negações e recusas, mas continua ainda a ser assediado pela realidade que recusou e negou (ELIADE, 2001, p.166).

Rudolf Otto não se interessou pela compreensão de Deus e da religião do ponto de vista de uma denominação restrita. Ele aplicou-se ao estudo das moralidades da experiência religiosa, voltando-se para o aspecto do sentimento. Conceituou o sagrado como uma força que se impõe ao homem, provocando mudanças em seus sentimentos e em suas emoções, podendo ser pressentida somente através dos sentimentos. Para ele, “a religião é uma experiência imediata possível de ser vivida e sentida [...] conceitua a religião/sagrado como algo irracional, que transcende em relação às nossas categorias mentais, e não somente isso, visto que o sagrado é inatingível, como também suprarracional e, até mesmo, antirracional” (GOMES, 2012, p. 108).

Frankl, ao estabelecer as relações entre a logoterapia e as ciências teológicas, procurou manter a delimitação entre esta e a teologia, resguardando a neutralidade do psicoterapeuta frente às questões religiosas.

Frankl excluiu do estudo da logoterapia qualquer comprometimento com confissão religiosa. Ele estabelece os fins da psicoterapia e da religião com muita clareza. O fim da psicoterapia é a saúde mental, enquanto o da religião é a salvação das almas; não se confundem. O tratamento psicoterapêutico, na logoterapia, permite libertar a fé primordial reprimida no inconsciente.

Frankl aclarou sobre a relação psicoterapia e religião em seu livro a presença ignorada de Deus. Nas questões quanto à relação imediata entre médicos e pacientes religiosos ou não ele fez suas delimitações. Com respeito ao médico que pessoalmente tem religião, ele precisa mostrar uma tolerância incondicional, até para com ele próprio. “Não podemos absolutamente afirmar que ele tenha desinteresse pela religiosidade ou irreligiosidade de seus pacientes; talvez não como médico, mas como pessoa, como pessoa na condição de ter

uma religião, está altamente interessado nesses assuntos” (FRANKL, 2007, P.68).

Frankl sempre deixou claro que o psicoterapeuta religioso deve ter o máximo interesse para que a religiosidade de seus pacientes possa se manifestar espontaneamente, devendo aguardar com paciência que essa manifestação ocorra. Para Frankl, isso não deveria ser difícil para o psicoterapeuta, uma vez que, justamente por ser ele próprio uma pessoa que professa uma religião, estará convicto de antemão da religiosidade latente também das pessoas manifestamente irreligiosas. Frankl explicou:

O médico que tem fé não acredita somente em seu Deus, mas também na fé inconsciente do paciente; assim, não crê apenas conscientemente no seu próprio Deus, mas, ao mesmo tempo, crê nele como “Deus inconsciente” em seu enfermo; crê neste “Deus inconsciente” como num Deus que “ainda não” se tornou consciente para seu paciente (FRANKL, 2007, p. 68).

Para Frankl, a religiosidade só é genuína quando existencial, ou seja, quando a pessoa não é impelida para ela, mas se decide por ela. Jung, também, definindo religião (religere), citou Rudolf Otto, que, segundo ele, “acertadamente chamou de ‘numinoso’, isto é, uma existência ou um efeito dinâmico não causados por um ato arbitrário” (JUNG, 1990, p. 9). Mas, Frankl defendia que além da existencialidade uma segunda característica deveria ser acrescentada, a da espontaneidade. Deveria ser dado o tempo necessário para a mesma brotasse espontaneamente. Nunca se deveria apressar a pessoa nesse caminho. “Para a religiosidade verdadeira a pessoa não se deixa impelir pelo id, nem apressar pelo médico” (FRANKL, 2007, p.69).

Frankl citou o pensamento de Freud:

Já Freud, que, em casos semelhantes, referiu-se a uma “consciência de dois tipos”, advertiu que o efeito terapêutico de tornar conscientes conteúdos inconscientes dependia do grau de espontaneidade do paciente. Algo análogo acontece com a religião; da mesma forma que nos “complexos reprimidos” somente uma

conscientização espontânea pode levar à cura, assim também somente a manifestação espontânea da religiosidade inconsciente poderá ter efeito curativo (FRANKL, 2007, p. 69).

Frankl observou, também, o procedimento dos sacerdotes em relação à consciência da espontaneidade religiosa. Ele observou que até os sacerdotes têm consciência de que qualquer manipulação programada, nesse caso, seria contraproducente. Nem eles estão dispostos a renunciar à espontaneidade de toda religiosidade verdadeira. Frankl recordou-se de uma palestra que um padre contou quando, num dia, fora chamado ao leito de morte de um homem que ele sabia ser irreligioso; esse homem simplesmente sentira a necessidade de desabafar antes de morrer e para isso escolheu o padre. “E então o padre disse que não ofereceu a unção dos enfermos a esse homem, simplesmente porque o moribundo não a havia solicitado espontaneamente” (FRANKL, 2007, p. 69). Tal era o valor que até um sacerdote atribuía à espontaneidade. Frankl questiona: “Será que nós, médicos, deveríamos ser mais sacerdotais do que os sacerdotes? Não deveríamos, pelo menos na mesma medida que os sacerdotes, respeitar a livre decisão das pessoas confiadas a nós, dos doentes que se colocam sob nossos cuidados, especialmente em suas questões religiosas?” (FRANKL, 2007, pp. 69-70)

Para Frankl o psicoterapeuta precisa diferenciar claramente a função médica da missão sacerdotal. Da mesma forma que o médico irreligioso deve deixar ao paciente o que ele tem, isto é, sua fé, o médico que tem religião deve deixar ao sacerdote o que é dele, isto é, seu ministério.

Jung, semelhantemente à Frankl, delimita a área de atuação do profissional e diz:

O psicólogo, que se coloca numa posição puramente científica, não deve considerar a pretensão de todo credo religioso [...] deve concentrar sua atenção no aspecto humano do problema [...] Como sou médico e especialista tomo como ponto de partida a psicologia do *homo religious*, do homem que considera e observa cuidadosamente certos fatores que agem sobre ele e sobre seu estado geral. (JUNG, 1990, p. 11).

Ainda fixando os limites de atuação do psicoterapeuta e do sacerdote, Frankl afirmou que “assim como a Logoterapia não pode e não quer substituir a psicoterapia, quer apenas complementá-la, afirmamos de antemão a respeito da “assistência médica da alma” (*ärztliche Seelsorge*) que esta, de forma nenhuma, quer substituir a “assistência pastoral da alma” (*priesterliche Seelsorge*)” (FRANKL, 2007, p. 70).

Essa delimitação cuidadosa que Frankl faz tem a finalidade de não degradar a religião transformando-a em algo apenas suficientemente bom para manter ou restituir a saúde. Um médico irreligioso jamais teria o direito de usar a religião como um meio útil, entre tantos outros, para um fim terapêutico. Para que a religião possa ter efeitos psicoterapêuticos, seu motivo primário não pode ser somente psicoterapêutico. O objetivo da religião não é a cura psíquica (*seelische Heilung*), mas a salvação da alma (*Seelenheil*). A religião não assegura uma vida tranquila, não é um seguro para a ausência máxima de conflitos ou para quaisquer outros objetivos psico-higiênicos. A religião exige bastante da pessoa. “Deve ser evitada com todo rigor qualquer contaminação entre esses dois campos, que podem até coincidir quanto a seus efeitos, mas são diferentes quanto à sua intencionalidade” (FRANKL, 2007, p. 71).

Ainda dentro dessa exigência, segundo Frankl, a psicoterapia não pode renunciar à sua autonomia como ciência e à sua independência frente à religião e assumir uma posição de serva da teologia (*ancillatheologiae*). Não se pode tentar incorporar a “assistência médica da alma” à “assistência pastoral da alma”. A dignidade do ser humano está fundamentada em sua liberdade, liberdade essa que se estende até a possibilidade do “não”, portanto, até onde o ser humano pode se decidir a fechar-se diante de Deus, “também a dignidade da ciência se baseia naquela liberdade incondicional que garante à investigação sua independência” (FRANKL, 2007, pp. 71-72).

Para Frankl, a liberdade de investigação da psicoterapia pode ter um valor útil para a religião. Com os resultados empíricos das investigações psicoterapêuticas e com os efeitos dos tratamentos terapêuticos, a psicoterapia pode servir à religião. A psicoterapia deve se dispor o quanto menos a servir à teologia como uma “criada” (*ancilla*), para que seus serviços sejam cada vez mais

relevantes para a religião. “Não é preciso ser ‘criada’ para poder servir” (FRANKL, 2007, p. 72).

O Dr. Frankl se deparou inúmeras vezes com a religião, esse fenômeno humano que ocorre em pacientes, com o qual também se depara a logoterapia. Ele, então, aborda o assunto sobre logoterapia e teologia. A existência religiosa e a irreligiosa são para a logoterapia fenômenos coexistentes, e ela tem a obrigação de assumir uma posição neutra perante eles. A logoterapia é uma corrente dentro da psicoterapia e essa só pode ser exercida por médicos. E, é necessário que o logoterapeuta cuide para que seu método e sua técnica logoterapêutica sejam aplicáveis a todo e qualquer doente, seja ele crente ou não; igualmente ela precisa ser aplicável por todo e qualquer médico, não importando qual a sua visão pessoal do mundo. “Para a logoterapia só pode ser objeto, não posição” (FRANKL, 2007, p.73).

Frankl delimita a posição da logoterapia frente à teologia, aclarando que o alvo da psicoterapia é a cura da alma, ao passo que o alvo da religião é a salvação da alma. Um sacerdote lutará pela salvação da alma do seu fiel, conscientemente, sem ter qualquer preocupação psico-higiênica. Mesmo que a religião não se preocupe primariamente com a cura psíquica ou com medidas profiláticas, em seus resultados – não em sua intenção – ela não deixa de ter efeitos psico-higiênicos e até psicoterapêuticos, pelo que ela propicia à pessoa uma sensação de incomparável proteção e ancoramento que não pode ser encontrada noutro lugar a não ser na transcendência, no Absoluto. Acontece semelhante efeito colateral análogo e involuntário na psicoterapia, quando o paciente reencontra ao longo do tratamento, fontes há muito soterradas, de uma fé original, inconsciente e reprimida. Isso acontece sem a intenção legítima do médico, a não ser que o médico tenha o mesmo credo religioso, “para então agir numa espécie de coincidência de funções (médica e pastoral); neste caso ele não tratou seu paciente como médico” (FRANKL, 2007, p. 74).

Os alvos da religião e da psicoterapia não se encontram no mesmo nível ontológico. A salvação da alma e a saúde psíquica ocupam níveis diferentes. A pessoa religiosa avança para uma dimensão mais elevada e mais abrangente que a dimensão na qual se desenvolve algo como a psicoterapia. Somente pela fé é que se tem acesso à dimensão mais elevada. A relação da

dimensão humana com a divina é ultra-humana. “Assim como o animal não tem condições de entender o ser humano e seu mundo a partir do seu próprio habitat, também o ser humano não tem condições de apreender o supramundo a ponto de entender Deus ou mesmo entender seus desígnios” (FRANKL, 2007, p. 75).

Frankl explica em seu livro “a presença ignorada de Deus”, sobre o interesse da logoterapia pela religião:

Mesmo que para a logoterapia a religião seja *mero* objeto, conforme dissemos no início, a logoterapia se interessa muito por ela, por uma razão muito simples: no contexto da logoterapia *logos* significa “sentido”. Na realidade, a existência humana sempre já vai além de si mesma, já está sempre indicando um sentido. Neste sentido o que importa à existência humana não é prazer ou poder, nem autorrealização, mas antes o cumprimento de sentido. Na logoterapia falamos de uma *vontade de sentido*. (FRANKL, 2007, p. 76).

Em seu livro *a vontade de sentido*, Frankl diz que “a existência vacila, hesita incerta, a menos que haja por trás dela – como Freud já colocara – uma ‘ideia forte’, ou um sólido ideal” (FRANKL, 2011, p. 67). E, conforme disse Albert Einstein: “o homem que considera a própria existência desprovida de sentido não só é infeliz, como também dificilmente consegue adaptar-se à vida”. O sentido é uma barreira além da qual não se pode avançar, mas precisa-se aceitar, pois não podemos perguntar além dele; pois se tentarmos responder à pergunta pelo sentido do ser, já se pressupõe o ser de sentido. “Em suma, a fé do ser humano no sentido é uma categoria transcendental, na acepção usada por Kant” (FRANKL, 2007, p. 76).

Frankl entendia que o sentido difere, primeiramente de homem para homem e, depois, de dia para dia e, de fato, até de hora para hora. Ele preferia falar da unicidade – mais do que da relatividade – do sentido. O homem é único tanto em termos de essência como de existência. Ninguém pode ser substituído em virtude do caráter de unicidade da essência de cada homem. “A vida de cada ser humano é absolutamente singular: ninguém pode repeti-la – ninguém pode viver a vida de ninguém, em virtude do caráter de unicidade da existência humana” (FRANKL, 2011, pp. 72-73). Sobre as oportunidades

irrepetíveis de realização de sentido que cada ser humano deixa de realizar quando morre, Frankl relatou:

Acredito que quem, de maneira mais clara e concisa, expressou essa ideia foi Hillel, o grande sábio judeu, que viveu há quase dois milênios. Dizia ele: “Se eu não o fizer, quem o fará? Se eu não o fizer agora mesmo, quando eu deverei fazê-lo? E, se eu o fizer apenas por mim mesmo, o que serei eu?”. “Se eu não o fizer...” parece referir-se à minha própria unicidade. “Se eu não o fizer agora...” diz respeito à fugacidade das oportunidades singulares de realização de sentido. “E se eu o fizer apenas por mim mesmo...” aponta para o caráter autotranscendente da existência humana. À pergunta “o que serei eu?”, ter-se-á a resposta: em momento nenhum, um ser humano autêntico. Isso porque transcender-se a si mesma é um constitutivo da existência humana. Em termos agostinianos, poderíamos dizer que o coração do homem não descansa até que se encontre e se realize o sentido da vida. (FRANKL, 2011, p. 73).

Frankl afirmava que quer queiramos ou não, o ser humano crê num sentido enquanto respira e, mesmo um suicida crê num sentido, se não da vida, do continuar vivendo, então ao menos ele crê no sentido do morrer. Nem mesmo suicídio ele cometeria se realmente não cresse mais em sentido algum. Frankl relatou:

Vi morrer ateus convictos que, durante toda a sua vida ficavam horrorizados com a ideia de acreditar em algum “ser superior” ou coisa parecida, em algum sentido da vida dimensionalmente mais elevado; mas em seu leito de morte mostraram algo que durante décadas de sua vida jamais tiveram condições de mostrar: uma sensação de se saberem guardados (*Geborgenheit*), que é um escárnio de sua visão do mundo e que não mais pode ser intelectualizada nem racionalizada. De profundis irrompe algo, vem à tona uma confiança total que não sabe a quem ela se entrega nem em que confia, mas que, não obstante, arrosta o conhecimento do infausto prognóstico. (FRANKL, 2007, p. 77).

Walter V. Bayer, escreveu sobre a esperança que forçosamente está ancorada na existência humana:

Atemo-nos a observações e pensamentos externados por Plügge: objetivamente falando não há mais esperança; o enfermo, ainda plenamente consciente, deveria ter percebido ele mesmo que o dão por perdido. Mas ele continua com esperança, até o fim. Esperança de quê? A esperança desses enfermos, que à primeira vista pode ser ilusória, voltada para a cura neste mundo e que somente no fundo oculto permite pressagiar seu sentido transcendente, está forçosamente ancorada na existência humana, que jamais pode estar destituída de esperança, mostrando para a frente, para uma consumação vindoura; crer nela é adequado e natural mesmo para uma pessoa sem dogmas. (BAYER, 1958. p. 197).

Frankl afirmou: “quando a psicoterapia entende o fenômeno que é o crer não como uma fé em Deus, mas como a fé mais abrangente num sentido, então é perfeitamente legítimo que ela se ocupe com o fenômeno da fé” (FRANKL, 2007, p. 77). A psicoterapia, então, está com Albert Einstein, para o qual fazer a pergunta pelo sentido da vida significa ser religioso. Paul Tillich fez a seguinte definição: “Ser religioso significa fazer a pergunta apaixonada pelo sentido da nossa existência”. Frankl, de modo análogo, disse que a logoterapia — que primariamente não deixa de ser uma psicoterapia e, como tal, pertence à psiquiatria, à medicina — poderia ocupar-se legitimamente não só com a vontade de sentido, mas também com a vontade de um sentido *último*, de um suprassentido, como costumava chamá-lo; e em última análise a fé religiosa é uma fé no suprassentido, uma confiança no suprassentido.

Essa concepção de religião, conforme Frankl, não tem a ver com estreiteza confessional que, numa miopia religiosa, parece ver Deus como um ser que basicamente só pretende uma coisa: que o maior número possível de pessoas creia nele e ainda do jeito prescrito por uma denominação determinada. Ele não conseguia ver desta forma, pois trazia a ideia de um Deus mesquinho. Frankl disse ainda mais:

Igualmente acho inconcebível uma igreja exigir de mim que eu creia. Afinal não posso querer crer – assim como também não posso querer amar, isto é, forçar-me a amar, da mesma maneira como também não posso me forçar a ter esperança, quando tudo evidencia o contrário. Afinal, existem certas coisas que não se podem querer e que, portanto, também não se conseguem querendo ou ordenando. Para dar um exemplo muito simples: não posso rir sob comando. Se alguém quer que eu ria, terá que fazer um pequeno esforço e me contar uma piada. (FRANKL, 2007, p. 78).

Com o amor e com a fé se dá algo análogo: não podem ser manipulados. Somente com conteúdo e objeto adequados é que surgirão como fenômenos intencionais. Frankl disse que a tendência atual das pessoas era afastar-se não da religião, mas daquelas denominações que parecem ter a única ocupação de combater-se mutuamente e fazer proselitismo uma na outra. Disse ainda que “não estamos caminhando em direção a uma religiosidade universal, mas antes para uma religiosidade pessoal, profundamente personalizada, uma religiosidade a partir da qual cada um encontrará sua linguagem muitíssimo pessoal, sua linguagem própria, mais originalmente sua, ao voltar-se para Deus” (FRANKL, 2007, p. 79).

Concluindo, Viktor Frankl disse que sempre haverá ritos e símbolos religiosos em comum nas religiões, pois assim como existe uma multiplicidade de línguas, elas não deixam de ter um alfabeto em comum. Em sua diversidade, de uma forma ou de outra, as diferentes religiões são como idiomas diferentes onde ninguém pode dizer que a sua língua seja superior às outras. Para Frankl, “em cada língua o ser humano pode chegar-se à verdade – à mesma verdade una, e em cada língua ele pode errar e até mentir. Assim, também por meio de qualquer religião ele pode encontrar Deus, o Deus uno” (FRANKL, 2007, p. 79).

No próximo capítulo será discutida e apresentada a experiência religiosa e sentido da vida em Viktor Frankl.

Capítulo 2 – A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E O SENTIDO DA VIDA.

2.1 – Em busca de um sentido para a vida.

Frankl afirmou (Frankl, 2005, p. 23) que “o homem procura sempre um significado para a sua vida e está sempre se movendo em busca de um sentido de seu viver”. A isto ele chama de “vontade de sentido” que é um interesse primário do homem. E este desejo de sentido permanece insatisfeito na sociedade atual e, segundo ele, não encontra consideração alguma por parte da psicologia moderna. Segundo Frankl, todo ser humano tem suas mais altas aspirações e se quisermos valorizar e empenhar o potencial humano em sua forma mais elevada possível, devemos antes de tudo acreditar que ele existe e que está presente no homem. Frankl estende o conceito de homem incluindo nele “não apenas as suas aspirações mais altas, mas também a esfera na imaginação do mesmo naquilo em que ela atende às suas possibilidades de nutrir e reforçar o seu desejo de sentido” (FRANKL, 2005, p. 24).

Frankl observa que a objeção segundo a qual não se deveria apreciar o homem de maneira tão elevada, pressupõe que seja perigoso supervalorizá-lo. Mas, ele diz que é ao contrário. É muito mais perigoso subvalorizá-lo. “O homem, principalmente na idade juvenil, pode ser estragado exatamente porque foi desvalorizado” (FRANKL, 2005, p. 25). Ao contrário, se temos conhecimento das nobres aspirações de um jovem, como por exemplo, seu desejo de sentido, temos condição de invoca-las e de ativá-las. O desejo de sentido não é apenas questão de fé mas também uma realidade.

Segundo pesquisa do Departamento de Psicologia da Universidade de Brno na Tchecoslováquia, ficou provado de que o desejo de sentido é realmente uma necessidade específica não reduzível a outras necessidades e está presente em medida maior ou menor em todos os seres humanos. Os autores desta pesquisa disseram: “a importância da frustração desta necessidade foi documentada também pelo material relativo a casos de pacientes afetados por neuroses ou depressões. Em alguns casos a frustração do desejo de sentido teve um papel relevante como fator etiológico no dar origem à neurose ou à tentativa de suicídio” (FRANKL, 2005, p. 25).

Outra pesquisa publicada pelo American Council on Education

revelou que em 171.509 estudantes avaliados, o objetivo mais elevado – que 68,1% declarou ter – foi o “desenvolvimento de uma filosofia da vida rica de significado. Ainda outra investigação com 7.948 alunos de 48 faculdades foi conduzida pela Universidade John Hopkins e patrocinada pelo Instituto Nacional de Higiene Mental. Desses estudantes apenas 16% declarou que seu objetivo principal era ganhar muito dinheiro, enquanto 78% assinalou a seguinte resposta: “encontrar um objetivo e um sentido para minha vida”, como ressalta Frankl em seu livro “Um Sentido para a Vida” (FRANKL, 2005, p. 25).

Retomando a investigação iniciada pelo Instituto Nacional de Higiene Mental, 78% dos alunos declararam que o objetivo principal para eles era encontrar um sentido para a vida (78% que, por acaso, correspondem exatamente ao mesmo percentual de jovens poloneses que consideraram como objetivo principal de suas vidas algo completamente diferente: “Melhorar seus padrões de vida” [Kurier, 8 de agosto de 1973]). Frankl analisa essa situação dizendo: “parece que aqui deveria ser aplicada a hierarquia de Maslow: primeiro é necessário realizar um padrão de vida satisfatório e só então será possível enfrentar a tarefa de encontrar um objetivo e um significado da existência, como pretendem os estudantes americanos” (FRANKL, 2005, p.26).

Frank analisa e expõe ainda:

“A questão é saber se, para estabelecer um bom sistema e vida, será suficiente organizar a própria situação sócio-econômica (e assim poder permitir-se depois um bom psicanalista para organizar também a situação psicodinâmica própria). Eu creio que não. É natural que alguém doente deseje reconquistar a saúde, a ponto de lhe parecer que este seja o supremo objetivo da vida. Mas na realidade a saúde é apenas um meio para um fim, uma pré-condição para que se obtenha qualquer coisa que possa ser considerada com significado em um determinado contexto e situação. Em tal caso é preciso estabelecer qual seja o fim que está além dos meios. Um método apropriado para uma investigação de tal gênero pode bem ser uma espécie de diálogo socrático” (FRANKL, 2005, p. 26).

Para Frankl o que importa não é tanto saber distinguir entre

necessidades mais elevadas e necessidades mais baixas, mas, sim, saber responder à questão se os objetivos de um indivíduo são apenas meios ou significados. Na vida cotidiana nós estamos plenamente conscientes desta diferença. Frankl diz que se não o tivéssemos não poderíamos rir diante da história em quadrinhos que mostra o Snoopy chorando porque sua vida é sem sentido e inteiramente vazia, até que apareça Charlie Brow com uma vasilha de comida para cães e então Snoopy exclama: “Ah! Eis aí o sentido da vida!”. Conclui Frankl: “o que faz rir é sem dúvida a confusão entre os meios e significados; ainda que o alimento seja uma condição necessária para a sobrevivência, ele não é uma condição necessária para a sobrevivência e nem suficiente para dar sentido à nossa vida e superar a sensação de vazio e de inutilidade de nossa existência” (FRANKL, 2005, p. 27).

Frank diz que a abundância e não apenas a extrema necessidade, pode fazer surgir no homem a procura de um sentido, ou, como é provável que se verifique, pode frustrar o desejo de sentido. Isto acontece pela abundância em geral e por aquela que tem a forma de ócio. Então, uma vez que tanto a satisfação como a frustração das necessidades mais baixas podem provocar no homem a procura de um sentido, conclui-se que a necessidade de um sentido é independente das outras necessidades. Frankl deduz que “a necessidade de sentido não pode ser reduzida às demais necessidades, nem delas extraída” (FRANKL, 2005, p. 28).

Frankl afirma que se havia alguma coisa para sustentar um homem numa situação extrema como em Auschwitz e Dachau, esta era a consciência de que a vida tem um sentido a ser realizado, ainda que no futuro. Mas sentido e propósito eram apenas uma condição necessária para sobrevivência, não uma condição suficiente. Milhões morreram apesar de sua visão de sentido e propósito. Sua fé não conseguiu salvar-lhes a vida, mas permitiu-lhes enfrentar a morte de cabeça erguida. Frankl prestou um tributo aos que morreram nos campos de concentração por ocasião da inauguração da Frankl Library and Memorabilia na Graduate Theological Union, em Berkeley, Califórnia, quando apresentou um estojo com um simples punhado de terra e cinzas que trouxera com ele de Auschwitz. “Isto é para recordar aqueles que ali viveram como heróis e morreram como mártires. Incontáveis exemplos de tal

heroísmo e martírio testemunham a capacidade, que é só do homem, de descobrir e realizar um sentido, ainda que 'in extremis' e 'in ultimis' – numa extrema situação de vida como em Auschwitz e mesmo diante da morte na câmara de gás. Possa nascer daquele sofrimento inimaginável uma consciência maior do incondicional sentido da vida.” (FRANKL, 2005, p. 28).

Sobre a vontade de sentido, Frankl diz que “a busca do indivíduo por um sentido é a motivação primária em sua vida, e não uma ‘racionalização secundária’ de impulsos instintivos” (FRANKL, 2008, p. 124). Para Frankl, esse sentido é exclusivo e específico, uma vez que precisa e pode ser cumprido somente por aquela determinada pessoa. Somente então esse sentido assume uma importância que satisfará sua própria vontade de sentido. Para alguns autores sentidos e valores são nada mais que mecanismos de defesa, formações reativas e sublimações. Frankl discorda e diz que ele não estaria disposto a viver em função dos seus mecanismos de defesa, nem estaria pronto a morrer simplesmente por amor às suas formações reativas. “O que acontece, porém, é que o ser humano é capaz de viver e até morrer por seus ideais e valores!” (FRANKL, 2008, p.125).

Frankl cita Theodor A. Kotchen que provou que “o desejo de sentido é, não só uma genuína manifestação da humanidade do homem, mas também um plausível indício de saúde mental” (FRANKL, 2005, p.28). Esta hipótese foi sustentada por outros nomes como James Crumbaugh, Irmã Mary Raphael e Raymond Shrader, os quais verificaram os índices mais altos entre os grupos sociais bem motivados que obtiveram notável sucesso na vida profissional e nos negócios. Ao contrário, a falta de significado e de objetivo existencial é indício de uma incapacidade emotiva de adaptação ao ambiente, como foi empiricamente provado por Elisabeth Lukas. Frankl também cita Albert Einstein: “O homem que considera sua vida sem sentido, não é simplesmente um infeliz, mas alguém que dificilmente se adapta à vida” (FRANKL, 2005, p.28). Não se trata apenas de sucesso e de felicidade, mas sim de sobrevivência.

O desejo de sentido na terminologia da psicologia moderna é um “valor de sobrevivência”. E, Frankl aprendeu esta lição nos três anos em que passou em Auschwitz e Dachau. “As coisas mais idôneas para a sobrevivência nos campos eram as orientadas para o futuro – para uma tarefa ou para uma

pessoa que, durante a espera, eram projetadas no futuro e para um sentido da vida que no futuro iriam realizar” (FRANKL, 2005, p. 28).

Outros autores de obras sobre campos de concentração chegaram a mesma conclusão através de pesquisas psiquiátricas sobre campos por prisioneiros de guerra japoneses, norte-coreanos e norte-vietnamitas. Frankl teve como alunos três oficiais americanos que prestaram serviço por sete anos em um campo de prisioneiros de guerra norte-vietnamitas. Eles também observaram que os prisioneiros que pensavam que havia alguém ou alguma coisa que os esperava eram os que tinham maior probabilidade de sobreviver. “A sobrevivência dependia da capacidade de orientar a própria vida em direção a um ‘para que coisa’ ou um ‘para quem’” (FRANKL, 2005, p. 29). Em outros termos, a existência dependia da capacidade de transcender o próprio eu, conceito este que Frankl introduziu na logoterapia desde 1949.

Por isso, Frankl compreendia o fato antropológico considerado primordial, que o ser humano deveria sempre estar endereçado, deveria sempre apontar para qualquer coisa ou qualquer um diverso dele próprio, ou seja, para um sentido a realizar ou para outro ser humano a encontrar, para uma causa à qual consagrar-se ou para uma pessoa a quem amar. Somente na medida em que consegue viver esta autotranscendência da existência humana, alguém é autenticamente homem e autenticamente si próprio. “Assim o homem se realiza, não se preocupando com o realizar-se, mas esquecendo a si mesmo e dando-se, descuidando de si e concentrando seus pensamentos para além de si” (FRANKL, 2005, p. 29).

Frankl fala sobre a auto-realização. Para ele o que se chama auto-realização é, e deve permanecer, o efeito preterintencional da autotranscendência; é prejudicial e também autofrustrante fazê-lo objeto de intenção direta. E o que é verdadeiro para a auto-realização, vale também para a identidade e para a felicidade. “É exatamente a busca ansiosa da felicidade que impede a felicidade. Quanto mais a fazemos objeto de nossos esforços, mais seguramente erramos o alvo” (FRANKL, 2005, p. 29). Quando se trata da felicidade sexual, da busca do prazer sexual, isto é mais evidente. As neuroses sexuais são o resultado. Tanto mais o paciente deseja demonstrar sua potência e mais seguramente estará condenado ao fracasso. Tanto mais uma paciente

deseja demonstrar a si mesma que é capaz de orgasmo e com maior certeza estará mergulhada em sua frigidez.

Frankl cita uma experiência referida por Carolyn Wood Sherif, em um grupo de jovens que foram induzidas cargas agressivas de grupo. Apesar delas, quando os jovens eram reunidos para o esforço comum de arrastar uma carreta para fora de um atoleiro, “esqueciam-se” simplesmente de seus conflitos e divisões internas. A vontade de sentido deles havia tomado o primeiro plano. “Eu penso que a busca da paz, em vez de limitar-se a um contínuo remanejamento de potenciais agressivos e semelhantes, deveria primeiramente concentrar-se sobre a vontade de sentido e considerar o fato que, aquilo que é verdadeiro para os homens individualmente, vale do mesmo modo para a humanidade” (FRANKL, 2005, p. 30). Frankl levanta as questões: não poderia, talvez, a sobrevivência do gênero humano depender também do fato que os homens cheguem ou não a um denominador comum de sentido? Não poderia ela depender do fato que as pessoas e os povos descubram ou não um sentido comum de suas existências e se unam por isso numa vontade comum de um sentido comum? Ele mesmo responde dizendo que não tem a resposta.

Ainda falando sobre as questões do parágrafo anterior, Frankl diz que ele estaria contente só em saber que teria feito a pergunta justa. Contudo, parece que pode haver esperança de sobrevivência para os seres deste mundo na medida em que as nações conseguirem unir-se para assumir uma tarefa comum e para empenhar-se nela. Pode-se dizer que estamos a caminho. Acrescenta Frankl, “mas a busca pelo homem de um sentido para a vida é, obviamente, um fenômeno de extensão mundial. Dele é testemunha a nossa geração” (FRANKL, 2005, p. 30).

Existe, portanto, no homem, uma vontade de sentido, afirma Frankl; mas existe também um sentido a ser atribuído à vida? Frankl responde dizendo que precisamos compreender que o sentido não pode ser separado de seu contexto porque é isso precisamente o que é feito pelo reducionismo. Como poderemos, então, ajudar as pessoas que estão desesperadas pela aparente falta de sentido da vida? Frankl diz que os valores estão desaparecendo porque são transmitidos pelas tradições e nós presenciamos hoje o declínio das tradições. Mas, ele acredita que seja ainda possível descobrir significados. “A realidade

sempre se apresenta na forma de uma particular situação concreta e, uma vez que cada situação de vida é irrepetível, segue-se que o sentido de uma dada situação é único” (FRANKL, 2005, p. 31). Não haveria possibilidade alguma de os sentidos serem transmitidos pela tradição.

Frankl diz que os instintos são transmitidos através dos genes e os valores através das tradições, mas quanto aos significados, do momento em que são únicos, eles são objeto de descoberta pessoal. Eles devem ser procurados e encontrados por conta própria de cada um. A descoberta de significados únicos será possível mesmo que todos os valores universais desaparecessem completamente. Em duas palavras: os valores estão mortos – vivam os sentidos! É mérito de James Crumbaugh ter posto em evidência que a operação pela qual se vem a descobrir um sentido acontece num processo de percepção gestáltica. Frankl explica:

De minha parte cheguei a perceber uma diferença: na percepção gestáltica, no sentido tradicional do termo, nós percebemos uma figura contra um fundo, enquanto na descoberta de um sentido percebemos uma possibilidade incorporada no contexto de uma situação real. Trata-se em particular de uma possibilidade de fazer qualquer coisa em relação à situação na qual nos encontramos para modificar, se for necessário, uma realidade. Desde que a situação é sempre única, com um sentido que é também necessariamente único, segue-se que a “possibilidade de fazer qualquer coisa com relação à situação” é também única, porque é transitória. Ela possui uma qualidade *Kairos*, isto é, se não aproveitarmos a oportunidade de dinamizar o sentido intrínseco e como que mergulhado na situação, o sentido passará e irá embora para sempre (FRANKL, 2005, p. 32).

Frankl diz que apenas as possibilidades – as oportunidades de fazer qualquer coisa com relação à situação real – são passageiras. Desde que tenhamos realizado a possibilidade oferecida pela situação, desde que tenhamos dinamizado o sentido que a situação tem em si, nós teremos transformado aquela possibilidade em uma realidade e teremos agido assim de uma vez para sempre. A coisa não estará mais sujeita à transitoriedade; nós a libertamos dentro do

passado. “Nada nem ninguém pode privar-nos ou furtar-nos aquilo que salvamos e asseguramos no passado. No passado coisa alguma é irremediavelmente e irreparavelmente perdida, mas cada coisa é guardada para sempre” (FRANKL, 2005, p.32). Geralmente, as pessoas só enxergam o campo de restolhos da transitoriedade; não veem as caixas grandes de madeira cheias de grãos nas quais depositaram os frutos de suas vidas: as ações praticadas, as obras realizadas, os amores amados, os sofrimentos corajosamente sofridos. Podemos então, neste sentido compreender o que o Livro de Jó capítulo 5 versículo 26 diz sobre o homem: que ele chega ao túmulo “como um feixe de trigo maduro colhido no tempo certo” (BÍBLIA, 2002, p. 808).

Frankl diz que os sentidos são únicos e mutáveis, mas não faltam nunca. A vida não deixa jamais de ter sentido. Isto é compreensível se admitirmos que existe um sentido potencial a ser descoberto para além do agir e do amar. Estamos habituados a descobrir um sentido no criar uma obra ou no completar uma ação, no fazer experiência de algo ou no encontrar alguém. Mas, diz Frankl, “não devemos jamais esquecer que podemos descobrir um sentido na vida mesmo quando nos vemos numa situação sem esperança, na qualidade de vítimas sem nenhuma ajuda, mesmo quando enfrentamos um destino que não pode ser mudado” (FRANKL, 2005, p. 33). O que realmente importa é dar testemunho do potencial, unicamente humano, que, em sua forma mais alta, deve transformar uma tragédia em um triunfo pessoal, deve mudar a situação difícil em que o indivíduo está em um sucesso humano. Quando não temos mais condição de mudar uma situação – pensemos numa doença incurável, um câncer que não pode ser operado – então somos estimulados a mudar a nós mesmos.

Frankl lembra as palavras de Yehuda Bacon, um escultor israelense que, quando era garotinho, foi prisioneiro em Auschwitz e depois da guerra escreveu um livro do qual citou esta passagem:

“Eu pensava ingenuamente: ‘Direi a eles o que vi, com a esperança de que as pessoas mudem para melhor’. Mas as pessoas não mudaram e nem mesmo quiseram saber. Foi só muito mais tarde que eu compreendi verdadeiramente o *sentido do sofrimento*. Ele só tem sentido quando quem sofre muda para melhor”. (FRANKL, 2005, p. 33).

Frankl diz que Yehuda acabou reconhecendo o sentido do seu sofrer: este o mudou! Com frequência, mudar a si mesmo significa renascer maior que antes, crescer além de si próprio. Frankl diz que é possível conferir um sentido mesmo ao sofrimento e à morte. O “The American Journal of Psychiatry” publicou uma frase de Frankl que diz que: “uma fé absoluta em um sentido absoluto é a mensagem do Dr. Frankl” (FRANKL, 2005, p. 34). Segundo Frankl, a vida é incondicionalmente rica de sentido e esta convicção vem desde o tempo que ele era um estudante de escola média superior. A partir de então têm sido acrescentadas conclusões idênticas com argumentos rigorosamente empíricos. Vários autores demonstraram com testes, estatisticamente elaborados, que na realidade o sentido é acessível em qualquer caso a qualquer indivíduo, sem referência ao sexo ou à idade, ao QI. ou à educação recebida, ao ambiente ou ao tipo de caráter ou – por último mas não menos importante – ao fato de ser ou não religioso e, se o sujeito tem religião, a qual confissão esteja filiado.

Frankl afirma que nada pode mudar o fato que as condições podem variar na medida em que tornam mais fácil ou mais difícil para um indivíduo encontrar em sua vida um sentido ou dinamizar o sentido de uma determinada situação. “Estamos pensando em sociedades diferentes e nos diferentes graus em que elas promovem ou inibem a dinamização do sentido. Em linha de princípio, o sentido é acessível em qualquer condição, mesmo nas piores que se possa imaginar” (FRANKL, 2005, p. 34). Um logoterapeuta, segundo Frankl, não pode dizer a um paciente o que é um sentido, mas pode ao menos demonstrar que na vida existe um sentido, que ele é acessível a qualquer pessoa e, o que mais conta, que a vida conserva seu sentido em qualquer situação. Ela permanece literalmente cheia de sentido até seu último instante, até o suspiro final.

A título de conclusão, Frankl cita duas cartas. Uma, de Frankl E. que era o número 0206-40 em uma prisão federal americana: “Exatamente aqui na prisão encontrei o sentido de minha existência. Encontro uma razão em minha vida e este tempo que tenho diante de mim é apenas uma breve espera da oportunidade de fazer melhor, de fazer mais” (FRANKL, 2005, p. 36). E de outro detento, de número 552022:

“Ilustre dr. Frankl. Nos não poucos meses aqui passados um grupo de companheiros de desventura tem partilhado as ideias que o senhor expôs em seus livros e em suas lições gravadas em fita. Sim, é verdade, um dos maiores sentidos, do qual poderemos fazer a experiência, é exatamente a dor. Somente agora começo a viver e como é delicioso este sentimento. Estou constantemente mortificado pelas lágrimas de meus companheiros de grupo quando eles podem compreender que finalmente agora estão tomando consciência dos sentidos que jamais imaginavam possíveis. As mudanças são miraculosas, Vidas, que antes eram desesperadas e sem ajuda, agora têm um sentido. Aqui, na prisão de segurança máxima da Flórida, a cerca de 500 jardas da cadeia elétrica, nós estamos realizando nossos sonhos. Estamos quase no Natal, mas a logoterapia tem sido para mim uma manhã de Páscoa. Do calvário de Auschwitz surgiu nossa manhã pascal. Do arame farpado e da câmara de gás de Auschwitz nasce o sol... Eis o que iria reservar-nos o amanhã. Sinceramente, Greg B.” (FRANKL, 2005, pp. 36-37).

Frankl guardava esta carta ciosamente e agradeceu a Greg porque “é mais que uma simples carta”, diz Frankl, “nela eu vejo um documento humano, um documento de humanidade” (FRANKL, 2005, p. 37). E assim, Frankl conclui sobre em busca de sentido dizendo que precisamos viver numa dimensão mais elevada e procurarmos mudar-nos a nós mesmos, quando não mais podemos mudar nosso destino, e nos elevarmos mais acima e crescermos para além de nossos limites, exercitando o mais criativo dos potenciais humanos.

2.2 – O sentido da vida.

Frankl sempre esteve focado no tema “sentido da vida”. Segundo Frankl, o problema do sentido da vida, quer se apresente quer não expressamente, cumpre defini-lo como um problema caracteristicamente humano. Por conseguinte, o pôr-se em questão o sentido da vida não pode ser expressão do que porventura o homem tenha de doentio; é antes e sem mais expressão do ser humano; expressão precisamente do que de mais humano há no homem.

Frankl faz comparação entre animais e o homem no tocante a questionar sua própria existência:

“Com efeito, podemos perfeitamente imaginar animais altamente evoluídos que – como as abelhas ou formigas, por exemplo – em certos aspectos de organização social, em alguns dispositivos semelhantes às estruturas humanas do Estado, cheguem a superar a sociedade humana; mas jamais poderemos imaginar que um animal seja capaz de suscitar o problema do sentido da sua própria existência, conseguindo assim pô-la em questão. Só ao homem, como tal, é dado – a ele exclusivamente – ter a vivência da sua existência como algo problemático; só ele é capaz de experimentar a problematicidade do ser” (FRANKL, 1986, p. 56).

Frankl exemplifica um caso de vácuo existencial fazendo menção de um professor universitário que tinha estado na sua clínica por causa do seu desespero quanto ao sentido da existência. No decorrer da consulta, pôs-se de manifesto que se tratava de um estado endógeno-depressivo. Verificou-se ainda que as penosas meditações noturnas sobre o sentido da vida não o assaltavam, como seríamos tentados a supor, ao tempo das fases depressivas; pelo contrário, nessas fases estava tão hipocondriacamente preocupado, que não conseguia pensar no que quer que fosse. Só nos intervalos saudáveis entrava em tais cogitações! Frankl em outras palavras diz: “entre a necessidade espiritual, por um lado, e a enfermidade anímica, por outro, havia inclusive, no caso concreto, uma relação de exclusão” (FRANKL, 1986, p.56). Freud era de outro parecer, quando escrevia a Maria Bonaparte: “Se se pergunta pelo sentido e valor da vida, é porque se está doente...” (Cartas 1873-1939, Francforte do Meno, 1960).

Frankl reconhece que o problema do sentido, posto em toda a sua radicalidade, pode francamente abater um homem. Este é o caso corrente, sobretudo na puberdade, portanto na época em que a problemática essencial da existência humana se abre ao homem jovem, que vai amadurecendo e lutando espiritualmente. Frankl relata que uma vez, um professor de história natural explanava, numa aula de um colégio, a tese de que a vida dos organismos, incluindo o do homem, em última análise, nada mais era do que um processo de

oxidação, um processo de combustão. Imediatamente um aluno saltou, lançando-lhe em rosto esta pergunta apaixonada: “sim, mas então o que é que dá sentido a toda uma vida?” Esse jovem tinha compreendido exatamente que o homem existe num modo de ser diferente do de uma vela, por exemplo, que está diante de nós a arder, em cima de uma mesa. “O ser da vela (Heidegger diria: ‘ser-presente’, *Vorhanden-sein*) pode-se interpretar como processo de combustão; ao homem, contudo, ao homem como tal, pertence uma forma de ser essencialmente diferente” (FRANKL, 1986, p. 57).

Frankl, dando continuidade ao raciocínio, diz que o ser humano é antes de mais um ser essencialmente histórico; está inserto num espaço histórico concreto, a cujo sistema de coordenadas não logra arrancar-se. E este sistema de relações está determinado, em cada caso, por um sentido, se não inconfessado, talvez em geral inexprimível. Frankl comenta: “o movimento de um formigueiro bem se pode definir, portanto, como tendente a um fim; o que não se pode é afirmar que tem um sentido. Desaparecendo, porém, a categoria de sentido, desaparece também o que se pode chamar ‘histórico’: um ‘Estado-formigueiro’ não tem ‘história’ alguma” (FRANKL, 1986, p. 57).

Frankl cita Erwin Straus, em seu livro “Acontecimento e vivência”, onde mostra que no homem – e não apenas no caso do homem doente de neurose – o fator histórico do tempo não se pode isolar conceitualmente da sua realidade de vida, daquilo que o mesmo Straus chama de “realidade-cambiante”. Frankl diz que “uma das formas que esta deformação pode assumir é aquela tentativa de aversão, aquela tentativa de abandonar o modo de ser humano originário, que Straus classificou como existência ‘presentista’, entendendo por tal um ajustamento à vida, que crê poder renunciar a toda e qualquer orientação” (FRANKL, 1986, p. 57). Trata-se, portanto, de um comportamento que nem se funda no passado nem se orienta para o futuro, aplicando-se antes ao puro presente sem história. Este homem está esquecido de si mesmo, esquecido dos seus deveres, na medida em que, nesses momentos, vive do lado de lá de qualquer dever que resulte do caráter de sentido histórico-individual da sua existência.

Frankl diz que o homem “normal” (tanto no sentido de uma norma-média como no da norma ética), só em certas ocasiões pode legitimamente tomar uma atitude presentista. Ocasões como festas, por exemplo, em que temporariamente se afasta da vida determinada por um sentido, para se entregar à embriaguez; à embriaguez, quer dizer, àquele estado de esquecimento de si mesmo que o homem provoca intencional e artificialmente, para se desonerar, de tempos a tempos, da impressão da sua responsabilidade essencial que, de quando em vez, lhe parece demasiado pesada. Mas, na verdade, “o homem ocidental, pelo menos, está sempre sob o ditado de valores que lhe compete efetivar de modo criador. Com isto não se pretende negar a possibilidade de alguém se narcotizar, embriagando-se com as suas obras criadoras” (FRANKL, 1986, p. 58).

Frankl continua o raciocínio dizendo que “é o que ocorre aos homens daquele tipo que Scheler, no seu estudo sobre ‘burguês’ caracterizou dizendo que, por causa dos meios de realização dos valores, esquecem o fim último (os próprios valores)” (FRANKL, 1986, p. 58). Estão neste caso os que passam toda a semana a trabalhar intensamente e no domingo – em vista do vazio, da solidão e da falta de conteúdo da sua vida, que então irrompe à tona da consciência – se tornam deprimidos (neurose dominical) ou, sentindo um *horror vacui* (em sentido espiritual), mergulham em qualquer situação de embriaguez.

Mas, Frankl afirma que não é só nos anos de maturação que o problema do sentido da vida se põe de modo típico; põe-se também sempre que, ocasionalmente, sobrevém ao homem uma vivência perturbadora. Assim, como no período de amadurecimento, nada há de propriamente doentio em questionar sobre o sentido da vida, assim também nada representa de patológico a necessidade anímica (*espiritual*) do homem que luta por um conteúdo da vida, ou a própria luta espiritual em que se empenha. Para Frankl, “a psicoterapia, uma vez alargado o seu horizonte pela logoterapia e, paralelamente, pela análise da existência (*Existenzanalyse*), como forma que é desta logoterapia, tem que lidar, dadas certas circunstâncias, com homens que padecem animicamente, e que, em sentido clínico, não é lícito considerar propriamente doentes” (FRANKL, 1986, pp.

58-59). Esse sofrimento nascido dentro da problemática absolutamente humana, constitui precisamente o objeto de uma psicologia a partir do espírito.

Frankl diz que “mesmo quando houver de fato sintomas clínicos, pode ser conveniente proporcionar ao doente aquele apoio espiritual especialmente seguro de que o homem são e corrente precisa menos, mas que o homem animicamente inseguro necessita com urgência, precisamente para compensar a sua insegurança” (FRANKL, 1986, p. 59). Isto vale para aqueles homens que por razões puramente externas perderam a serenidade de espírito. Entre eles pode-se contar quem, depois de ter perdido um ser especialmente querido, a cujo serviço havia dedicado a vida inteira, levanta, inseguro, o problema de saber se a sua vida ainda conserva algum sentido. Pobre do homem que, em tais momentos, sente vacilar a sua fé no caráter de sentido da sua existência! Ficar sem reservas: aquelas forças, que só lhe pode dar uma cosmovisão que afirme a vida incondicionalmente – ainda que não se trate de chegar a uma clara consciência dela ou a uma formulação conceitual -, faltam-lhe nesse instante difícil; e já não lhe fica a possibilidade de encaixar o golpe do destino compensando por si mesmo o seu poder, nascendo nele uma espécie de descompensação anímica.

Frankl diz que fez-se um estudo estatístico de grande envergadura sobre as prováveis razões de longevidade. Segundo ele, pôde-se comprovar que, em todos os casos examinados, a razão era uma concepção da vida alegre, portanto uma concepção afirmativa da vida. Utilizando o método correspondente da exploração psiquiátrica, o tédio da vida oculto revela-se sem mais.

Frankl explica:

“Suponhamos um doente que suspeitamos estar dissimulando intenções suicidas. O processo que se recomenda para o exame é o seguinte: em primeiro lugar, interrogue o doente a respeito dos pensamentos de suicídio, isto é, perguntemos-lhe se pensa em suicidar-se ou, conforme o caso, se persiste nas ideias suicidas que antes manifestou. Em qualquer hipótese, sempre responderá que não a esta pergunta – sobretudo, aliás, na hipótese de pura

dissimulação. Em seguida, façamos-lhe outra pergunta que nos permita estabelecer uma diagnose entre o estar realmente livre do *taedium vitae*, por um lado, e, por outro, a mera dissimulação do mesmo: perguntemos-lhe – por mais brutal que a pergunta lhe pareça – “por quê” (já) não tem nenhum pensamento de suicídio. Nessa altura, o doente que estiver livre de tais propósitos ou que já estiver curado logo responderá que, evidentemente, por ter de cuidar dos seus ou por ter de pensar no seu trabalho, ou motivos semelhantes. O doente dissimulador, no entanto, ficará enalhado subitamente na nossa pergunta, com uma perplexidade típica. Sentirá a necessidade de responder à nossa pergunta com argumentos em prol de uma afirmação (simulada) da vida, sem saber como satisfazê-la. No caso de se tratar de um paciente já internado, o mais típico é começar então a insistir em ir-se embora ou a protestar solenemente que não há nesse desejo quaisquer intenções de suicídio. Logo se vê que o homem está psicologicamente incapacitado para fingir sequer argumentos a favor da afirmação da vida ou argumentos para continuar a viver; argumentos, enfim, que depõem contra os seus prementes pensamentos de suicídio: se realmente os houvesse, se os tivesse já no pensamento, não mais estaria, *eo ipso*, dominado por intenções de suicídio, nada tendo portanto que fingir” (FRANKL, 1986, p. 60).

Para Frankl, o sentido da vida pode ser configurado de diferentes maneiras. Ele fala sobre o supra-sentido da vida. Para ele, deve-se separar a problemática “finalidade e fim” do mundo como um todo, ou o sentido do destino que vem ao nosso encontro, das coisas que nos sucedem, porque as possíveis respostas positivas a todos estes problemas pertencem propriamente ao domínio da fé. É por isso que para o homem religioso, que crê numa Providência, não há por via de regra, a este respeito, nenhuma problemática. Quanto aos restantes, a discussão de tais indagações teria que ser examinada em termos de crítica gnoseológica. “Teríamos que examinar, sem dúvida, se em geral é permitido perguntarmos pelo sentido do todo; se, portanto esta pergunta, de per si, tem plena razão de ser. Isto é, o que nós podemos propriamente fazer em cada caso é perguntar apenas pelo sentido de um acontecer parcial e não pelo “fim” do acontecer universal” (FRANKL, 1986, p. 61).

Para Frankl, a categoria de fim é transcendente na medida em que cada caso o fim está fora daquilo que o “tem”. Por isso pode-se conceber o sentido do mundo como um todo na forma de um conceito-limite, como se costuma dizer. Pode-se caracterizar este sentido como supra-sentido, exprimindo, numa só palavra, que o sentido do todo já não é apreensível e que é mais do que apreensível. Frankl cita Kant: “Nestes termos o conceito seria análogo aos postulados Kantianos da razão; representaria ao mesmo tempo uma necessidade do pensamento e, apesar disso, uma impossibilidade do pensamento, - uma antinomia que só a fé logra contornar” (FRANKL, 1986, p. 61).

Frankl também cita Pascal, que “dizia que nunca o ramo pode abraçar o sentido da árvore toda” (FRANKL, 1986, p. 61). Uma recente teoria biológica do mundo circundante mostrou que todo ser vivo se encontra encerrado no mundo circundante próprio da respectiva espécie, sem poder quebrá-lo. Por muito que o homem seja aberto ao mundo, tendo mais do que um mundo circundante, mesmo que o homem “tenha mundo” (Max Scheller) – ainda que tenha “o” mundo –, quem nos diz que, para além deste seu mundo, algum supra mundo não existe? Assim como um animal não pode entender para além do seu mundo circundante, o mundo do homem que o ultrapassa, assim também o homem não poderia apreender o supra-mundo; para alcança-lo, portanto, teria que ir mais longe, vislumbrando-o, - na fé. “Um animal doméstico não sabe para que fins o homem se serve dele. Como poderia chegar o homem a saber que fim último tem a sua vida, qual o supra-sentido que tem o mundo como um todo?” (FRANKL, 1986, p. 62).

Frankl cita N. Hartmann que afirma que a liberdade e a responsabilidade do homem estão em contradição com uma finalidade para ele oculta, mas que lhe é imposta de cima. Frankl entende, porém, que esta visualização não concorda com os fatos. Hartmann admite que a liberdade do homem é uma liberdade apesar da dependência, na medida em que a liberdade espiritual também se constrói por sobre a legalidade da natureza, numa camada de ser própria, mais elevada, que, malgrado a sua dependência da camada de ser inferior, é autônoma em relação a esta. Frankl diz: “a meu ver, é perfeitamente concebível uma relação análoga entre o reino da liberdade humana e um reino

que se lhe sobreponha, de tal modo que o homem continue a gozar duma vontade livre, a despeito do que uma Providência projete fazer com ele” (FRANKL, 1986, p. 62).

Frankl admite a existência de uma inteligência de um grau essencialmente mais elevado. Uma sabedoria que tem que ter fundado o instinto dos animais, que tem que ser de um nível incomparavelmente mais alto do que a própria sabedoria dos instintos com base nos quais o dito animal reage tão sabiamente. Frankl diz que talvez a diferença específica entre o homem e o animal não esteja tanto no fato de o animal ter instintos e o homem inteligência; talvez a diferença essencial esteja, com efeito, em ser tão elevada a inteligência do homem que – e nisto em decisivo contraste com a capacidade do animal – pode aperceber-se inclusive de que tem que haver uma sabedoria, decerto de um nível fundamentalmente superior ao da sua – uma sabedoria sobrehumana -, que nele enxertou a razão e nos animais os instintos: “uma sabedoria que criou toda a sabedoria, tanto a sabedoria humana como os ‘sábios’ instintos dos animais, sintonizando-os, aliás, com o seu mundo” (FRANKL, 1986, p. 63).

Citando Schleich, Frankl diz que ninguém como ele, exprimiu com tanta beleza e concisão a relação que medeia entre o mundo humano e um supra-mundo: uma relação que nos cumpre representar como análoga àquela que se dá entre o mundo circundante do animal e o do homem. “Deus – diz Schleich – sentou-se ao órgão das possibilidades e improvisou o mundo. Nós os pobres dos homens, nunca ouvimos mais do que a *vox humana*. Se esta é já tão bela, como não será esplêndido o todo!” (FRANKL, 1986, p. 63). Se a queremos definir de algum modo, a relação entre o mundo circundante dos animais (estrito) e o mundo do homem (mais amplo) e entre este e um supra-mundo (que abranja a todos), teremos uma espécie de alegoria da secção áurea. A parte menor está para a maior assim como a maior para o todo.

Frankl diz, como exemplo, que um macaco a que se tenham aplicado injeções dolorosas destinadas à obtenção de um soro, não conseguiria imaginar por que razão tem que sofrer. Limitado pelo seu mundo circundante, ele não está em condições de acompanhar as reflexões do homem que o submete às suas experiências, pois não lhe é acessível o mundo humano, o mundo do

sentido e dos valores. Frankl diz: “ora, não teremos nós que admitir que, acima do mundo humano, existe por sua vez um outro mundo, inacessível ao homem, e cujo sentido, cujo supra-sentido seja o único capaz de dar sentido aos seus sofrimentos?” (FRANKL, 1968, p. 64).

Frankl diz que a entrada na dimensão supra-humana, efetivada na fé, funda-se no amor. É isto coisa sabida. O que talvez seja, contudo, menos sabido, é que há disto uma *pré-formação infra-humana*. Frankl pergunta ilustrando: “quem não terá notado já como um cão, ao ter de sofrer uma dor, causada por um veterinário, levante os olhos para o seu dono, todo cheio de confiança?” (FRANKL, 1986, p. 64). Frankl diz que, o cão, sem poder “saber” qual o sentido da dor que lhe provocam “crê” precisamente na medida em que confia no seu dono e precisamente, aliás, porque o “ama”.

Com referência à fé, Frankl diz que é de si evidente que a fé num supra-sentido – quer o entendamos como conceito-limite quer, em termos religiosos, como Providência – tem uma imensa importância psicoterápica e psico-higiênica. Esta fé é criadora, uma fé pura que brota duma força interior, que torna o homem mais forte. Frankl diz que “para um crente assim, não há, em última instância, nada sem sentido [...] a história interior da vida de um homem nunca acontece em vão em todo o seu drama e inclusivamente na sua tragédia; e isto, ainda que nunca a tenham observado, ainda que nenhum romance a tenha sabido contar” (FRANKL, 1986, pp. 64-65).

De um modo ou de outro, diz Frankl, o conteúdo de uma vida, o seu acabamento, fica guardado em algum lugar. Assim, o tempo, a caducidade da vida, em nada poderão afetar o seu sentido e valor. Ter sido é também um modo de ser, talvez o mais seguro. Todas as ações na vida, a despeito de serem ações passadas estão seguras para toda a eternidade, a salvo de qualquer posterior golpe do tempo. Frankl diz: “o tempo decorrido é irreversível; mas o que no decurso dele aconteceu é intocável e inviolável” (FRANKL, 1986, p. 65). O tempo que corre mostra-se não apenas como um ladrão, mas também como fiel depositário. E uma cosmovisão que tenha em vista a caducidade da existência nem por isso tem que ser, de modo algum, pessimista.

Frankl ilustra com uma imagem:

Se quiséssemos expressá-lo numa imagem, poderíamos dizer: o pessimista assemelha-se a um homem que está diante de um calendário de parede e vê, com medo e tristeza, como o calendário – a que arranca diariamente uma folha – fica cada vez mais fino; ao passo que quem conceber a vida no sentido do que acima se disse, parece-se com um homem que cuidadosamente toma a folha que acabou de separar do calendário, para juntá-la às restantes, já arrancadas, sem deixar de inscrever no verso uma notícia a modo de diário, a fim de se lembrar, cheio de orgulho e alegria, de tudo o que nessas notícias assentou, - de tudo o que na sua vida foi “realmente vivido”. (FRANKL, 1986, p. 65)

Frankl ainda acrescenta dizendo que mesmo que este homem repare ter envelhecido, que importa? Deveria, poderia, só por isso, olhar com coração invejoso a juventude de outros homens ou lembrar melancolicamente sua própria juventude? Porque, afinal – pois é isso o que antes deve perguntar-se –, o que é que tem a invejar num homem moço? As possibilidades, talvez, que um homem jovem ainda tem, o seu futuro? O próprio Frankl responde: “Muito obrigado – pensará entre si – no meu passado tenho eu realidades, em vez de possibilidades: não apenas a realidade das obras realizadas, mas a do amor amado e a das dores sofridas. E por estas é que mais orgulho eu sinto, muito embora sejam elas as que menos inveja despertam...” (FRANKL, 1986, pp. 65-66).

Frankl cita Scheler: “tudo o que no passado há de bom e de belo, no passado está bem seguro e bem guardado. Por outro lado, enquanto a vida dura, todas as culpas, todos os pecados são ainda ‘redimíveis’” (FRANKL, 1986, p. 66). Frankl diz que é sublime saber que o futuro, tanto o seu próprio futuro como o das coisas e o dos homens que o rodeiam, em certa medida, por pequena que seja, depende da decisão que ele toma em cada instante. “O que eu realizar com essa decisão, o que com ela ‘criar no mundo’, é qualquer coisa que ponho a salvo na realidade, preservando-a da caducidade”. (FRANKL, 1986, p. 67)

Concluindo, sobre o sentido da vida, Frankl diz: “duvido que um médico possa responder a essa questão em termos genéricos. Isso porque o sentido da vida difere de pessoa para pessoa, de um dia para outro, de uma hora para outra” (FRANKL, 2010, p. 133). Para Frankl o que importa, por conseguinte, não é o sentido da vida de um modo geral, mas antes o sentido específico da vida de uma pessoa em dado momento. Ele diz que formular essa questão em termos gerais seria comparável a perguntar um campeão de xadrez: “Diga-me, mestre, qual o melhor lance do mundo?” O próprio Frankl conclui dizendo que simplesmente não existe algo como o melhor lance ou um bom lance à parte de uma situação específica num jogo e da personalidade peculiar do adversário. O mesmo é válido para a existência humana. Para Frankl, não se deveria procurar um sentido abstrato da vida. “Cada qual tem sua própria vocação ou missão específica na vida; cada um precisa executar uma tarefa concreta, que está a exigir realização. Nisso a pessoa não pode ser substituída, nem pode sua vida ser repetida” (FRANKL, 2010, p.133). Para Frankl, a tarefa de cada um é tão singular como a sua oportunidade específica de levá-la a cabo.

Frankl diz que uma vez que cada situação na vida constitui um desafio para a pessoa e lhe apresenta um problema para resolver, pode-se, a rigor, inverter a questão pelo sentido da vida. Em última análise, diz ele que a pessoa não deveria perguntar qual o sentido da sua vida, mas antes deve reconhecer que é *ela* que está sendo ignorada. Em suma, cada pessoa é questionada pela vida; e ela somente pode responder à vida respondendo por sua própria vida; à vida ela somente pode responder sendo responsável. Frankl vê na responsabilidade (*responsibleness*) a essência propriamente dita da existência humana.

A próxima seção abordará a necessidade humana da busca de sentido para a vida.

2.3 – A necessidade humana da busca de sentido para a vida.

A humanidade, ao longo da sua história, tem buscado preencher a necessidade de busca de sentido para a vida de várias formas. Dentre as diversas maneiras, é possível citar a arte, a música, a ciência e a religião. Albert

Einstein fez a seguinte indagação: “Tem um sentido a minha vida? A vida de um homem tem sentido? Posso responder a tais perguntas se tenho um espírito religioso” (EINSTEIN, 1982, p. 13). Para Einstein a religião ajudava nessa questão. Mas, o ser humano há muito tempo pergunta-se sobre o sentido de sua vida, seja individualmente ou coletivamente, buscando, principalmente responder qual o motivo de sua existência. “A Metafísica tentou responder essas perguntas, mas esse campo foi predominantemente ocupado pela Teologia e pelo Campo Místico, que se encarregaram de respondê-las sob uma visão religiosa ou pelas experiências espirituais, que sempre foram refutadas pela ciência empírica” (GOMES, 2010, p. 113).

Nesse espaço deixado pela Metafísica e pela Teologia surge a fenomenologia com a finalidade de compreender o fenômeno busca de sentido, a partir do olhar do interrogador que se lança para sua existência e abre-se para fazer essas perguntas e respondê-las, pelo menos as que se deixam mostrar e estão aí para serem respondidas. Somente pelos homens o sentido deve ser descoberto, pois um objeto ou animal não inquirir sobre o motivo de estar no mundo. Segundo Frankl, o problema do sentido é característico da espécie humana e serve como força vital e propulsora para seu existir.

Essa psicologia mais completa concentra sua atenção nos fenômenos especificamente humanos, como o desejo do homem encontrar um sentido para a vida e concretizá-lo ou aquelas situações vitais que o obrigam a confrontar-se consigo mesmo. Pessoalmente delimito essa necessidade humana por excelência por meio do termo teórico-motivacional “vontade de sentido”. (FRANKL, 1949 *apud* FRANKL, 2012, p. 265).

A vontade do homem de encontrar um sentido para sua vida “é a propulsão motivacional da existência” (CAMON, 1984, p.19). Sentido não como sinônimo de significados, mas sentido, conforme diz Critelli, “como a possibilidade de escolher um rumo que dê direção ao ser, que apele para o cuidado do ser” (CRITELLI, 1996, p.140). O homem consegue, ao escutar a si ao escutar as perguntas que a vida se encarrega de fazer, vislumbrar o sentido que possibilita a vivência de uma existência responsável e autêntica. Frankl diz que a busca de um

sentido é única, impossível de ser copiada e mutável, ou seja, vive essa procura de modo singular, de acordo com cada momento ou situação. A angústia também é sentida nesses termos.

A historicidade e temporalidade de cada pessoa influencia nessa busca por sentido. Cada pessoa procura um sentido de acordo com sua história, contexto, meio social e personalidade, mas o inverso também é válido, essas situações são influenciadas pelo sentido, o rumo de suas vidas influencia seu meio, seu contexto, sua vivência de tempo e espaço etc. “O sentido permite ao homem se relacionar com o trabalho, com o cotidiano e com o nosso mundo de forma peculiar, singular e iluminada. Também valores e crenças estão presentes nesta busca” (GOMES, 2010, p. 114). Independentemente da fase em que o ser humano se encontra, essa caminhada singular em busca de sentido pode acontecer.

Alguns pensam que essa busca de sentido inicia somente na chamada Terceira Idade, quando chega o momento do balanço da vida e a necessidade de encontrar algo para o fim. “Na adolescência, por exemplo, também se encontra o momento de busca: de valores, de escolha de uma profissão, de atitudes para realização de ideias” (GOMES, 2010, pp. 114-115). É vivenciado também como despertador de significações e em momentos perturbadores, que segundo Frankl, são os momentos concretos de sofrimento e crise. Diante de uma dor, de algo inevitável, a possibilidade de se encontrar sentido aumenta, não que todo sofrimento gere sentido. Mas, o sofrimento servirá como intermediador entre a existência e um sentido para a mesma. Essa dor pode ser uma consequência da angústia existencial.

Segundo Giovanetti, “a questão do sentido é algo constitutivo da natureza humana” (GIOVANETTI, 2002, p. 97), e esses momentos geram o vazio da existência, entendido como a vivência de não se ter um sentido, ou de se estar em morte existencial. Não se vive, não se sente e não se comunica, quando não se tem um sentido ou busca por um. A falta de sentido, em muitos casos, é uma escolha. O sentido para a pessoa é não ter sentido. Numa Era em que há somente priorização de objetos, de máquinas, do ter ao invés do ser, a vontade

de autoexterminar, de não viver acaba sendo maior do que a escolha de viver um existir próprio e único.

A falta de sentido pode-se perceber também pela escassez de contato humano, que passa a ter um papel secundário nas relações afetivas, do tédio e da indiferença. Frankl diz que o tédio seria a falta de interesse e a indiferença a falta de iniciativa. “O homem contemporâneo não demonstra interesse pelo mundo, pelos que o rodeiam, pela possibilidade de mudança, permanece no vazio ou foge dele escolhendo ser algo que não é ou algo que determinam que ele seja, em termos heideggerianos, escolhe a inautenticidade” (GOMES, 2010, p. 115). Ocorre o movimento em direção a um novo sentido, diante do vazio, da escolha de não permanecer neste e da possibilidade do homem angustiar-se. Repensa-se os valores, o modo de habitar o mundo, o corpo, a responsabilidade perante os outros e a si próprio. “O modo que o ser humano encontra para expressar esse vazio e essa mobilização ao novo é por meio da linguagem, a qual é meio central da comunicação entre os indivíduos” (GOMES, 2010, p. 116).

Heidegger diz que pela linguagem, seja ela falada, escrita, gestual ou corporal, expressam-se as emoções ou estados de ânimo. São as emoções que guiam a busca de sentido. É por meio delas que o ser experimenta se algo faz sentido ou não, que se relaciona com os outros, que percebe a existência como algo acontecendo, acontecido e que está para acontecer. São as emoções que permitem continuar ou não essa busca. A movimentação do ser para o sentido também é conhecida como procura por liberdade Kierkegaard trata desse assunto quando escreve sobre a possibilidade do homem escolher entre o bem e o mal. É uma decisão humana, somente possível quando se conhece e vivencia a liberdade.

Frankl escreve que “o homem também só se revela como verdadeiro homem quando se eleva à dimensão de liberdade” (FRANKL, 1973, p. 4). Para ele, a liberdade não é entendida como algo livre em si, livre de algo. O homem está sob diversas condições, sejam elas biológicas, históricas, sociológicas ou psicológicas. A liberdade é entendida como liberdade para algo, como tomada de decisão diante dessas condições. “Essa decisão é equivalente

ao modo autêntico de HEIDEGGER (1927), no qual escolhemos ser algo que realmente nos é próprio e que nos realize como seres dentro das diversas possibilidades que nos estão disponíveis” (GOMES, 2010, p. 116).

Frankl aborda sobre a liberdade do espírito, que é uma questão dentro da liberdade, que, segundo ele, foi esquecida pelos estudiosos e psicoterapeutas. Acredita que o ser humano tem uma dimensão somática, uma psíquica e uma noética, isto é, espiritual. Toda a sua teoria baseia-se em questões noogênicas, inclusive a busca por um sentido.

Para a psicologia essa dimensão ainda provoca muitas divergências, mesmo para FRANKL (1973), que em certos momentos indagou-se sobre a difícil tarefa e a periculosidade de se incluir o espírito na psicoterapia, principalmente quanto ao preparo dos psicoterapeutas, que poderiam impor aos pacientes seus pontos de vista, valores e crenças (GOMES, 2010, p. 117).

Ao falar de liberdade de espírito, Frankl menciona a falta de preocupação do homem religioso quanto ao sentido para o fim, pois este teria a Providência Divina como resposta. O homem religioso seria alguém que tem como interlocutor seu Deus, “é aquele que, ao atender ao falado, experimenta a vivência de alguém que lhe fala” (FRANKL, 1973, p. 97). É alguém que acredita na salvação e na vinda de um Messias, o qual proporciona paz de espírito e diminui o temor quanto à morte. Kierkegaard diz: “quem não deseja afundar-se na miséria da finitude é compelido a, no sentido mais profundo, atirar-se para a infinitude” (KIERKEGAARD, 2011, p. 175). Kierkegaard trabalha com o conceito de homem religioso e espiritual ao falar de angústia do fim. Ele também acredita que este homem não poderia sofrer da angústia pelo fim da existência, pois tem na Redenção o alento para sua alma.

Vale ressaltar que “não se pode intuir ou se revestir de pré-conceitos quanto aos cristãos, afirmando que não se angustiam, não sofrem pela finitude do ser e nem procuram um sentido para suas vidas (porque são filhos adoradores de Deus)” (GOMES, 2010, p. 117). Frankl, ao estudar o espiritual, refere-se à existência de um sentido último ou final, que seria o sentido da própria vida como um todo, independente se o homem conseguiu ou não encontrar ou

mesmo concretizar um sentido individual. Para ele, este sentido está estritamente ligado à fé, independente de crença e instituição religiosa. Frankl acredita que a ciência empírica e a razão não são capazes de compreender esse fenômeno e, para estudá-lo, é necessário que os cientistas tenham uma disposição existencial, lancem mão da religião, que está presente em todos os seres humanos, seja em maior ou menor grau.

Para Frankl, “as crenças são vivenciadas como sistema de símbolos personalizados que permite a cada ser humano falar uma linguagem própria quando se dirige ao ser último” (FRANKL, 2012, p. 276), no caso Deus superior ou ser interior. Frankl não considera a religião como algo institucionalizado, alienante, repleto de dogmas, mas abre a possibilidade de perceber cada pessoa como um ser que tem o direito e a escolha de vivenciarem algo incognoscível. Teoria essa que foi influenciada pela sua história pessoal, situação temporal e social.

Frankl era judeu e por acreditar em Deus e ser julgado como inferior em função de raça e credo passou por um campo de concentração durante a Segunda Guerra Mundial. “Assim, crer em Deus para ele ‘significa ter encontrado uma resposta para a pergunta sobre o sentido da vida’ (EINSTEIN, 1950 apud FRANKL, 1995) e, como salienta CAMON (2002), a busca por uma espiritualidade não quer dizer busca por uma religião, pois a espiritualidade é algo da condição humana” (GOMES, 2010, p. 118).

Ainda sobre a importância da fé escreve Pereira e, segundo ele, a fé pode ser entendida pelo diálogo entre Psicologia e Religião. A fé é sim um fenômeno espiritual, mas também psicológico, por ser universal, individual, pessoal e exclusivo àquele que crê. Só um Deus superior é capaz de dar a fé, pois a fé como um fenômeno espiritual é revelação do divino. Como fenômeno psicológico é parte integrante da existência, do ser racional, que transcende à razão. “A fé por si só se basta, não exige nenhuma explicação; apenas depende da aceitação” (PEREIRA, 2003, p. 26). Para ele ela é um sentimento, não é algo que se possa possuir, mas sim que emana das profundezas mais íntimas do ser. É algo ainda mais misterioso para razão sendo entendida como sentimento. “A fé

independe de credo ou religião, pode ser sentida por todo ser humano, dependendo da disponibilidade individual” (GOMES, 2010, p. 119).

Da necessidade do homem em obter um ponto de sustentação para sua insegurança e fragilidade, surge a fé como alimento para sua esperança e da disponibilidade humana para se crer. Diante da sua fragilidade e insegurança, o homem busca pela fé crer em um Deus que atenderá sabiamente suas necessidades, mas não tem certeza de que será atendido e respondido e assim a dúvida é propulsora da fé. “Isto é fé, é confiar em meio à desconfiança” (PEREIRA, 2003, p. 49). A esperança é parte integrante da fé, pois aquele que crê espera que suas petições sejam escutadas e respondidas, mas sem esperar não há fé. Não há por que pedir, se não se espera que seja atendido. “Esse sentimento é paradoxal, não se entende fé pela razão, mas sem a razão não há sua expressão, pois ela passa pelo cognoscível para ser manifestada. Ela não emerge do numinoso, mas é criada na relação com ele” (GOMES, 2010, p. 119).

Existe a dúvida da existência de algo ou alguém Superior, mas prefere-se acreditar nessa possibilidade para se ter fé. Essa situação paradoxal gera um conflito existencial. Para crer em um Deus, o ser humano precisa admitir-se limitado, mas quando é atendido, sabe que a resposta veio deste Deus e também de si próprio, pois este Deus está dentro de si. O que estava cindido agora é unido, “pela fé o divino e o humano se fundem dentro da pessoa que crê” (PEREIRA, 2003, p. 67). A vida do homem está além da temporalidade e da finitude, isto é percebido pelo homem e ele entende que tem outras possibilidades. A fé passa a contribuir para um sentido, encontrar a razão de sua existência, muito além da perspectiva de vida tida até o momento.

Outro aspecto da humanidade gerador de sentido é a consciência da finitude humana. Heidegger é o teórico que mais se aprofunda neste assunto. Ele comenta em sua obra *Ser e Tempo*:

A questão da constituição ontológica de “fim” e “totalidade”, obriga a tarefa de uma análise positiva dos fenômenos da existência até aqui postergados. No centro destas considerações, acha-se a caracterização ontológica do ser-para-o-fim em sentido próprio da presença e a

conquista de um conceito existencial da morte.
(HEIDEGGER, 1997, p. 17)

A finitude e a temporalidade neste contexto não são apenas um adicional à vida humana, são necessariamente constitutivos do seu sentido. O sentido da existência humana funda-se essencialmente no seu caráter irreversível. A propósito, a máxima da análise da existência poderia ser assim compreendida: Vive como se vivesse pela segunda vez e como se da primeira vez tivesses feito tão falsamente como agora está quase a fazer. É possível também imaginarmos a vida como um filme que estamos “filmando”, sem, contudo receber “cortes”, ou seja, um filme no qual já não se pode retroceder para desfazer o que foi “tomado”. A propósito, “quando se vai ao cinema, é claro que o que mais importa é que o filme tenha um fim, seja ele qual for, pouco importando que seja um happy-end”. (Frankl, 1986, p. 111)

Voltando a Heidegger, ele diz que o homem consegue encontrar um sentido para sua existência, ou seja, vivenciar o mundo de forma autêntica quando percebe sua limitação temporal. Ao sentir o fim, é possível valorizar a vida e experimentá-la de acordo com as possibilidades únicas e próprias (autenticidade). “Enquanto não há essa consciência, imagina-se que há somente a eternidade e as coisas são deixadas para depois, evitam-se as escolhas, permanece-se na inautenticidade” (GOMES, 2010, p. 120). A escolha da vivência por um ser autêntico no mundo, consigo e com os outros, possibilita novas formas de se relacionar, agir, fazer e ser, criando condições para a percepção de um sentido para a existência. O processo de morrer é o horizonte e o limite do futuro. O que faz presente um misto de retomado do passado e antecipação do futuro. A temporalidade é o sentido da existência.

Independente de seu estágio de desenvolvimento, angústia e busca de sentido para a vida permeiam toda a existência humana, ressaltando somente os graus de acordo com as idades e percepção de sua angústia. Frankl ressaltou que alguns períodos de crise, podem potencializar a angústia e conseqüentemente a busca por significações existenciais. “A angústia possibilita a movimentação do ser em busca de um sentido, não à angústia paralisante presente em muitos quadros clínicos de depressão, e sim à angústia provocativa,

a que incomoda o ser” (GOMES, 2010, p. 120). Aquela que faz o ser se dirigir ao seu modo mais autêntico de existir. A procura por significações é impulsionada pela sensação de vazio. A angústia desperta essa peregrinação, mas para senti-la não é necessário enveredar-se pelos caminhos de busca de sentido.

A angústia pode ser potencializada nessa procura, pois ao se deparar com diferentes e múltiplas escolhas o ser precisará escolher, pelo menos naquele momento, apenas por uma e, em função disso, não conhecerá as demais possibilidades. “Essa conscientização de que o ser é finito, tanto em escolhas quanto em tempo, provoca o sentimento de angústia e a busca por um sentido concomitantes e interligados” (GOMES, 2010, p. 121). Durante todo o existir, angústia e a busca por um sentido, andam lado a lado, conectam-se, encontram-se, aproximam-se e distanciam-se a todo momento. Percebe-se o ser humano como total, coexistente no mundo com outros seres humanos totais que influenciam e são influenciados pelo tripé bio-psíquico-social, não excluindo de forma alguma o espiritual. Acontecerá ao longo de toda a vida, a escolha por algo que proporcione sentido para a vida de um ser que vivencia a angústia existencial. É parte formadora e estrutura o Ser-Homem.

“O ser humano percebe-se angustiado e em muitos casos não sabe como ‘lidar’ com isso, paralisando, abafando suas sensações ou até mesmo anulando-as, muitas vezes adocece e/ou mergulha em uma tristeza profunda, não conseguindo dar continuidade ao seu ser, bem como conhecer outras possibilidades” (GOMES, 2010, p.121). Mas, há aqueles que conseguem se expressar, independente das limitações existentes e escolhem conhecer a si mesmos, e então rumam para uma vivência mais autêntica e responsável, permeados pela angústia com um objetivo de encontrar algo que preencha o vazio de suas vidas e lhes proporcione sentido existencial.

No próximo capítulo será analisado o sentido da vida na logoterapia de Viktor Frankl.

Capítulo 3 – O SENTIDO DA VIDA NA LOGOTERAPIA DE VIKTOR FRANKL.

Este capítulo trata do sentido da vida na logoterapia de Viktor Frankl. Nesta primeira seção estarão em foco os conceitos fundamentais da logoterapia.

3.1 – Conceitos Fundamentais da logoterapia.

A Logoterapia é uma escola psicológica de cunho fenomenológico, existencial, humanista e teísta. Ficou conhecida como a “Psicoterapia do Sentido da Vida” ou, ainda, a Terceira Escola Vienense de Psicoterapia. Frankl, em sua teoria, concebeu uma visão de homem distinta das demais concepções psicológicas de seu tempo ao propor a compreensão da existência mediante fenômenos especificamente humanos e a identificação de sua dimensão noética ou espiritual, a qual pela sua dinâmica própria pode despertar a vivência da religiosidade. A Logoterapia concentra-se no sentido da existência humana, bem como na busca da pessoa por este sentido. Ela é, de fato, uma psicoterapia centrada no sentido, e que considera sua tarefa ajudar o paciente a encontrar sentido em sua vida. Para a logoterapia, a busca de sentido na vida da pessoa é a principal força motivadora no ser humano. Frankl era psicoterapeuta.

Certa vez, Frankl foi indagado sobre qual escola ele representava. Ele respondeu que representava sua própria teoria chamada logoterapia. Ele explica a diferença entre psicanálise e logoterapia:

Durante a psicanálise, o paciente precisa deitar-se num sofá e contar coisas que, às vezes, são muito desagradáveis de se contar [...] Bem, na logoterapia o paciente pode ficar sentado normalmente, mas precisa ouvir certas coisas que, às vezes, são muito desagradáveis de se ouvir. (FRANKL, 2010, p.123)

Mas, o próprio Frankl disse isso na brincadeira, sem a intenção de fornecer uma fórmula concentrada da logoterapia. Se comparada à psicanálise, a logoterapia é menos retrospectiva e menos introspectiva. A logoterapia concentra-se mais no futuro, ou seja, nos sentidos a serem realizados pelo paciente em seu futuro. A logoterapia é, de fato, uma psicoterapia centrada no sentido. “Ao mesmo

tempo, a logoterapia tira do foco de atenção todas aquelas formações tipo círculo vicioso e mecanismos retroalimentadores que desempenham papel tão importante na criação de neuroses” (FRANKL, 2010, p. 124). Quebra-se assim, o autocentrismo típico do neurótico, ao invés de se fomentá-lo e reforçá-lo constantemente.

A logoterapia confronta o paciente com o sentido de sua vida e o reorienta para o mesmo. Torná-lo consciente desse sentido pode contribuir em muito para sua capacidade de superar a neurose. Na logoterapia o paciente vai sendo convidado a reconstruir seu sentido pessoal, seus significados mais profundos em relação às diversas situações vividas, bem como de seus projetos pessoais. Frankl explica por que tomou o termo “logoterapia” para designar sua teoria:

O termo “logos” é uma palavra grega e significa “sentido!” A logoterapia, ou, como tem sido chamada por alguns autores, a “Terceira Escola Vienense de Psicologia”, concentra-se no sentido da existência humana, bem como na busca da pessoa por esse sentido. Para a logoterapia, a busca de sentido na vida da pessoa é a principal força motivadora no ser humano. Por essa razão costumo falar de uma vontade de sentido, a contrastar com o princípio do prazer (*ou, como também poderíamos chamá-lo, a vontade de prazer*), no qual repousa a psicanálise freudiana, e contrastando ainda com a vontade de poder, enfatizada pela psicologia adleriana através do uso do termo “busca de superioridade” (FRANKL, 2010, p. 124)

Dentro dos conceitos fundamentais da logoterapia está a vontade de sentido. Frankl diz que a busca do indivíduo por um sentido é a motivação primária em sua vida, e não uma racionalização secundária de impulsos instintivos. “Esse sentido é exclusivo e específico, uma vez que precisa e pode ser cumprido somente por aquela determinada pessoa. Somente então esse sentido assume uma importância que satisfará sua própria vontade de sentido” (FRANKL, 2010, p. 124). Alguns autores sustentam que sentidos e valores são nada mais que mecanismos de defesa, formações reativas e sublimações. Mas, Frankl não entende assim. Ele diz: “Pelo que toca a mim, eu não estaria disposto

a viver em função dos meus ‘mecanismos de defesa’. Tampouco estaria pronto a morrer simplesmente por amor às minhas ‘formações reativas’. O que acontece, porém, é que o ser humano é capaz de viver e até de morrer por seus ideais e valores!” (FRANKL, 2010, p. 125)

Em uma pesquisa de opinião pública realizada na França, os resultados mostraram que 89% das pessoas consultadas admitiram que o indivíduo precisa de “algo” em função do qual viver. E 61% admitiram haver algo ou alguém em suas próprias vidas pelo qual estariam até prontas a morrer. Frankl repetiu essa pesquisa na sua clínica em Viena, entre pacientes e funcionários, e o resultado foi praticamente igual àquele obtido entre milhares de pessoas pesquisadas na França, a diferença foi de apenas 2%. Nos deparamos com o que é autêntico e genuíno na pessoa, o desejo do ser humano por uma vida, tanto quanto possível, dotada de sentido.

Frankl fala sobre a frustração existencial. Ele afirma que a vontade de sentido também pode ser frustrada. A logoterapia, nesse caso, fala de “frustração existencial”. Para Frankl “o termo “existencial” pode ser usado de três maneiras: referindo-se (1) à existência em si mesma, isto é, ao modo especificamente de ser; (2) ao sentido da existência; (3) à busca por um sentido concreto na existência pessoal, ou seja, à vontade de sentido” (FRANKL, 2010, p. 126). A frustração existencial também pode resultar em neuroses que a logoterapia cunhou o termo “neuroses noogênicas”, a contrastar com as neuroses na significação habitual da palavra, isto é, as neuroses psicogênicas. As neuroses noogênicas têm sua origem na mente. As neuroses noogênicas são sempre de cunho espiritual e se baseiam em conflitos da sua existência onde as frustrações existenciais desempenham um papel central. Esse é outro conceito logoterapêutico que designa qualquer coisa pertinente à dimensão especificamente humana.

As neuroses noogênicas surgem de problemas existenciais. Entre esses problemas, a frustração da vontade de sentido é o principal. A logoterapia, neste caso, é a terapia adequada, pois ousa penetrar na dimensão especificamente humana. “Nem todo conflito é necessariamente neurótico; certa dose de conflito é normal e sadia” (FRANKL, 2010, p. 127). Semelhantemente, o

sofrimento não é sempre um fenômeno patológico; em vez de sintoma de neurose, o sofrimento pode ser perfeitamente uma realização humana, especialmente se o sofrimento emana de frustração existencial. Frankl nega que a busca por um sentido para a existência da pessoa, ou mesmo sua dúvida a respeito, sempre provenha de alguma doença ou mesmo resulte em doença. Essa frustração em si mesma não é patológica nem patogênica. A preocupação da pessoa sobre se a sua vida vale a pena ser vivida é uma angústia existencial, mas de forma alguma uma doença mental, afirma Frankl. Pode acontecer que um médico venha soterrar o desespero existencial do seu paciente debaixo de um monte de tranquilizantes se interpretar a angústia existencial como doença mental. Sua função, no entanto, é guiar o paciente através das suas crises existenciais de crescimento e desenvolvimento.

A tarefa da logoterapia é ajudar o paciente a encontrar sentido em sua vida. Ela vai conscientizando o paciente do logos oculto de sua existência em um processo analítico. Até esse ponto a logoterapia se assemelha à psicanálise. Porém, “quando a logoterapia procura tornar algo novamente consciente, ela não restringe sua atividade a fatos instintivos dentro do inconsciente do indivíduo, mas se preocupa também com realidades existenciais, tais como o sentido em potencial de sua existência a ser realizado, bem como sua vontade de sentido” (FRANKL, 2010, p. 128). Qualquer análise procura tornar o paciente consciente daquilo por que ele realmente anseia na profundidade do seu ser. Segundo Frankl, a logoterapia diverge da psicanálise na medida em que considera o ser humano um ente cuja preocupação principal consiste em realizar um sentido, e não na mera gratificação e satisfação de impulsos e instintos, ou na mera reconciliação das exigências conflitantes de id, ego e superego, ou na mera adaptação e ao meio ambiente.

Frankl fala sobre noodinâmica. A noodinâmica é a tensão interna existente entre o que uma pessoa é e aquilo que ela deveria ser de acordo com a sua realidade, seus valores e o seu sentido de vida. A logoterapia afirma que o "estado noodinâmico" ou o estado entre aquilo que se é e aquilo que se deveria ser, é o mais adequado à normalidade do homem. Neste sentido, quando o indivíduo se encontra em uma situação adversa e estabelece uma meta para sair

de onde está, o estado normal de tensão no dinâmico o equilibra e o auxilia para que ele supere os seus obstáculos, desde que aceite o desafio de seguir em frente sem o receio do fracasso. A busca por sentido certamente pode causar tensão interior em vez de equilíbrio interior. Justamente essa tensão é um pré-requisito indispensável para a saúde mental. Frankl diz: “ousou dizer que nada no mundo contribui tão efetivamente para a sobrevivência, mesmo nas piores condições, como saber que a vida da gente tem um sentido” (FRANKL, 2010, p. 129). Nietzsche proferiu sabiamente que quem tem por que viver suporta quase qualquer coisa. É um lema válido para qualquer psicoterapia.

Frankl relembra sua experiência nos campos de concentração nazistas dizendo que “aqueles que sabiam que havia uma tarefa esperando por eles tinham as maiores chances de sobreviver” (FRANKL, 2010, p. 129). Outros autores de livros sobre campos de concentração chegaram à mesma conclusão, assim como investigações psiquiátricas sobre acampamentos com prisioneiros de guerra no Japão, Coreia do Norte e Vietnã do Norte. Quando Frankl foi levado para o campo de concentração em Auschwitz, seu manuscrito pronto para publicação foi confiscado. Mas, o profundo desejo de reescrevê-lo o ajudou a sobreviver os rigores dos campos de concentração em que esteve. Quando foi atacado pela febre do tifo, rabiscou muitos apontamentos em pedacinhos de papel para depois conseguir reescrever o manuscrito, caso vivesse até o dia da libertação. Essa reconstrução do seu manuscrito perdido, levada a cabo na penumbra dos barracões de um campo de concentração na Baviera, ajudou-o a superar o perigo de um colapso cardiovascular.

Então, Frankl diz que “a saúde mental está baseada em certo grau de tensão, tensão entre aquilo que já se alcançou e aquilo que ainda se deveria alcançar, ou o hiato entre o que se é e o que se deveria vir a ser” (FRANKL, 2010, p. 129). Essa tensão é inerente ao ser humano e por isso indispensável ao bem estar mental. Deve-se desafiar a pessoa com um sentido em potencial a ser por ela realizado, e, somente assim, será despertada do estado latente sua vontade de sentido. O que o ser humano realmente precisa não é um estado livre de tensões, mas antes a busca e a luta por um objetivo que valha a pena, uma tarefa escolhida livremente. O que ele necessita não é a

descarga de tensão a qualquer custo, mas antes o desafio de um sentido em potencial à espera de seu cumprimento. Segundo Frankl, o ser humano precisa daquilo que ele chama de noodinâmica, isto é, da dinâmica existencial num campo polarizado de tensão, onde um polo está representado por um sentido a ser realizado e o outro polo, pela pessoa que deve realizá-lo.

Essa noodinâmica vale para situações normais e ainda mais para indivíduos neuróticos. Frankl ilustra:

Quando os arquitetos querem reforçar uma arcada que ameaça desabar, eles aumentam a carga por ela sustentada, pois com isso os componentes são ligados mais firmemente. Da mesma forma, quando os terapeutas desejam incrementar a saúde mental de seus pacientes, não deveriam ter receios de criar uma sadia quantidade de tensão através da reorientação para o sentido da sua vida. (FRANKL, 2010, p. 130)

Frankl agora volta-se para a total e extrema falta de sentido da vida de seus pacientes. Eles carecem da consciência de um sentido pelo qual valesse a pena viver. Sentem-se perseguidos pela experiência de seu vazio interior, de um vazio dentro de si mesmos; estão presos na situação que chama de “vazio existencial”. Já em 1955, Frankl dizia que a maioria dos clientes sofria uma frustração existencial, um vazio existencial. Um vácuo que pode ser compreendido em termos de uma falta de sentido para a vida e que deixa a pessoa em um profundo estado de confusão. “Mas a questão do vazio e da falta de sentido aqui apresentada como um sofrimento de massas foi tangenciada até mesmo por Freud, que em certa ocasião, numa carta dirigida à princesa Bonaparte, dizia: ‘Desde o momento em que alguém se pergunta pelo sentido ou o valor da vida, está enfermo’” (GOMES, 1992, p. 44). Entretanto, segundo Frankl esse questionamento não caracteriza patologia.

Para Frankl, o vazio existencial é um fenômeno muito difundido no século XX. Pode ser atribuído a uma dupla perda sofrida pelo ser humano desde que se tornou um ser verdadeiramente humano. Segundo ele, no início da história, o ser humano foi perdendo alguns dos instintos animais básicos que

regulam o comportamento do animal e asseguram sua existência. E essa segurança, assim como o paraíso, está cerrada ao ser humano para todo o sempre. Ele precisa fazer opções. As tradições, que serviam de apoio para seu comportamento, atualmente vêm diminuindo com grande rapidez. “Nenhum instinto lhe diz o que deve fazer e não há tradição que lhe diga o que ele deveria fazer; às vezes, ele não sabe sequer o que deveria fazer; às vezes, ele não sabe sequer o que deseja fazer” (FRANKL, 2010, p. 131). Em vez disso, ele deseja fazer o que os outros fazem, uma espécie de conformismo, ou ele faz o que outras pessoas querem que ele faça, ou seja, um totalitarismo.

Segundo Frankl, o vazio existencial manifesta-se principalmente num estado de tédio. Frankl concorda com Schopenhauer quando diz que aparentemente, a humanidade estava fadada a oscilar eternamente entre os dois extremos de angústia e tédio. Esses problemas estão se tornando cada vez mais agudos, uma vez que o crescente processo de automação provavelmente conduzirá a um aumento enorme das horas de lazer do trabalhador médio. Muitos deles não saberão o que fazer com esse tempo livre adicional. Frankl fala da “neurose dominical”, aquela espécie de depressão que acomete pessoas que se dão conta da falta de conteúdo de suas vidas quando passa o corre-corre da semana atarefada e o vazio dentro delas se torna manifesto. “Não são poucos os casos de suicídio que podem ser atribuídos a esse vazio existencial. Fenômenos tão difundidos como depressão, agressão e vício não podem ser entendidos se não reconhecermos o vazio existencial subjacente a eles” (FRANKL, 2010, p. 132). Também o mesmo ocorre para crises de aposentados idosos.

Frankl revela que existem ainda diversas máscaras e disfarces sob os quais transparece o vazio existencial nos indivíduos. “Às vezes, a vontade de sentido frustrada é vicariamente compensada por uma vontade de poder, incluindo sua mais primitiva forma, que é a vontade de dinheiro” (FRANKL, 2010, p. 132). Em outros casos, é tomada pela vontade de prazer, por isso a frustração existencial, muitas vezes, acaba em compensação sexual. Observa-se nesses casos que a libido sexual assume proporções descabidas no vazio existencial. Em casos de neurose existem certos tipos de mecanismos retroalimentadores e de

configurações tipo círculo vicioso. Essa sintomatologia invadiu um vazio existencial no qual ela continua em plena florescência.

Frankl continua dizendo que no caso desses pacientes, esses sintomas não são de neuroses noogênicas. Mas, jamais se conseguirá que o paciente supere sua condição se não houver suplemento do tratamento psicoterápico com logoterapia. Isso porque, ao se preencher o vazio existencial, o paciente estará prevenido contra recaídas futuras. “Por isso a logoterapia é indicada não só em casos noogênicos, como foi ressaltado aqui, mas também em casos psicogênicos e, às vezes, mesmo em ‘(pseudo) neuroses somatogênicas” (FRANKL, 2010, p. 132). Justifica-se sob essa luz uma afirmação feita por Magda B. Arnold: “Toda terapia precisa, de algum modo, por mais restrita que seja, ser também logoterapia” (ARNOLD, 1954, p. 618).

Frankl aborda, ainda nos conceitos fundamentais da logoterapia, sobre a essência da existência. Frankl vê na responsabilidade a essência propriamente dita da existência humana. E, essa ênfase reflete-se no imperativo categórico da logoterapia: “viva como se já estivesse vivendo pela segunda vez, e como se na primeira vez você tivesse agido tão errado como está prestes a agir agora” (FRANKL, 2010, p. 134). Frankl diz que nada estimula tanto o senso de responsabilidade de uma pessoa quanto essa máxima, pois ela convida a imaginar primeiro que o presente é passado e, em segundo lugar, que o passado ainda pode ser alterado e corrigido. Semelhante preceito confronta-a com a finitude da vida e com o caráter irrevogável daquilo que ela faz de sua vida e de si mesma.

Frankl explica que a logoterapia procura criar no paciente uma consciência plena de sua própria responsabilidade; por isso precisa deixar que ele opte pelo que, perante que ou perante quem ele se julga responsável. Dentre todos os psicoterapeutas, eis por que um logoterapeuta é o que menos se vê tentado a impor julgamentos de valor a seus pacientes, porque jamais lhes permitirá transferir ao médico a responsabilidade de julgar. Frankl diz que “é o paciente quem decide se deve interpretar a tarefa de sua vida como sendo responsável perante a sociedade ou perante sua própria consciência” (FRANKL, 2010, p. 134). Há pessoas que não interpretam suas vidas simplesmente como

uma tarefa a elas designada, mas também em função do contramestre que lhes atribuiu a tarefa.

Frankl afirma que a logoterapia não é instrução nem pregação e que ela está tão distante do raciocínio lógico como da exortação moral. Figuradamente, o papel do logoterapeuta é antes o de um oculista que de um pintor. Frankl diz que “o pintor procura transmitir-nos uma imagem do mundo como ele o vê; o oftalmologista procura capacitar-nos a enxergar o mundo como ele é na realidade” (FRANKL, 2010, pp. 134-135). O logoterapeuta tem a função de ampliar e alargar o campo visual do paciente de modo que todo o espectro de sentido em potencial se torne consciente e visível para ele.

Frankl diz que o verdadeiro sentido da vida deve ser descoberto no mundo, e não dentro da pessoa humana ou de sua psique, como se fosse um sistema fechado. “Chamei essa característica constitutiva de ‘a autotranscendência da existência humana’” (FRANKL, 2010, p. 135). Ela denota o fato de que o ser humano sempre aponta e se dirige para algo ou alguém diferente de si mesmo – seja um sentido a realizar ou outro ser humano a encontrar. Frankl explica que quanto mais a pessoa esquecer de si mesma – dedicando-se a servir uma causa ou a amar outra pessoa –, mais humana será e mais se realizará. Mas Frankl pontua que a autorrealização não é de modo algum um objetivo atingível, pela simples razão de que quanto mais a pessoa se esforçar, tanto mais deixará de atingi-lo. Ou seja, a autorrealização só é possível como um efeito colateral da autotranscendência.

Segundo Frankl, o sentido da vida sempre se modifica, mas jamais deixa de existir. De acordo com a logoterapia, pode-se descobrir esse sentido na vida de três diferentes formas: “1. criando um trabalho ou praticando um ato; 2. experimentando algo ou encontrando alguém; 3. pela atitude que tomamos em relação ao sofrimento inevitável” (FRANKL, 2010, p. 135). A primeira maneira, o caminho da realização, é bastante óbvia. A segunda maneira de encontrar um sentido na vida é experimentando algo – como a bondade, a verdade e a beleza –, experimentando a natureza e a cultura ou, ainda, experimentando outro ser humano em sua originalidade única – amando-o.

Frankl fala sobre o sentido do amor e sobre o sentido do sofrimento. Ele afirma que “o amor é a única maneira de captar outro ser humano no íntimo da sua personalidade. Ninguém consegue ter consciência plena da essência última de outro ser humano sem amá-la” (FRANKL, 2010, p. 136). No amor a pessoa se torna capaz de ver os traços característicos e as feições essenciais do seu amado; mais ainda, ela vê o que está potencialmente contido nele, aquilo que ainda não está, mas deveria ser realizado. A pessoa que ama capacita a pessoa amada a realizar essas potencialidades. Conscientizando-a do que ela pode ser e do que deveria vir a ser, aquele que ama faz com que essas potencialidades venham a se realizar. Na logoterapia o amor é um fenômeno primário.

Quanto ao sentido do sofrimento, Frankl afirma que podemos encontrar sentido na vida quando nos confrontamos com uma situação sem esperança, quando enfrentamos uma fatalidade que não pode ser mudada. O potencial humano tem algo de mais elevado que consiste em transformar uma tragédia pessoal num triunfo, em converter nosso sofrimento numa conquista humana. “Quando já não somos capazes de mudar uma situação – podemos pensar numa doença incurável, como um câncer que não se pode mais operar –, somos desafiados a mudar a nós mesmos” (FRANKL, 2010, p. 137). Um dos princípios fundamentais da logoterapia está em que a principal preocupação da pessoa não consiste em obter prazer ou evitar a dor, mas antes em ver um sentido em sua vida.

Frankl cita as palavras de Edith Weisskopf-Joelson, professora de Psicologia na Universidade da Georgia. Ela afirmou em seu artigo sobre logoterapia que “nossa atual filosofia de higiene mental acentua a ideia de que as pessoas deveriam ser felizes, que infelicidade é sintoma de desajuste. Esse sistema de valores poderia ser responsável pela circunstância de o fardo da infelicidade inevitável ser acrescido da infelicidade pelo fato de a pessoa ser infeliz” (WEISSKOPF-JOELSON, 1955, p. 701). Existem situações em que se está impedido de trabalhar ou de gozar a vida; o que, porém, jamais pode ser excluído é a inevitabilidade do sofrimento. O sentido da vida é um sentido incondicional, por incluir até o sentido potencial do sofrimento inevitável.

A próxima seção abordará o tema logoterapia na contemporaneidade.

3.2 – A Logoterapia na contemporaneidade

A humanidade atualmente, imersa em problemas econômicos, em problemas de produtividade e consumista, vem perdendo cada vez mais as tradições como uma referência e ao mesmo tempo vem perdendo o "sentido" da vida. Falta a esta sociedade uma visão antropológica que permita enfrentar os problemas relativos à existência humana, que leve em conta aquilo que o homem "é" antes ainda daquilo que o homem "deve fazer". Os problemas humanos, hoje, são enfrentados mais em termos de "fazer" do que em termos de "ser". Em outras palavras, pode-se dizer que o ser humano, hoje, está esquecendo quem ele "é"; está perdendo a si próprio. Frankl diz que "estamos vivendo em uma sociedade [...] que propõe satisfazer e gratificar cada uma das necessidades humanas, exceto aquela necessidade, a mais básica e fundamental necessidade operando no ser humano: a necessidade de um sentido" (FRANKL, 2010, p. 163).

Segundo Frankl as sociedades de consumo estão até mesmo criando necessidades, mas a necessidade de significado permanece inatingível. Ele chama essa situação de "o grito não escutado pela busca de sentido". Até mesmo os relacionamentos têm sido afetados por essa falta de sentido. Usando o termo de Zigmunt Bauman, "a modernidade líquida em que vivemos tem trazido consigo uma misteriosa fragilidade dos laços humanos – um amor líquido. A insegurança inspirada por essa condição estimula desejos conflitantes de estreitar esses laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos" (BAUMAN, 2004, p. 4). Frankl diz que por um lado, a sociedade está frustrando o desejo humano pela busca do sentido, e por outro, a psicologia está negligenciando esse fato. "Se o homem não tem um sentido discernível para sua vida, nenhum significado em seu campo visual, isso então acaba com a vida da pessoa" (FRANKL, 2010, p. 164).

O Dr. Frankl, teve acesso a uma estatística feita por uma universidade americana relacionada a sessenta estudantes que haviam tentado cometer suicídio. Segundo Frankl, eles foram estudados posteriormente, psicologicamente, e resultou que oitenta e cinco por cento deles disseram aos

doutores que a razão de sua tentativa foi porque eles não conseguiam discernir nenhum sentido na vida. Interessante é que dentre eles, relata Frankl, “noventa e três por cento estavam física e mentalmente saudáveis, desfrutando de bons relacionamentos familiares, de boas condições econômicas e com desempenho acadêmico e notas satisfatórias, e assim por diante” (FRANKL, 2010, p. 164). Frankl cita Hans Selye, o homem de Montreal que criou o conceito de stress que disse que o stress é o sal da vida e que o homem necessita de tensões. Frankl diz que o homem necessita de tensões, mas de uma quantidade saudável. Não tensões muito grandes, nem tensões muito pequenas, mas uma dose saudável de tensão.

O stress e a ansiedade são problemas vivenciados pela sociedade contemporânea. Frankl lembra que o nível de stress para um ser humano nos campos de concentração de Auschwitz e Dachau era altíssimo. Porém, relata Frankl, que “as taxas de suicídios nesses campos foram surpreendente e incrivelmente baixas, de acordo com quem quer que estivesse escrevendo livros – psiquiatras escrevendo livros sobre psicologia e a psicopatologia da vida em campos de concentração” (FRANKL, 2010, p. 165). Por outro lado, no estado de bem-estar social da Áustria um professor mostrou a Frankl, uma lista de perguntas que seus estudantes o fizeram, escritas anonimamente. As perguntas variavam desde “existe vida em plantas ou não?” até o vício das drogas, problemas sexuais e assim por diante. O que estava no topo da lista, medida pela frequência com que ela aparecia era suicídio. Dentre jovens de 14 a 15 anos de idade, na Áustria onde havia bem-estar social, onde não existiam stress nem tensões, porque eles são todos paparicados, e não se permite que ninguém os desafie. Conclui Frankl, que o que os jovens precisam é de ideais e desafios, tarefas pessoais e, em primeiro lugar, exemplos pessoais, mas não dos covardes, as pessoas covardes que não os enfrentam em nada porque eles poderão ficar bravos porque estão sendo desafiados.

Na logoterapia, o Dr. Frankl, procura abrir o horizonte do ser humano, mostrando a ele que, “para todos aqueles que ainda conseguem se entusiasmar com alguma coisa, ainda haveria muito a fazer – um número bastante grande de tarefas espera por eles. Portanto, há sentido suficiente”

(FRANKL, 2012, p. 276). Quando faltam modelos, a orientação pelo sentido, vista psicologicamente, não é apenas importante em termos vitais, mas importante para a sobrevivência! Até mesmo a busca do sentido no amor, descrito por Frankl, tem sido afetada pelo seu “esfriamento” na contemporaneidade. Interessante notar as palavras de Jesus Cristo no evangelho de Mateus 24.12, que já previa que, conforme a sociedade avançasse nos tempos, “o amor de muitos esfriaria” (BÍBLIA, 2002, p. 1747). Esse esfriamento do amor pode ser entendido como amor líquido, forma com que Bauman coloca em seu livro *Amor Líquido – sobre a fragilidade dos laços humanos*. Ele diz: “a era da modernidade líquida em que vivemos — um mundo repleto de sinais confusos, propenso a mudar com rapidez e de forma imprevisível — é fatal para nossa capacidade de amar, seja esse amor direcionado ao próximo, nosso parceiro ou a nós mesmos” (BAUMAN, 2004, p. 4).

Ainda, segundo Bauman, as relações humanas, atualmente, estão se tornando cada vez mais "flexíveis", gerando níveis de insegurança sempre maiores. “Uma vez que damos prioridade a relacionamentos em "redes", as quais podem ser tecidas ou desmanchadas com igual facilidade — e frequentemente sem que isso envolva nenhum contato além do virtual —, não sabemos mais manter laços a longo prazo.” (BAUMAN, 2004, p. 4). E não apenas relações amorosas e vínculos familiares são afetados, Bauman verifica ainda que nossa capacidade de tratar um estranho com humanidade é prejudicada. Esses são fatos da contemporaneidade que têm trazido frustração na busca por sentido. Frankl, em 1977, ao ser entrevistado sobre a diminuição da importância das instituições tradicionais na vida das pessoas, como a família e a religião, foi perguntado se isto poderia estar frustrando a busca por sentido no homem. Ele respondeu:

Uma vez que as tradições estão batendo em retirada, as tradições estão se desmoronando — existe uma queda das tradições, não apenas no campo da religião, mas de modo geral — aquelas pessoas que são mais afetadas por essa perda de valores tradicionais são naturalmente os jovens [...] ficou evidenciado por projetos de pesquisa empíricos e baseados em estatística que os jovens, são os mais afligidos por esse sentimento de vazio e de falta de sentido. (FRANKL, 2010, p. 166)

Frankl, indagado sobre é possível alguém encontrar sentido na vida sem uma fé em Deus, disse: “uma razão de ser pode ser encontrada em cada uma e todas as pessoas, também por aqueles que não são religiosos. Concordaria, pessoalmente, que é mais fácil encontrar sentido na vida se você for uma pessoa religiosa. Por outro lado, eu teria de acrescentar imediatamente, que você não pode comandar, nem obrigar ninguém a ter fé” (FRANKL, 2010, p. 167). Segundo Frankl, a crença, ou fé, precisa crescer dentro da própria pessoa, organicamente. A pessoa tem de permitir que ela cresça e não deve contribuir para a repressão da fé. Em princípio, cada um de nós pode encontrar um sentido na vida. O sentido da vida pode ser encontrado em todas as pessoas, independentemente de sua idade, de seu sexo, de seu nível educacional, de seu Q.I., de seu caráter ou de sua formação estrutural e psicológica; até mesmo independentemente do ambiente — basta pensar em Auschwitz, nas prisões, e nas pessoas que são muito bem-sucedidas e ficam entediadas.

Para Frankl, ficou bem claro que “essa busca por uma razão de ser está disponível ao homem independentemente dele ser ou não religioso – e, se ele for religioso, independentemente da denominação a que ele pertence” (FRANKL, 2010, p. 167). Frankl cita três grandes avenidas conduzindo à realização: o trabalho, o amor e o sofrimento. A primeira maneira, a primeira estrada pela qual uma pessoa pode chegar a um sentido a ser encontrado e realizado, é através do trabalho, através da criação de um trabalho ou executando um feito. Em segundo, através do amor, compartilhando a vida com alguém em sua individualidade – e isso significa amor. O amor, segundo Frankl, é mais do que apenas sexo; ao contrário, o sexo humano é mais do que mero sexo precisamente na medida em que ele serve como uma encarnação corpórea, uma maneira de expressão, uma maneira física de expressão do amor de alguém, de uma união pessoal, de se apoderar de outra pessoa em sua única individualidade. Isso é amor.

Para Frankl, você pode enriquecer a sua vida interior através da experiência de algo: cultura, natureza, arte, ou outra coisa qualquer. “Trabalho e amor são as principais avenidas que conduzem ao encontro do significado, mas, se for necessário, se a pessoa for confrontada com uma doença incurável, com

um câncer inoperável: mesmo assim a pessoa pode encontrar um significado na vida” (FRANKL, 2010, p. 168). A terceira estrada para encontrar sentido é através do sofrimento. Talvez possa até encontrar o sentido mais profundo possível, o sentido mais alto concebível, porque então ela tem uma oportunidade de testemunhar o potencial humano no que ele tem de melhor, da mais humana de todas as capacidades humanas, que é transformar uma tragédia em triunfo pessoal, em transformar o seu sofrimento em uma realização no nível humano. “A vida é potencialmente significativa literalmente até o último suspiro de uma pessoa, até o seu último momento, mesmo *in extremis e in ultimis*, como os teólogos diriam, em situações de vida extremas – pense, por exemplo, em Auschwitz – e até o último momento” (FRANKL, 2010, pp. 168-169).

A logoterapia de Frankl, no tocante ao sofrimento do homem, procura orientá-lo a superar as dificuldades e, se não puder mudar a circunstância, leva-o a enfrentar a situação e enxergar, no contexto, o sentido para a vida. Carregar a cruz nos ombros desnecessariamente, para suportar o sofrimento quando for desnecessário, não produz nenhum significado. Frankl diz: “se você tiver como modificar uma situação, você tem de fazê-lo. Mas, de qualquer maneira, o homem é um ser mortal. Temos de morrer, e antes de morrer inelutavelmente, teremos de sofrer algumas vezes” (FRANKL, 2010, p. 169). Frankl diz que não existe ninguém que viva sob situações que não possam ser modificadas. Pode ser, por exemplo, o desemprego por alguns meses, mas, ainda assim, existe um significado na vida. Jovens desempregados não ficavam em depressão por não terem um trabalho, mas acharem que não tinham uma razão de ser, ou seja, quando se sentiam inúteis, isso sim, trazia-lhes depressão. Frankl afirma que o que necessitamos não é apenas pão.

Frankl diz que “o que o desempregado necessita não é bem-estar apenas, mas de uma razão de ser, e ela pode ser encontrada em qualquer lugar, mesmo na mais insignificante palhoça” (FRANKL, 2010, p. 170). Por outro lado, você encontra pessoas que são milionárias, bilionárias, e que não tem uma razão de ser, e se matam. A logoterapia de Frankl procura elucidar o homem a respeito desses valores. Nem só de pão e de dinheiro o homem vive. Frankl relata sobre a dissertação de seu ex-assistente, durante um período de magistério em Harvard:

Rolf von Eckhartsberg, pôde demonstrar em sua dissertação que as pessoas depois de vinte anos de sua formatura em Harvard estavam tendo carreiras maravilhosas, sendo muito bem-sucedidas mas não encontravam nenhuma razão de ser em suas vidas. Por outro lado, eu posso lhe mostrar pilhas de cartas que, por razões desconhecidas, eu sempre recebo das prisões americanas, cartas neste sentido: somente aqui na prisão, a uns poucos metros da cadeira elétrica, eu consegui encontrar a razão de ser para a minha vida apenas aqui! E até mais: as pessoas dizem que estão felizes, que fizeram as pazes consigo mesmas, e que suas vidas vão bem lá nas prisões, sob aquelas condições! (FRANKL, 2010, p. 170)

Frankl diz que a razão de ser em nossas vidas pode ser encontrada independentemente da situação do ambiente em que nos encontramos, de uma dada situação. Ela depende de nós mesmos. Frankl fala sobre um filósofo judeu famoso, chamado Max Brod. Em um livro filosófico relativamente desconhecido que transpirava filosofia judia, fazia distinção entre o sofrimento nobre e o não nobre. “O sofrimento nobre é aquele sofrimento que você não tem como evitar e não pode modificar. Então você tem que transcendê-lo, você tem de extrair o melhor dele [...] tem de transformá-lo em uma realização e, então, essa realização, essa conquista pessoal é a mais alta realização possível feita pelo homem” (FRANKL, 2010, p. 172). Nenhum animal consegue fazer qualquer coisa semelhante. Nenhum animal se questiona sobre se a vida tem um sentido ou não. Nenhum animal é capaz de transformar um sofrimento em uma realização, só o homem. Mas se ele o faz, então ele atingiu o pico de tudo aquilo que o homem é capaz de fazer.

Frankl fala sobre aquelas pessoas que passam por essa vida dizendo que podem suportar esta vida e seguir em frente nela, porque existe outra vida após esta e elas irão para algum lugar melhor. Frankl diz que não descartaria, *a priori*, a justificativa de tal crença. Ele diz que, nós, temos de manter o significado potencial da vida apesar de sua transitoriedade. Muitas pessoas lhe perguntaram que, “se tudo vai acabar, se tudo é transitório; qual o sentido que permanecerá?” Ele respondia da seguinte forma:

O que é transitório são apenas as possibilidades, são apenas as oportunidades. Para realizar um objetivo na vida, seja por fazer algo, seja por amar alguém, seja por aguentar corajosa e honestamente um sofrimento que você não tem como evitar, e até mesmo enfrentar a sua morte de uma forma dignificada, enfim, com seu próprio estilo. Uma vez, porém, que tenhamos concretizado tal possibilidade transitória, uma vez que tenhamos utilizado essa oportunidade para realizar um ato qualquer, amar alguém, nos dedicarmos a alguma tarefa ou a outra pessoa, uma vez que tenhamos utilizado a oportunidade para transcender nosso sofrimento a uma realização humana, então teremos resgatado todo esse significado, o teremos resgatado no passado, teremos seguramente entregue e depositado no passado. Ninguém pode nos tirar e nos roubar daquilo que depositamos no passado. O ato feito; um amor amado; um sofrimento que encaramos honestamente é algo indelével. Em geral, apenas vemos os vestígios das colheitas do passado. O que não vemos, contudo, aquilo que ignoramos, é o celeiro completo, são os silos em que resgatamos nosso passado, nossos feitos, nossas experiências: a colheita de nossas vidas. (FRANKL, 2010, p. 173)

Frankl cita o livro de Jó, onde ele diz: “você irá para o seu túmulo como um punhado de grão que é colhido, na sua própria época”. Então o passado é a forma mais segura de olharmos para uma vida futura ou uma pós-vida, diria que o que é importante é o senso de responsabilidade pessoal, aquele sentimento de que eu sou responsável por aquilo que estou depositando no passado – e então, depois de ter logrado êxito nesse mister, ninguém pode desfazer o que eu fiz.

Frankl fala sobre a felicidade. Um indivíduo precisa de autotranscendência. Ou seja, estar preocupado consigo mesmo, ou com o seu próprio prestígio, ou sua própria felicidade é autoderrotismo. Ele não concorda com o termo “a busca da felicidade”, pois julga que a “busca pela felicidade” é uma contradição que o ser humano tem, porque a felicidade não poderá nunca ser buscada. “A felicidade precisa surgir, ela é um efeito colateral, um subproduto e precisa permanecer um subproduto da realização de um significado, de uma

razão de ser na vida, de sua dedicação a uma tarefa, uma causa maior do que você mesmo, ou a uma pessoa outra que não você mesmo” (FRANKL, 2010, p. 174). E isto se torna mais conspícuo nas neuroses sexuais, onde precisamente à medida que alguém está almejando, perseguindo, buscando a felicidade sexual ou o prazer – ele está fadado a falhar. Segundo Frankl, seja um paciente masculino que queira demonstrar a sua potência sexual – na mesma medida em que provavelmente ele acabará sofrendo de impotência. Uma paciente feminina, precisamente no grau em que ela quer demonstrar a ela mesma que ela é plenamente capaz de chegar ao orgasmo – na medida em que ela provavelmente vai acabar frígida.

Frankl continua, “por outro lado, quanto mais você se dá, quanto mais você se esquece de si próprio, no amor ou no trabalho, pelo bem de uma causa a servir, ou a uma pessoa a ser amada – na medida em que você será muito feliz, precisamente por não buscar a felicidade, precisamente por ignorar e esquecer se você está ou não feliz” (FRANKL, 2010, p. 175). Frankl diz que o mesmo ocorre com nossos olhos. A capacidade de nossos olhos de fazer o seu trabalho, que é perceber visualmente o mundo que nos rodeia, é contingente à incapacidade que o olho tem de ver a si próprio, de forma paradoxal. Quando o meu olho vê a si próprio? Quando estou afligido pelo glaucoma, eu vejo halos de luz de arco-íris em torno das luzes: então meu olho percebe o seu glaucoma. Continua Frankl, dizendo que se eu estiver sofrendo de catarata, eu vejo nuvens: essa nuvem é alguma coisa que meus olhos percebem de si próprio. Em geral, os olhos não se veem, mas veem o mundo. Quanto mais eles se veem de si próprios, maior é o dano à sua função visual.

Frankl faz a ponte. O mesmo ocorre com o homem. “O homem se torna ele próprio, o homem atua sobre ele mesmo, o homem é humano precisamente na medida em que ele não esteja preocupado consigo mesmo, ou alguma coisa dentro de si próprio, mas vivendo a sua autotranscendência – em que ele esteja servindo a uma causa, cumprindo um desígnio, ou amando outro ser humano” (FRANKL, 2010, p. 175). Na medida em o homem está esquecendo-se dele mesmo, ao dar-se ele é humano. Mas, Frankl diz que os psiquiatras, não tem todas as respostas. “O sentido da vida de cada um dever ser determinado por

ele próprio, ninguém pode tirar de seus ombros a responsabilidade de lutar com essa questão: qual é o significado específico da minha vida?” (FRANKL, 2010, p. 177). Ele pode ser ajudado por sua própria consciência pessoal, desde que ele esteja ouvindo cuidadosamente sua consciência. Mas, nenhum psiquiatra pode executar esse trabalho por ele.

Frankl explica qual é a diferença entre a Logoterapia e a religião. Ele diz que é uma grande diferença. Frankl explica:

O objetivo de qualquer psicoterapia, como uma metodologia secular, é oferecer saúde mental, enquanto o objetivo de um pastor, padre ou rabino não é primariamente qualquer tipo de higiene mental, mas ele lutará, até mesmo com o risco de provocar mais tensões, tal como Jacó fez com o anjo, com aquela pessoa por conta da salvação, ou seja lá como você chame isso. Existe muita diferença! Você precisa entender que, na qualidade daquele que criou o sistema denominado Logoterapia esteja disponível para todo e qualquer paciente, e que ela esteja disponível tanto para o paciente religioso como para o ateu. E mais do que isso: que ela seja utilizável nas mãos de cada um e de todos os doutores e terapeutas, tanto agnóstico como aquele orientado pela religião. Porque, de outra forma, estraria contradizendo o juramento hipocrático que eu tive que fazer, no sentido de que eu estou disponível para cada um e todos os seres que sofrem. Desta forma, não posso discriminar entre pessoas religiosas e não religiosas. (FRANKL, 2010, pp. 175-176)

Sobre a logoterapia no Brasil. A prática em Logoterapia teve início no Brasil no começo dos anos de 1980. Antes, ela era apenas uma referência entre outras em aulas de cursos de psicologia ou mesmo em aulas de cultura religiosa. Em 1984, Frankl veio ao Brasil para presidir o I Encontro Latino-Americano Humanístico Existencial, realizado na PUCRS, em Porto Alegre, a convite de Izar Aparecida de Moraes Xausa, na época professora do Instituto de Psicologia na PUCRS. O evento contou com grande participação de psicólogos e psiquiatras interessados nas relações entre psicologia e espiritualidade. No evento, foi organizada a Sociedade Brasileira de Logoterapia (SOBRAL) tendo como primeiro presidente Jorge Castellá Sarriera, psicólogo e professor da

PUCRS. “Neste mesmo ano, Xausa concluiu sua dissertação de Mestrado na PUCRS, intitulada Logoterapia: uma terapia humanística e espiritual. Xausa publicou, em 1986, o primeiro livro sobre Logoterapia no Brasil, que recebeu o título de A Psicologia do Sentido de vida” (GOMES, W. B., HOLANDA, A. F., & GAUER, G., 2004, Net)

O primeiro curso de especialização em Logoterapia foi oferecido pelo Instituto de Psicologia da PUCRS, com coordenação de Xausa. Participaram como professores do curso, entre outros, os logoterapeutas: Ricardo Joaquim Sardi - professor da Universidade de Cuyo em Medonza; Martha Iglesias - Buenos Aires, Argentina; P. Herrera - do México; e Elisabeth Lukas - professora da Universidade Ludwig Maximilian de Munique, Alemanha. Lukas é considerada como sucessora de Frankl e é conhecida no Brasil pelo seu livro Logoterapia: A força desafiadora do espírito (Lukas, 1989). Atualmente, existem cursos sobre Logoterapia oferecidos pela SOBRAL. Há também uma literatura brasileira sobre assunto, com destaque para o trabalho de José Carlos Vitor Gomes (1988), professor na Puccamp, intitulada A Prática da Psicoterapia Existencial: Logoterapia. O livro traz a listagem da obra de Frankl e das traduções para o português (GOMES, W. B., HOLANDA, A. F., & GAUER, G., 2004, Net).

A difusão da Logoterapia no Brasil foi pequena. São poucos os cursos de graduação que oferecem atividades nesta linha terapêutica. Também é pequena a presença de textos sobre o assunto em periódicos nacionais. (GOMES, W. B., HOLANDA, A. F., & GAUER, G., 2004, Net).

Uma vez exposto sobre a logoterapia e sua contemporaneidade conclui-se que ela contribui de maneira relevante na facilitação do encontro do homem com o sentido da sua vida. A próxima e última seção trata da psicoterapia e sentido da vida.

3.3 – Logoterapia e Sentido da Vida.

A logoterapia procura ir de encontro ao problema do sentido da vida que está no seu núcleo central. Este é um dos problemas mais frequentes que o doente da alma, na sua luta espiritual, assalta o médico, diz Frankl. Especificada como psicanálise, a psicoterapia esforça-se por chegar à

conscientização do anímico (referente à alma). A logoterapia, pelo contrário, procura a conscientização do espiritual e esforça-se por trazer o homem à consciência do seu ser-responsável, – enquanto fundamento essencial da existência humana.

Uma definição de Frankl sobre a logoterapia e a análise existencial é a seguinte: a logoterapia se caracteriza pela exploração da experiência imediata com base na motivação humana para a liberdade e para o encontro do sentido de vida. Ela inaugura também um novo campo, o qual Frankl define como uma psicoterapia orientada para o espírito. A rigor, para Frankl, a logoterapia origina-se “do” espiritual, enquanto a análise existencial se dirige “para” o espiritual. A análise existencial focaliza a luta do homem pelo sentido – não apenas o do sofrimento, mas também o sentido da vida (Frankl, 1978). A logoteoria, por sua vez, é a fundamentação teórica da logoterapia com a finalidade de proporcionar o saber necessário para uma leitura de mundo a partir dos seus conceitos fundamentais.

Frankl, em sua obra *Psicoterapia e Sentido da Vida*, fala sobre a discussão do sentido da existência. “O problema do sentido da vida, quer se apresente quer não expressamente, cumpre defini-lo como um problema caracteristicamente humano” (FRANKL, 1989b, p. 55). O pôr-se em questão o sentido da vida não pode ser, nunca, expressão do que porventura o homem tenha de doentio; é antes a expressão do que de mais humano há no homem. Só ao homem, como tal, é dado – a ele exclusivamente – ter a vivência da sua existência como algo problemático; só ele é capaz de experimentar a problematicidade do ser.

O problema do sentido, posto em toda a sua radicalidade, pode francamente abater um homem. Caso que ocorre na puberdade, época em que a problemática essencial da existência humana se abre ao homem jovem, que vai amadurecendo e lutando espiritualmente. O ser humano é um ser essencialmente histórico, está inserto num espaço histórico concreto, a cujo sistema de coordenadas não logra arrancar-se. Este sistema de relações está determinado por um sentido, se não inconfessado, talvez em geral inexprimível. O problema do sentido da vida se põe também nos anos de maturação do homem. Todas as

vezes que sobrevém ao homem uma vivência perturbadora, como se o destino a trouxesse, esse problema vem à tona novamente. Mas, isto nada representa de patológico. “A psicoterapia tem que lidar com homens que padecem animicamente, e que, em sentido clínico, não é lícito considerar propriamente doentes” (FRANKL, 1989b, p. 59).

Frankl diz que num estudo estatístico sobre as prováveis razões de longevidade, pôde-se comprovar que, em todos os casos examinados, a razão era uma concepção da vida alegre, portanto uma concepção afirmativa da vida. Frankl fala sobre o suprassentido da vida que excede e ultrapassa a capacidade intelectual finita do ser humano. Na psicoterapia “o que se propõe é suportar a incapacidade de compreender, em termos racionais, o fato de que a vida tem um sentido incondicional” (FRANKL, 2010, p. 142). Um psiquiatra que vai além do conceito do suprassentido mais cedo ou mais tarde acabará embaraçado por seus pacientes. Frankl traz um exemplo pessoal:

Minha filha de seis anos me perguntou: ‘Por que dizemos que o Senhor é bom?’ Eu repliquei: “Faz algumas semanas você teve sarampo, e então o Senhor, em sua bondade, fez você sarar completamente”. Mas a pequena não se deu por satisfeita e retrucou: “Ora, pai, não esqueça que, para começar, foi ele que me fez pegar o sarampo!” (FRANKL, 2010, p. 142)

Quando o paciente está sobre o chão firme de fé religiosa, não se pode objetar ao uso do efeito terapêutico das suas convicções espirituais. Para esse fim, o psiquiatra pode colocar-se no lugar do paciente. Frankl conta que um rabino da Europa oriental veio ter com ele e contou sua história. Ele tinha perdido sua primeira esposa e seus seis filhos no campo de concentração de Auschwitz, onde foram mortos na câmara de gás, e agora tinha se evidenciado que sua segunda mulher era estéril. Observou que a procriação não era o único sentido da vida, pois nesse caso a vida em si perderia o sentido, e algo que em si mesmo não tem sentido não pode ganhar sentido simplesmente através de sua perpetuação. Entretanto, “o rabino encarava sua sorte como um judeu ortodoxo, ou seja, no desespero de não ter um filho que pudesse pronunciar o Kaddish para ele depois de sua morte” (FRANKL, 2010, p 143).

Frankl não desistiu, Fez uma última tentativa de ajuda-lo perguntando se ele não esperava ver seus filhos novamente no céu. Entretanto, a pergunta de Frankl, desencadeou uma torrente de lágrimas e veio à tona o verdadeiro motivo de seu desespero; explicou ele que seus filhos, uma vez que morreram como mártires inocentes, isto é, para a santificação do nome de Deus, mereciam o mais elevado lugar no céu; mas ele mesmo, um velho pecador, não podia esperar receber o mesmo lugar. Frankl não desistiu e retrucou: Não se poderia conceber, rabino, que foi justamente esse o sentido de o senhor sobreviver a seus filhos, para que fosse purificado por esses anos de sofrimento, de modo que também o senhor, embora não inocente como seus filhos, pudesse, afinal, tornar-se digno de juntar-se a eles no céu? Não está escrito nos Salmos que Deus guarda todas as suas lágrimas? Frankl cita o Salmos 56. 9: “Contaste os meus passos quando sofri perseguições; recolheste as minhas lágrimas no teu odre; não estão elas inscritas no teu livro?” (BÍBLIA, 2002, p. 920). Frankl conclui: “Assim talvez nenhum de seus sofrimentos tenha sido em vão” (FRANKL, 2010, p. 143). Pela primeira vez em muitos anos, ele se sentiu aliviado do seu sofrimento pela nova perspectiva que Frankl lhe pôde abrir.

Frankl, na psicoterapia, trata do princípio do prazer e princípio do equilíbrio. Para Frankl, “o princípio do prazer é um artefato psicológico” (FRANKL, 1989b, p. 67). O prazer não é em geral a meta das aspirações humanas, mas sim a consequência da sua realização e Kant aludiu a este fato. Em geral, o que o homem quer não é o prazer; quer o que quer, sem mais. Os objetos do querer humano são entre si diversos, ao passo que o prazer sempre será o mesmo. Para Frankl, muito pouco a vida depende do prazer ou desprazer. Realmente, muito poucas vezes na vida é a questão do prazer ou desprazer que está em causa. Pode-se refutar a afirmação de que o prazer é o fim último de todos os esforços humanos. “Se realmente víssemos no prazer todo o sentido da vida, em última análise a vida parecer-nos-ia sem sentido. Se o prazer fosse o sentido da vida, a vida não teria propriamente sentido algum” (FRANKL, 1989b, p. 69).

Afinal, o que é o prazer? Um estado. O materialista poderia dizer: o prazer não é mais do que um processo qualquer que se opera nas células ganglionares do cérebro. E só por causa desse processo valerá a pena viver,

experimentar, sofrer, ou fazer o que quer que seja? Um condenado à morte que, poucas horas antes de morrer, se pusesse a escolher os manjares da refeição de despedida encontraria algum sentido, nessa escolha, duas horas antes de ser morto? Toda a vida está à vista da morte e todo o prazer de qualquer homem careceria igualmente de sentido. O princípio do prazer como máxima é insustentável, diz Frankl. “Kierkegaard exprimia numa bela frase, ao dizer que a porta da felicidade abre para fora: essa porta fecha-se para quem, tentando abri-la, a empurrar” (FRANKL, 1989b, p. 73).

Frankl analisa o subjetivismo e o relativismo na psicoterapia. A objetividade não exclui a subjetividade daquilo a que ele chama ‘sentido’. Ele explica que o sentido é subjetivo na medida em que não há um sentido para todos, mas sim um sentido para cada um dos outros; entretanto, no caso concreto de que se tratar, o sentido não pode ser puramente subjetivo: não pode ser a mera expressão, o puro reflexo do meu ser, nos termos em que o subjetivismo e o relativismo o entendem e no-lo pretendem fazer crer. “A pessoa tem que atingir e captar o sentido, tem que apreendê-lo, percebê-lo e efetivá-lo, isto é, realizá-lo” (FRANKL, 1989b, p. 76). O sentido é irrepetível e único.

Frankl discorre sobre a riqueza do mundo dos valores, o reino dos valores em toda a sua plenitude. Ele identifica três categorias de valores: criativos, vivenciais e de atitudes. Os valores criativos ou criadores são os que dão algo ao mundo, uma tarefa, uma obra, um trabalho. Os valores vivenciais “são aqueles que se realizam, por exemplo, na entrega à beleza da natureza ou da arte” (FRANKL, 1989b, p. 82); o receber algo do mundo, a experiência do amor, por exemplo, e, os valores de atitude, são aqueles que proporcionam o posicionar-se diante de sofrimentos inevitáveis. A respeito dos valores de atitude, Frankl enfatiza a importância de que o ser humano posicione-se de forma a encontrar sentido nas dificuldades e apresenta o que chama de tríade trágica composta por (1) sofrimento, (2) culpa e (3) morte. Nenhuma pessoa deixa de experimentar esses aspectos da existência.

O que Frankl propõe é que a pessoa adote uma posição de otimismo trágico, ou seja, otimismo ante as dificuldades (tragédias) de modo que possa transformar o sofrimento numa oportunidade para crescimento pessoal,

assim como encontrar no sentimento de culpa motivos para mudar a si próprio para melhor e, por fim, fazer da finitude da existência um incentivo para a realização de ações responsáveis.

Frankl fala sobre a eutanásia. Para Frankl, o médico não foi chamado a julgar do valor ou não-valor duma vida humana. “A sociedade humana apenas o destinou a prestar ajuda, onde puder, e a aliviar as dores, onde tiver que fazê-lo; a curar os homens, na medida em que isso estiver ao seu alcance, e a cuidar deles, quando tal já não lhe for possível” (FRANKL, 1989b, p. 85). Não estivessem os pacientes e seus familiares convencidos de que o médico toma a sério e à letra esse mandato, e logo desapareceria a confiança que nele depositam. O doente em nenhum momento saberia se o médico, ao aproximar-se dele, vem para ajudá-lo ou para matá-lo, como carrasco. Impõe-se perguntar se em alguma circunstância estamos autorizados a privar um doente, já votado à morte, da oportunidade de se entregar à sua morte; da oportunidade de encher de sentido a sua existência até o seu último instante, ainda que, no caso, se trate apenas de realizar valores de atitude.

Mas, Frankl pergunta; quem se atreveria a profetizar por quanto tempo se tem de considerar incurável ainda uma psicose tida como incurável? E, antes de mais, não nos é lícito esquecer que o diagnóstico duma psicose tida por incurável pode muito bem ser algo de subjetivamente certo, mas sem que as manifestações objetivas da mesma nos permitam ajuizar do ser e não-ser do paciente. Frankl conta o caso de um homem que ficou entredado na cama cinco anos inteiros, a ponto de se lhe atrofiarem os músculos das pernas, precisava também de que o alimentassem artificialmente:

Se se tivesse mostrado este caso a certos médicos que costuma haver pelos hospitais, com certeza que algum deles teria formulado a pergunta típica: não seria melhor acabar com a vida de um homem assim? Pois bem: o futuro tinha preparado a melhor resposta a essa pergunta. Um dia, o nosso paciente pediu que lhe consentissem tomar uma refeição normal e mostrou vontade de se levantar. Fez exercícios até conseguir sustentar-se outra vez nas pernas, cujos músculos se haviam atrofiado. Poucas semanas depois, deram-lhe alta e em breve

proferia conferências nas escolas superiores, tomando como tema, aliás, viagens feitas antes de ter adoecido. (FRANKL, 1989b, p. 86)

Quanto a mim, diz Frankl, “a obrigação incondicional de salvar que o médico tem, sempre que puder, não o abandona nem sequer quando se lhe depara um paciente que tenha tentado matar-se e cuja vida se ache agora presa por um fio” (FRANKL, 1989b, p. 88). Seja como for, o destino põe nas mãos do médico alguém ainda com vida, e este médico tem que agir como médico e em nenhum caso lhe seria lícito arvorar-se em juiz, para decidir sobre o ser ou não-ser, quer por razões ligadas à sua cosmovisão pessoal, quer por puro arbítrio.

Na psicoterapia, Frankl aborda o tema do suicídio. Frankl tenta esclarecer o problema, vendo-o, por assim dizer, de dentro, procurando compreendê-lo sob o prisma do homem que se cansou de viver, examinando ao mesmo tempo os motivos da sua justificação interior. Frankl diz que um homem só poderia decidir por uma morte voluntária baseando-se num balanço que faz da sua vida inteira. É necessário saber se alguma vez o balanço do valor da vida pode ser tão negativo que o continuar a viver chegue necessariamente a afigurar-se sem valor. “Praticamente, pode-se dizer que o suicídio nunca tem justificação. Nem sequer o suicídio expiatório: porque, assim como torna impossível - no sentido de realização dos valores de atitude - o crescer e amadurecer pela dor genuína, assim possibilita o reparar, dum modo ou doutro, a dor infligida a outrem” (FRANKL, 1989b, p. 89). Segundo Frankl, o que o suicídio faz é perpetuar o passado e, em vez de arrancar do mundo uma infelicidade ocorrida ou uma injustiça cometida, arranca o eu, e nada mais.

Sobre os casos em que os motivos dependem de estados enfermicos da alma, Frankl diz que é necessário demonstrar aos cansados da vida o contra-sentido do suicídio, o incondicional caráter de sentido que a vida sempre tem, – e isto, mediante uma crítica e uma argumentação baseada em elementos objetivos, quer dizer, recorrendo aos meios da logoterapia. É preciso chamar a atenção dos “cansados da vida” de que esse cansaço é um sentimento, nunca um sentimento podendo representar, porém, um argumento. O que temos

que fazer com alguém que esteja decidido a suicidar-se é, sobretudo mostrar-lhe repentinamente que um suicídio não pode resolver problema algum. Frankl ilustra:

Temos que lhe fazer ver como ele se assemelha a um jogador de xadrez que, colocado perante um problema que lhe parece extremamente difícil, joga fora as pedras do jogo, sem com isso resolver qualquer problema de xadrez. Com a vida sucede também assim: nenhum problema se resolve, deitando fora a vida. E assim como esse jogador de xadrez se atém às regras do jogo, assim também viola as regras do jogo da vida um homem que escolhe a morte voluntária. Estas regras, é claro que não nos exigem vencer a preço de tudo; mas com certeza que nos impõem o não abandonar jamais a luta. (FRANKL, 1989b, pp. 89-90)

Frankl diz que, evidentemente, não precisamos tirar do mundo todas as causas de infelicidade para afastarmos do seu propósito aquele que está decidido a suicidar-se; nem poderíamos fazê-lo. O que importa é conseguir convencer estes homens de que, não só são capazes de continuar a viver sem aquilo que, por uma razão ou por outra, não podem ter; mas também de que têm de ver uma boa parte do sentido da sua vida precisamente em superar interiormente a sua infelicidade, em crescer com ela, mostrando-se à altura do seu destino, muito embora lhes seja negada alguma coisa. Frankl afirma que “só poderemos levar os nossos doentes a tomar a vida como um valor, como algo que sempre tem um sentido, se estivermos em condições de lhes dar à vida um conteúdo, de os levar a encontrar na sua existência uma meta [...] uma missão” (FRANKL, 1989b, p. 90).

Frankl cita Nietzsche: “Quando se tem na vida algum ‘porquê’ qualquer ‘como’ se pode suportar” (FRANKL, 1989b, p. 90). Em outras palavras: Basta um homem por a claro o “porquê” da sua vida, para pouco se importar com o preço do seu “como”. Incumbir-se duma missão na vida tem um valor psicoterápico e psico-higiênico extraordinário. A consciência de ter na vida uma missão a cumprir é o mais apropriado para que um homem vença ou suporte dificuldades objetivas ou transtornos subjetivos. A frase de Nietzsche citada dá a entender também que o “como” da vida, e, portanto quaisquer circunstâncias

penosas que a acompanhem, passa para segundo plano no momento e na medida em que para o primeiro plano passar o “porquê”. Mas há mais: uma vez atingida, a compreensão do caráter de missão da vida tem como consequência que, a rigor, a vida se torna tanto mais plena de sentido quanto mais difícil se tornar.

Frankl fala sobre a finitude do homem – a morte. Essa finitude tem de representar algo que, de qualquer forma, dê sentido à existência humana, e não algo que lho tire. Frankl levanta os pensamentos: quantas vezes a morte põe em dúvida o sentido da vida inteira! Quantas vezes nos dizem que, em última análise, tudo carece de sentido, já que a morte, no fim, tudo destrói! Poderá a morte realmente corroer esse sentido que caracteriza a vida? De maneira alguma, responde o próprio Frankl. Pelo contrário: porque, “que aconteceria se a nossa vida não fosse finita no tempo, mas antes temporalmente ilimitada? Se fôssemos imortais, poderíamos, com razão, adiar cada uma das nossas ações até o infinito; nunca teria a menor importância o realiza-las agora, neste momento preciso, podendo muito bem realizar-se amanhã ou depois de amanhã, ou daqui a um ano ou dez” (FRANKL, 1989b, p. 109). Em compensação, tendo em vista a morte como fronteira infranqueável do nosso futuro e limite das nossas possibilidades, vemo-nos obrigados a aproveitar o tempo de vida de que dispomos e a não deixar passar em vão as ocasiões irrepetíveis que se nos oferecem, ocasiões essas cuja soma “finita” representa precisamente a vida.

Para Frankl, a finitude, a temporalidade, não é apenas uma nota essencial da vida humana; é também constitutiva de sentido. “O sentido da existência humana funda-se no seu caráter irreversível. Daí só se possa entender a responsabilidade que o homem tem pela vida quando a referimos à temporalidade, quando a compreendemos como responsabilidade por uma vida que se vive uma vez” (FRANKL, 1989b, p. 109). “A transitoriedade da nossa existência de forma alguma lhe tira o sentido. No entanto, ela constitui nossa responsabilidade, porque tudo depende de nos conscientizarmos das possibilidades essencialmente transitórias” (FRANKL, 2010, p. 144). Heidegger diz: “o morrer não é de forma alguma um dado, mas um fenômeno a ser compreendido existencialmente num sentido privilegiado, o qual deve ser

delimitado mais de perto” (HEIDEGGER, 1997, p. 20). Cada homem experimentará sua finitude.

Frankl diz que “o homem está na vida como que submetido a um exame de aptidão: mais do que um trabalho terminado, interessa aí que o trabalho seja valioso” (FRANKL, 1989b, p. 111). Assim como o examinado tem que estar à escuta do sinal de campainha que lhe anuncia ter-se esgotado o tempo à sua disposição, assim também tem que estar na vida à espera de sermos “chamados” a qualquer instante. Frankl também diz que o homem deve levar alguma coisa até o fim, isto é, arcar com a finitude e contentar-se conscientemente com um fim. Esta finitude não tem que ser heróica, pois, muito ao contrário, podemos entrevê-la já na conduta cotidiana do homem médio. “Não é necessário, portanto, separar a morte da vida, seja de que modo for; porque, a rigor, o que sucede é que a morte faz parte dela!” (FRANKL, 1989b, p. 112).

Frankl fala sobre o sentido do trabalho na vida do homem. Ele diz que “o trabalho pode representar o campo em que o ‘caráter de algo único’ do indivíduo se relaciona com a comunidade, recebendo assim o seu sentido e o seu valor” (FRANKL, 1989b, p. 160). Nenhuma profissão faz o homem feliz. A realização natural do homem com o seu trabalho profissional, considerando como campo de possível realização criadora de valores e da realização única e plena de si mesmo, sofre muitas vezes um desvio em virtude das circunstâncias dominantes do trabalho. Mas o trabalho ajuda o homem no sentido da vida. O significado existencial da profissão torna-se claramente visível quando desaparece totalmente o trabalho profissional, isto é, no caso do desemprego. Aparece no primeiro plano sintomatológico do indivíduo a apatia. “O desempregado experimenta a vivência da desocupação como uma desocupação interior, um vazio da sua consciência” (FRANKL, 1989b, p. 163). Por não ter nenhum trabalho, pensa que não tem nenhum sentido a sua vida. O desemprego vem a ser, desta forma, terreno abonado para processos neuróticos.

Frankl diz que “a capacidade de trabalho não é tudo, não constitui razão necessária nem suficiente para encher a vida de significado” (FRANKL, 1989b, p. 167). Um homem pode perfeitamente trabalhar e, no entanto, levar uma

vida sem sentido; e pode dar-se também o caso de um homem incapacitado para o trabalho infundir verdadeiro sentido à sua vida.

E, Frankl, analisa o sentido do amor. O amor representa o campo onde de um modo especial são realizáveis os valores de vivência. O amor é, afinal, a vivência em que, pouco a pouco, se vive a vida de outro ser humano, em todo o seu “caráter de algo único” e irrepetível. Este é o caminho do ser amado. No amor a pessoa amada vem a ser insubstituível, ninguém podendo fazer as vezes dele. Não é “mérito” o amor, antes é graça. Mas não é só graça, é também feitiço. “Para quem ama, o amor enfeitiça o mundo, mergulha-o numa nova valiosidade. O amor dá àquele que ama uma maior altura no que diz respeito à ressonância humana em face da plenitude dos valores” (FRANKL, 1989b, p. 173). Abre-lhe o espírito ao mundo, na sua plenitude de valores, a toda a “gama de valores”. Assim, diz Frankl, o amante, ao entregar-se ao Tu, experimenta um enriquecimento interior que transcende esse Tu: o cosmos inteiro torna-se para ele mais vasto e mais profundo na sua valiosidade; resplandece nos raios de luz daqueles valores que só o enamorado sabe ver, pois, afinal, não faz cegos o amor, mas sim videntes – dando aguda visão para os valores.

Por fim, ao lado da graça de ser amado e do feitiço do amar, um terceiro momento surge ainda no amor: o seu milagre; porque, precisamente através do amor, e dando um rodeio pelo biológico, consuma-se o que é de algum modo inconcebível: uma pessoa nova entra na vida, cheia, ela também, daquele mistério do “caráter de algo único” e irrepetível da existência – e um filho é isto!

Concluindo, na psicoterapia o que se propõe é suportar a incapacidade de compreender, em termos racionais, o fato de que a vida tem um sentido incondicional. E, em uma perspectiva existencial, o ser humano deve buscar o motivo ou motivos que lhe são mais caros, o sentido que dê razão à sua existência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na conclusão desse estudo, trazendo a história de vida de Viktor Frankl, com os entrelaces de situações conflituosas em sua vida, perdas e sofrimentos físicos, emocionais e psicológicos, mas que nunca perdeu a fé e a confiança na sua vida e mais ainda depois de ter passado tantas adversidades, é digno de destaque que ele teve a capacidade de refazer a sua história. Em sua teoria, Frankl acreditava na capacidade do ser humano, mas evidenciava que a consciência de que ele (homem) não vive sozinho está acima de qualquer sentimento, apontando o amor por si e pelos outros como fator principal para dar sentido à vida.

Frankl defendeu o posicionamento humanista e tinha convicção que não existe um sentido genérico para a vida, mas que cada ser humano tem o seu sentido específico em cada situação vivida. Dentre os conceitos da logoterapia deixa claro que o sujeito é responsável por seus atos e atitudes, pois entende que o homem é um ser responsável; pela sua consciência o ser humano busca novas possibilidades para as situações adversas que se apresentam e a solução para as mesmas.

Assim, pode-se refletir que a natureza das ações do indivíduo independe no que diz respeito à felicidade e realização pessoal. A partir deste entendimento, o mais importante torna-se o sentido atribuído pela pessoa às suas atividades e criações. A vida passa a ser valorizada e conduzida por meio dos sentidos a ela atribuídos. Mesmo sendo propenso a adversidades na vida, o homem possui a potencialidade de posicionar-se de maneira livre e digna, atribuindo sentido até ao seu sofrimento, da mesma forma que busca sentido também para sua felicidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLPORT, G. W. *Personalidade, padrões e desenvolvimento*. São Paulo: Herder, 1966.

ARNOLD, Magda B. e GASSON, John A. *The Human Person*. New York: The Ronald Press Company, 1954.

ÁVILA, Antônio. *Para conhecer a psicologia da religião*. São Paulo: Loyola, 2007.

BAEYER, Walter V. *Psychologie am Karndenbett*. In: *Gesundheitsfürsorge – Gesundheitspolitik*, n.7, 1958.

BARBOUR, Ian G. *Quando a ciência encontra a religião*. São Paulo: Cultrix, 2004

BARTH, Wilmar Luiz. *O Homem pós-moderno, religião e ética*. In: *Revista Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 37, n. 155, p. 89-108, mar. 2007

BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998

_____. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999.

_____. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

BAUNGART, Thaís A.A. & AMATUZZI, MAURO M. *Experiência Religiosa e Crescimento Pessoal: Uma Compreensão Fenomenológica*. In: *Rever-Revista de Estudos da Religião*. dezembro, 2007. Disponível em <http://www.pucsp.br/rever/rv4_2007/i_baugart.pdf>. Acesso em 18/01/2010.

BAY, Dora Maria Dutra. *Fascínio e terror: o sagrado*. In: *Cadernos de pesquisas interdisciplinar em ciências humanas*. No. 61, Florianópolis, dez, 2004.

Disponível em:

<<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/viewFile/1195/4443>> Acesso em 26 fev. 2010.

BENKÖ, Antal. *Psicologia da religião*. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

BERGER, Peter L. *Rumor de anjos: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural*. Petrópolis: Vozes, 1997

_____. *O dossel sagrado. Elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 2004

BERGER, Peter & LUCKMANN, T. *Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido: a orientação do homem moderno*. Petrópolis: Vozes, 2005

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BÍBLIA. Português. *BÍBLIA de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

BINGEMER, Maria C. L. *A sedução do sagrado*. In: CALIMAN, Cleto (org.) *A sedução do sagrado*. Petrópolis: Vozes, 1998.

CAMON, Valdemar Augusto Angerami. *Existencialismo e Psicoterapia*. São Paulo: Traço, 1984, 1 v, 88 p.

_____. *Psicoterapia Fenomenológico-Existencial*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002, 158 p.

CASTRO, Dagmar Silva Pinto de. (org.) et al. *Existência e Saúde*. São Bernardo do Campo: UMESP, 2002, 256 p.

_____. *Fenomenologia e Análise do Existir*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2000, 368 p.

CATALAN, S.F. *O Homem e Sua Religião: enfoque psicológico*. São Paulo: Paulinas, 1999, 163 p.

CLÉMENT, Catherine & KAKAR, Sudhir. *A louca e o santo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997. 105

CRITELLI, Dulce Mára. *Análítica do Sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo: EDUC e Brasiliense, 1996, 140 p.

COELHO JUNIOR, A. G.; MAHFOUD, M. *As dimensões espiritual e religiosa da experiência humana: distinções e inter-relações na obra de Viktor Frankl*. Psicologia USP, vol.12, no. 2, São Paulo, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010365642001000200006&script=sci_arttext> Acesso em 13 nov. 2013.

COSTA, José Silveira da. *Max Scheler: o personalismo ético*. São Paulo: Editora Moderna. 1996

DYER, Donald R. *Pensamentos de Jung sobre Deus*. São Paulo: Madras, 2003.

DREHER, Luís Henrique. *A Essência Manifesta: a fenomenologia nos estudos interdisciplinares da religião*. Juiz de Fora: UFJF, 2003, 140 p.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares de vida religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1989.

EINSTEIN, Albert. *Como vejo o mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ENRIQUEZ, Eugène. *Da horda ao estado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1999.

FARIA, Emiliana S. H. de. *As contribuições do pensamento de Viktor Frankl para a educação*. 2006. 84 fls. Dissertação (Mestrado em Educação) – UNOESTE, Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, SP.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. *A Escuta e a Fala em Psicoterapia: uma proposta fenomenológica-existencial*. São Paulo: Vetor, 2000, 196 p.

FILORAMO, Giovanni.; PRANDI, Carlo. *As ciências das religiões*. São Paulo: Paulus, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova. Fronteira, 1975.

FIZZOTTI, E. *Conquista da liberdade: proposta da logoterapia de Viktor Frankl*. São Paulo: Paulinas, 1997.

FRANKL, Viktor E. *Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

_____ *Psicoterapia e Sentido da vida: Fundamentos da Logoterapia e análise existencial*. São Paulo: Quadrante, 2ª. ed, 1986.

_____ *Sede de Sentido*. São Paulo: Quadrante, 1989a.

_____ *Dar sentido a vida: a logoterapia de Viktor Frankl*. Petrópolis: Vozes. 1990a.

_____ *Psicoterapia para todos: uma psicoterapia coletiva para contrapor-se à neurose coletiva*. Petrópolis, Vozes, 1990b.

_____ *A questão do sentido em psicoterapia*. Campinas: Papirus. 1990c

_____ *Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo*. Aparecida, SP: Idéias& Letras, 17ª ed. 2005.

_____ *A presença ignorada de Deus*. São Leopoldo: Editora Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2007, 131 p.

_____ *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. São Leopoldo: Editora Sinodal. 2008.

_____ *O que não está escrito nos meus livros : memórias*. São Paulo: É Realizações, 2010.

_____. *A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia*. São Paulo, Paulus, 2011.

_____. *Logoterapia e Análise Existencial: textos de seis décadas*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária. 2012, 350 p.

FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. In: *Obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, vol. 21, 1974.

GOMES, Antônio Máspoli de A. *Eclipse da Alma: A Depressão e seu tratamento sob o olhar da psiquiatria, da psicologia, e do aconselhamento pastoral solidário*. São Paulo: Fonte Editorial Ltda, 2010, 290 p.

GOMES, Antônio Máspoli de A. e BARBOSA, Carlos Antonio Carneiro (orgs.). *Religião e Psique Psicologia Social: Estudos de Religião e Protestantismo*. São Paulo : Editora Reflexão, 2012.

GOMES, José Carlos Vitor – *Logoterapia: A psicoterapia existencial humanista de Viktor Emil Frankl*. São Paulo: Loyola, 2ª edição, 1992.

GOMES, W. B., HOLANDA, A. F., & GAUER, G. *Psicologia Humanista no Brasil*. Museu Virtual da Psicologia no Brasil. Net, Porto Alegre: Museu PSI. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/museupsi/brasilpsio.htm>. Acesso em: 06 dez. 2013.

HEIDEGGER, Martin. *El Ser y El Tiempo*. 5ª ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1927, 142 p.

_____. *Ser e Tempo*. Vol. 2. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. 5º Ed. Petrópolis RJ: Vozes, 1997.

JUNG, Carl G. *Psicologia e Religião*. Petrópolis : Vozes, 1990.

KIERKEGAARD, Soren. *O Conceito de Angústia*. Petrópolis-RJ : Vozes, 2011, 224 p.

MORAIS, Regis de. *Stress Existencial e Sentido da Vida*. São Paulo: Loyola, 1997, 156 p.

MOREIRA, Daniel Augusto. *O Método Fenomenológico na Pesquisa*. São Paulo: Thomson Pioneira, 2002, 152 p.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado*. Trad. João Gama e edições 70.

PAZINATO, Patrícia. *Angústia: um estudo fenomenológico existencial da relação do estudante de Psicologia com o portador de deficiência mental*. São Paulo: Dissertação de Mestrado defendida no Curso de Pós-graduação em Distúrbio do Desenvolvimento - UPM, 1998, 228 p. PEREIRA, Josias. *A Fé Como Fenômeno Psicológico*. São Paulo: Escrituras, 2003, 93 p.

PEREIRA, Josias. *A fé como Fenômeno Psicológico*. São Paulo: Escrituras, 2003, 93 p.

PETTENGILL, M. A. M. & Angelo, M. O sentido do cuidar da criança e da família na comunidade: a experiência da aluna de enfermagem. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 34(1), 2000.

PIAZZA, Waldomiro Octavio. *Introdução à Fenomenologia Religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1976, 206 p.

PIERI, Paolo Francesco *etal*. *Dicionário Junguiano*. São Paulo: Paulus e Rio de Janeiro: Vozes, 2002, 563 p.

REHGELD, Ari. "A Angústia". In: *DICHTCHEKENIAN, Maria Fernanda. Vida e Morte: ensaios fenomenológicos*, p. 87-98. São Paulo: Editora C.I., 1998, 150 p.

VOLTAIRE. *Dicionário Filosófico, Série Ouro*. São Paulo: Martin Claret, 2002, 502 p.

WEISSKOPF-JOELSON, Edith. Some Comments na a Viennese School of Psychiatry. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, n. 51, 701-3, 1995.

N972e Nunes, Claudio Luis

A experiência religiosa e o sentido da vida no pensamento de
Viktor Emil Frankl / Claudio Luis Nunes – 2014.

100 f.; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade
Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Maspoli de Araújo Gomes

Bibliografia: f. 96-100

1. Sentido da vida 2. Logoterapia I. Título II. Frankl, Viktor Emil,
1905-1997

LC RC480.5